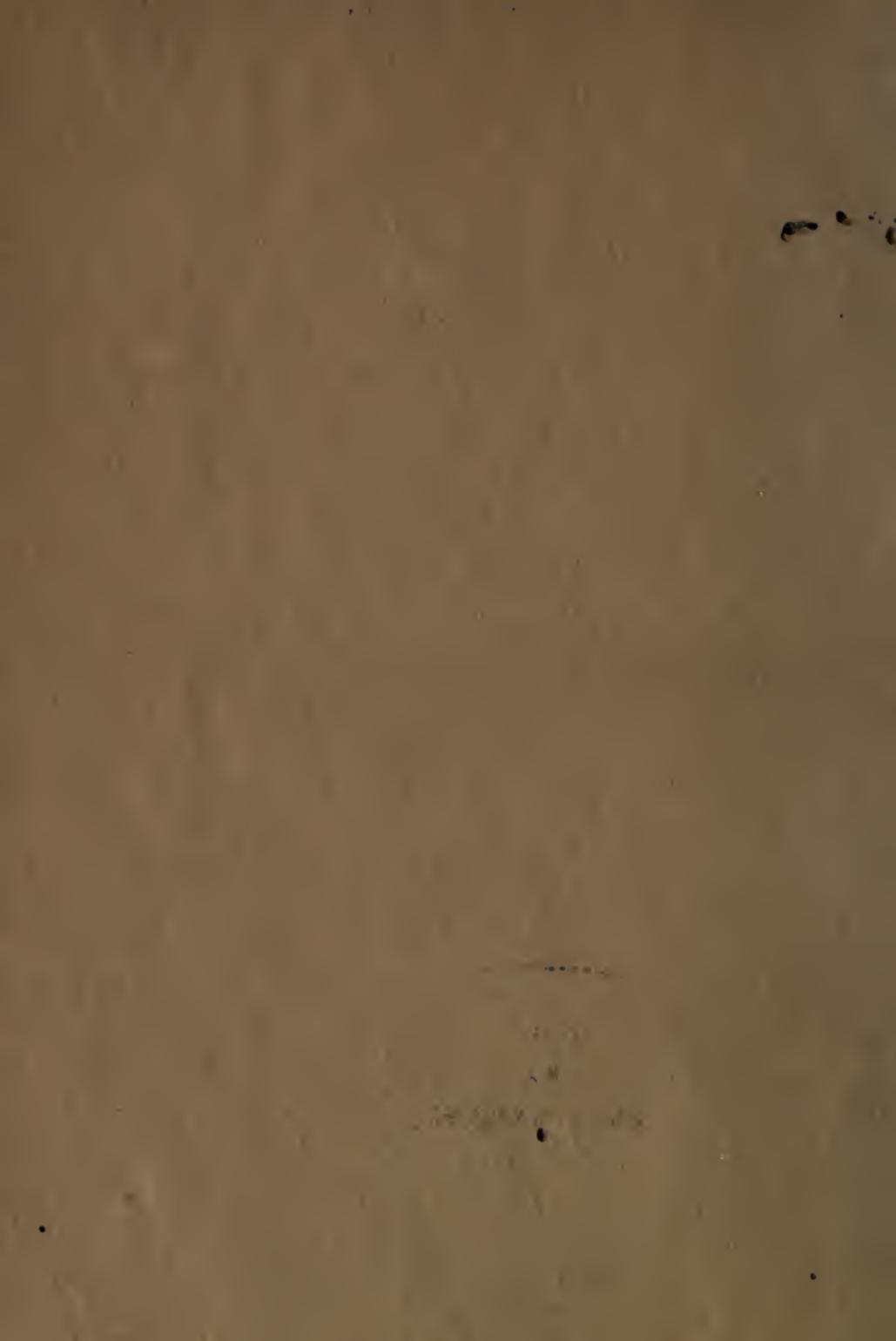




6 11/11
RB180,820



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 12

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE



BOOKS



OBRAS POÉTICAS

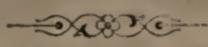
DE

Bruno

BOCAGE

Volume I — SONETOS

Manaos
Março de 1913



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA — EDITORA

1875

Handwritten scribbles and faint text at the top of the page.

Faint, illegible text in the middle of the page.

Handwritten scribbles and faint text at the bottom of the page.

PLANO PARA A EDIÇÃO

DAS

OBRAS DE BOCAGE



Bocage não deixou organizado o corpo completo das suas numerosas composições poeticas; portanto, para bem colligir essas obras, o systema racional está na combinação da ordem *historica*, até aonde fôr possível, com a disposição *dogmatica*, isto é, segundo a relação que existe entre os diversos generos lyricos. Começando pelos Sonetos, que excedem o numero dos que restam de Camões, abandonamos a classi-

ficção de *Sonetos eroticos*, — *Morões e devotos*, — *Heroicos e gratulatorios* — e *Joviaes e satyricos* da edição-innocenciana (1857). Esta disposição é arbitraria e sem rasão plausivel, por que confunde as differentes epocas da vida do poeta, e produz uma invencivel fadiga pela monotonia dos mesmos sentimentos.

Adoptamos a reunião dos Sonetos em um todo dogmatico, distribuindo-os segundo as epocas distinctas da vida de Bocage:

- 1.º *Periodo da vida militar* (1780 a 1787);
- 2.º *Periodo de expatriação* (1788 a 1790);
- 3.º *Periodo de luctas litterarias, e prisão* (1791 a 1797);
- 4.º *Periodo de desalento e morte* (1798 a 1805).

Sob esta classificação, embora sujeita a ratificações, a leitura dos Sonetos de Bo-

çage torna-se um longo drama subjectivo, cheio de verdade e de interesse, e ao mesmo tempo dá a quem estuda, os meios do recompôr por si mesmo as feições moraes d'este bello talento nacional.

the city of London
from the first settlement
to the present time
by John Stow

London Printed by I. B. for W. B. at the
Black-Swan in Old-Bath-street
1687

Printed by J. B. for W. B. at the
Black-Swan in Old-Bath-street
1687

SONETOS

PERIODO DA VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

1

Proposição das rythmas do Poeta

Incultas producções da mocidade
Exponho a vossos olhos, oh leitores:
Vêde-as com magoa, vêde-as com piedade,
Que ellas buscam piedade, e não louvores:

Ponderae da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lagrimas, e amores;
Notae dos males seus a immensidade,
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja apparencia
Indique festival contentamento,

Crêde, oh mortaes, que foram com violencia
Escriptos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependencia.

O auctor aos seus versos

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem belleza, e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lêrem sem ternura,
Lêr-vos-hão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, oh versos, cobardia
Da satyra mordaz o furor louco,
Da maldizente voz e tyrannia:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não póde cantar com melodia
Um peito, de gemer cançado e rouco.

3

Sonho

De suspirar em vão já fatigado,
Dando tregoa a meus males eu dormia;
Eis que junto de mim sonhei que via
Da Morte o gesto livido, e mirrado:

Curva foice no punho descarnado
Sustentava a cruel, e me dizia:
« Eu venho terminar tua agonia;
Morre, não penes mais, oh desgraçado! »

Quiz ferir-me, e de Amor foi atalhada,
Que armado de cruentos passadores
Apparece, e lhe diz com voz irada:

Emprega n'outro objecto os teus rigores;
« Que esta vida infeliz está guardada
Para victima só de meus furores. »

Contra a ingratiidão de Nize

Raios não peço ao creador do mundo,
Tormentas não supplico ao rei dos mares,
Vulcões á terra, furacões aos ares,
Negros monstros ao barathro profundo:

Não rogo ao deus d'amor, que furibundo
Te arremesse do pé de seus altares;
Ou que a peste mortal võe a teus lares,
E murche o teu semblante rubicundo:

Nada imploro em teu damno, ainda que os laços
Urdidos pela fé, com vil mudança
Fizeste, ingrata Nize, em mil pedaços:

Não quero outro despique, outra vingança,
Mais que ver-te em poder de indignos braços,
E dizer quem te perde, e quem te alcança.

5

Insomnia

Já sobre o coche d'ebano estrellado
Deu meio giro a noute escura e feia;
Que profundo silencio me rodeia
N'este deserto bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas Zephyro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia;
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,
Nem pia o mocho, ás trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo á sorte
Que o fio, com que está minha alma preza
A' vil materia languida, me córte:

Consola-me este horror, esta tristeza;
Porque a meus olhos se affigura a morte
No silencio total da natureza.

6

O collo de Marilia

Mavorte, porque em perfida cilada
O cruel moço aligero o ferira,
Não faz caso da mãe, que chora e brada,
Quer punir o traidor, que lhe fugira:

Na sinistra o pavez, na dextra a espada,
Nos igneos olhos fuzilante a ira,
Pula á negra carroça ensanguentada,
Que Bellona infernal co'as Furias tira:

Assim parte, assim vôa; eis que vê posto
No collo de Marilia o deus alado,
No collo aonde tem mimoso encosto:

Já Marte arroja as armas, e applacado
Diz, inclinando o formidavel rosto:
«Valha-te, Amor, esse logar sagrado!»

7

O Poeta livre das prisões d'Amor

Ao templo do propicio Desengano
A pródida Razão guiou meus passos;
Por ver-me, louco já, mordendo os laços,
Os duros laços de um amor profano:

Ajoelho ante o numen soberano,
Mostro-lhe os roxos, os captivos braços,
Dizendo-lhe:— « Gran deus, faze em pedaços
Os ferros, que me poz Amor tyranno!»

A deidade, inimiga da Esperança,
Me responde:— « Eu te livro do flagello
Que opprime os corações; mortal, descança.»

Eis que, brandindo um lucido cutelo,
Meus ferros corta, e logo da lembrança
Me escapa de Marfida o rosto bello.

Celebra as perfeições de Marilia

Não, Marilia, teu gesto vergonhoso,
A luz dos olhos teus, serena e pura,
Teu riso, que enche as almas de ternura,
Agora meigo, agora desdenhoso:

Tua candida mão, teu pé mimoso,
Tuas mil perfeições, crêr que a ventura
As guarda para mim, fôra loucura;
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso:

E que mortal em fim, que peito humano
Merece os braços teus, oh nympha amada?
Que Narciso? Que heróe? Que soberano?

Mas que lê minha mente illuminada!...
Céos!... Penetro o futuro!... Ah, não me engano;
De Jove para o thoro estás guardada.

9

Recordações de Filis

A loura Filis, na estação das flores,
Commigo passeou por este prado
Mil vezes, por signal trazia ao lado
As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
Que innocente affeição, que puro agrado
Me não viram gozar (oh doce estado!)
Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
Já Filis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fôsses eterno,
Tormento abrasador, negro ciume,
Serias tão cruel como os do inferno!

Louvando as graças de Marilia

Marilia, nos teus olhos buliçosos
Os Amores gentís seu facho accendem;
A teus labios voando os ares fendem
Ternissimos desejos sequiosos:

Teus cabellos subtis e luminosos
Mil vistas cegam, mil vontades prendem;
E em arte aos de Minerva se não rendem
Teus alvos curtos dedos melindrosos:

Reside em teus costumes a candura,
Mora a firmeza no teu peito amante,
A razão com teus risos se mistura:

És dos céos o composto mais brilhante;
Deram-se as mãos Virtude e Formosura
Para crear tua alma, e teu semblante.

11

Sobre a sepultura de Tirsalia

Negra fera, que a tudo as garras lanças;
Já murchaste, insensível a clamores,
Nas faces de Tirsalia as rúbras flores,
Em meu peito as viçosas esperanças:

Monstro, que nunca em teus estragos canças,
Vê as tres Graças, vê os nús Amores
Como praguejam teus crueis furores,
Ferindo os rostos, arrancando as tranças!

Domicilio da noute, horror sagrado,
Onde jaz destruida a formosura,
Abre-te, dá logar a um desgraçado:

Eis desço... eis cinzas palpo... Ah Morte dura!
Ah Tirsalia! Ah meu bem, resto adorado!...
Torna, torna a fechar-te, oh sepultura!

*

12

**Venus protege Elmira contra a vingança
d'Amor**

De Paphos o menino ardendo em ira,
Porque uma ingrata as suas leis detesta,
Tão grave insulto despicar protesta,
E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira:

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
Sobre a mão reclinada a nivea testa:
«Teu genio (diz) amansarei com esta
Farpa subtil» — e do carcaz a tira:

Mas a bella Acidalia, a quem sómente
Rende o travesso infante vassallagem,
Lhe apparece, e lhe grita: «Amor, detem-te!

«Tu, filho, que não soffres que me ultrajem,
Elmira vens ferir, irreverente!
N'ella de tua mãe não vês a imagem?»

13

Venus excedida por Marilia em
formosura

Oh tranças, de que Amor prisões me tece,
Oh mãos de neve, que regeis meu fado!
Oh thesouro! oh mýsterio! oh par sagrado,
Onde o menino aligero adormece!

Oh ledos olhos, cuja luz parece
Tenue raio do sol! Oh gesto amado,
De rosas e assucenas semeado,
Por quem morrêra esta alma, se podesse!

Oh labios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcissimos favores
Talvez o proprio Jupiter suspira!

Oh perfeições! oh dons encantadores!
De quem sois?... Sois de Venus? — É mentira;
Sois de Marilia, sois de meus amores.

14

Convite a Marilia

Já se affastou de nós o Inverno agreste
Envoltô nos seus humidos vapores;
A fertil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o subtil Nordeste
Os torna azues; as aves de mil côres
Adejam entre Zephyros, e Amores,
E toma o fresco Tejo a côr celeste:

Vem, oh Marilia, vem lograr commigo
D'estes alegres campos a belleza,
D'estas copadas arvores o abrigo:

Deixa louvar da côrte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!

15

Esperança amorosa

Grato silencio, trêmulo arvoredó,
Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
Hoje serei feliz! — Longe, temores,
Longe, phantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo
Entre os braços de Nize, entre estas flores
Furtivas glorias, tacitos favores
Hei de emfim possuir: porém segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façaes isto patente,
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:

Cale-se o caso a Jovê omnipotente,
Porque se elle o souber, terá ciumes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

16

Receios de mudança no objecto amado

Temo que a minha ausencia e desventura
Vão na tua alma, docemente acceza,
Apoucando os excessos da firmeza,
Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo que a tua singular candura
Leve o Tempo fugaz nas azas preza,
Que é quasi sempre o vicio da belleza
Genio mudavel, condição perjura:

Temo; e se o fado máo, fado inimigo,
Confirmar impiamente este receio,
Spectro perseguidor, que anda commigo,

Com rosto, alguma vez de magoa cheio,
Recorda-te de mim, dize comtigo:
« Era fiel, amava-me, e deixei-o. »

17

Achando-se avassallado pela formosura
de Jonia

Em quanto o sabio arreiga o pensamento
Nos phenomenos teus, oh Natureza,
Ou solta arduo problema, ou sobre a meza
Volve o subtil geometrico instrumento:

Em quanto, alçando a mais o entendimento,
Estuda os vastos céos, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza,
A distancia, o logar, e o movimento:

Em quanto o sabio, em fim, mais sabiamente
Se remonta nas azas do sentido
Á côrte do Senhor omnipotente:

Eu louco, eu cégo, eu misero, eu perdido
De ti só trago cheia, oh Jonia, a mente;
Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.

18

**Incitando-se a ganhar pela ousadia
a posse da sua amada**

Afflicto coração, que o teu tormento,
Que os teus desejos tacito devorás,
E ao doce objecto, ás perfeições que adoras,
Só te vás explicar c'o pensamento:

Infeliz coração, recobra alento,
Sécca as inuteis lagrimas, que choras;
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os vãos ao ditoso atrevimento.

Inflamma surdos ais, que o medo esfria;
Um bem tão suspirado, e tão subido,
Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor affoute-se o vencido;
Longe o respeito, longe a cobardia;
Morres de fraco? Morre de atrevido.

19

Recordações de Marília ausente

Por esta solidão, que não consente
Nem do sol, nem da lua a claridade,
Ralado o peito já pela saudade
Dou mil gemidos a Marília ausente:

De seus crimes a mancha inda recente
Lava Amor, e triumphá da verdade;
A belleza, apesar da falsidade,
Me occupa o coração, me occupa a mente:

Lembram-me aquelles olhos tentadores,
Aquellas mãos, aquelle riso, aquella
Boca suave, que respira amores . . .

Ah! Trazei-me, illusões, a ingrata, a bella!
Pintae-me vós, oh sônhos, entre flores
Suspirando outra vez nos braços d'ella!

Descrevendo os encantos de Marilia

Marilia, se em teus olhos attentara,
Do estellifero solio reluzente
Ao vil mundo outra vez o omnipotente,
O fulminante Jupiter baixara:

Se o deus, que assanha as Furias, te avistara
As mãos de neve, o colo transparente,
Suspirando por ti, do cahos ardente
Surgira á luz do dia, e te roubara:

Se a vêr-te de mais perto o sol descêra,
No aureo carro veloz dando-te assento
Até da esquiva Daphne se esquecerá:

E se a força egualasse o pensamento,
Oh alma da minha alma, eu te off'recêra
Com ella a terra, o mar, e o firmamento.

21

Lamenta solitario a perda da sua amada

O corvo grasnador, e o mocho feio
O sapo berrador, e a rã molesta,
São meus unicos socios na floresta,
Onde carpindo estou, de angustia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio...
Ah malfadado amor, paixão funesta!
Urselina perdi, nada me resta;
Madre terra! Agasalha-me em teu seio:

Da vibora mordaz permite, oh Sorte,
Que nos mattos asperrimos que piso
As plantas me envenene o tenue corte!

Ah! Que é das graças? Que é do paraizo?
A minha alma onde está? Quem logra... oh Morte,
Quem logra de Urselina o doce riso?

O Templo do Ciume

Guiou-me ao templo do lethal Ciume
A Desesperação, que em mim fervia;
O cabelo de horror se me arripia
Ao recordar o formidavel nume:

Fumegava-lhe aos pés tartareo lume,
Crespa serpe as entranhas lhe roía;
Eram ministros seus a Aleivosia,
O Susto, a Morte, a Cholera, o Queixume:

« Cruel! (grito em phrenetico transporte)
Dos socios teus, no barathro gerados,
Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte:

— « Cessa (diz) os teus rogos são baldados:
Querem ter-te no mundo Amor, e a Sorte,
Para consolação dos desgraçados.»

23

Pungido da realidade, procura allivio
nas illusões

Ancias terriveis, intimos tormentos,
Negras imagens, horridas lembranças,
Amargosas, mortaes desconfianças,
Deixae-me socegar alguns momentos:

Soffrei que logre os vãos contentamentos
Que sonham minhas doudas esperanças;
A posse de alvo rosto, e louras tranças,
Onde presos estão meus pensamentos:

Deixae-me confiar na formosura,
Cruéis! Deixae-me crêr n'um doce engano,
Blasonar de phantastica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior damno
Do que vagar nas trêvas da loucura,
Aborrecendo a luz do desengano?

Recreios campestres na companhia de Marilia

Olha, Marilia, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zephyros brincar por entre as flores?

Vê como alli beijando-se os Amores
Incitam nossos osculos ardentes!
Eil-as de planta em planta as innocentes,
As vagas borboletas de mil côres!

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares susurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eú te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

25

Desenganado do Amor, e da Fortuna

Fiei-me nos sorrisos da ventura,
Em mimos feminis, como fui louco!
Vi raiar o prazer; porém tão pouco
Momentaneo relampago não dura:

No meio agora d'esta selva escura,
Dentro d'este penedo humido e ouco,
Pareço, até no tom lugubre, e rouco
Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estancia para mim tão propria é esta!
Causaes-me um dôce, e funebre transporte,
Aridos matos, lobrega floresta!

Ah! não me roubou tudo a negra sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

À constancia de Dido

Arde em vão por Elisa, em vão porfia
Contra a constancia da heroína augusta
O barbaro senhor d'Africa adusta,
Que do sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe off'rece a vasta monarchia,
Aonde a espada atlantica robusta
Sustenta os céos, o caminhante assusta,
E horridos monstros indomaveis cria:

Não cede Elisa; e vendo que furioso
Usa da força o lybico tyranno,
Ella intrepida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano!
Dido infeliz foi victima do esposo,
Foi victima da fé, não do troyano.

27

Aos annos da senhora
D. Maria Joaquina de Mello

Ha pouco a mãe das Graças, dos Amores,
Gerada pela espuma cristalina,
Baixou da etherea região divina
Nas azas dos Favonios voadores:

« Oh das margens do Tejo habitadores!
Hoje torna a luzir (disse Ericina)
O ledo instante em que nasceu Marina,
Inclito fructo de inclitos maiores:

« Do céo, do mar, da terra os soberanos
Imprimindo-lhe encantos a milhares,
Crearam n'ella a gloria dos humanos:

« Eia, cantae-lhe os dotes singulares,
Louvae seus olhos, applaudi seus annos,
Queimae-lhe aromas, erigi-lhe altares.

Volvendo a amar de novo uma
dama despresada

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,
Confirmo os votos, que a traição manchára;
Fumam de novo incensos sobre a ara,
Que a vil ingratidão tinha abatido:

De novo sobre as azas de um gemido
Te off'reço o coração, que te aggravára;
Saudoso torno a ti, qual torna á cara
Perdida patria o misero banido:

Renovemos o nó por mim desfeito,
Que eu já maldigo o tempo desgraçado
Em que a teus olhos não vivi subjeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;
Que mais queres? Eu choro, e no meu peito
O punhal do remorso está cravado.

29

Celébra as graças de Elmira

Os suaves effluviós, que respira
A flor de Venus, a melhor das flores,
Exhalas de teus labios tentadores,
Oh doce, oh bella, oh desejada Elmira;

A que nasceu das ondas, se te vira,
A seu pesar cantára os teus louvores;
Ditoso quem por ti morre d'amores!
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrilego atheu, sem lei, sem siso,
Contemple-te uma vez, que então conhece
Que é força haver um Deus, e um paraíso.

Antepõe o amor de Jonia ás honras
e riquezas

Esses thesouros, esses bens sagrados
Para os cegos mortaes, bens de que abunda
Asia guerreira, America fecunda,
Filhos da terra, pelo sol gerados:

Honras, grandezas, titulos inchados.
Servil incenso, adulação jocunda,
Não quero, não, que sobre mim difunda
Amiga dextra de risonhos Fados:

Quero que as Furias horridas m'escoltem,
Quero que contra mim, que em vão deliro,
Os racionaes e irracionaes se voltem:

Quero da morte o formidavel tiro,
Com tanto, oh Jonia, que meus labios soltem
N'esses teus labios o final suspiro.

31

Consolações na tyrannia de uma ingrata

Meu fragil coração, para que adoras,
Para que adoras, se não tens ventura?
Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,
Folgando estão das lagrimas que choras?

Os dias vêes fugir, voar as horas
Sem achar n'elles visos de ternura;
E inda a louca esperança te figura
O premio dos martyrios, que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,
Que não has de vencer a inimidade
De um genio contra ti sempre tyranno:

A justa, a sacro-sançta divindade
Não fórça, não violenta o peito humano,
E queres constranger-lhe a liberdade?

À morte de uma formosa dama

Os garços olhos, em que Amor brincava,
Os rubros labios, em que Amor se ria,
As longas tranças, de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava:

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os niveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armania, á terra fria,
Pelo fatal poder que a tudo aggrava:

Seguiu-te Amor ao tacito jazigo,
Entre as irmãs cubertas de amargura;
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo!

Que ha no mundo que ver, se a formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo
Jazem no eterno horror da sepultura?

33

Queixumes contra um rival preferido

Não disfarces, Marília; por Josino
Já nos teus olhos a paixão flammeja;
E em que parte estará, que se não veja
O tenro deus, o aligero menino?

Inda que ostentes de animo ferino,
Ha quem teu niveo peito abraze, e reja;
Porém, Marília, dize-me qual seja
A causa justa de um amor tão fino?

N'esse, que as esquivanças te suavisa,
Encontras uma fêrvida ternura,
Um coração brioso, uma alma lisa?

Seus meritos quaes são?... Mas oh loucura!
Quem é feliz, que meritos precisa?
Que dons ha de mister quem tem ventura?

A Urselina distante

Urselina gentil, benigna, e pura,
Eis nas azas subtis de um ai cansado
A ti meu coração vôa alagado
Em torrentes de sangue, e de ternura:

Põe-lhe os olhos, meu bem; vê com brandura
Seu miseravel, doloroso estado;
Que nas garras da morte já cravado
A fé, que te jurava, inda te jura:

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
Palpa de Amor a victima innocente:

E por milagre d'elles, oh querida,
Verás cerrar-se o golpe, e de repente
Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

35

Queixas contra a ingratição de Marilia

Em veneno lethifero nadando
No roto peito o coração me arqueja;
E ante meus olhos horrido negreja
De mortaes afflicções espesso bando:

Por ti, Marilia, ardendo, e delirando
Entre as garras asperrimas da Inveja,
Amaldição Amor, que ri, e adeja
Pelos ares, c'os Zephyros brincando:

Recreia-se o traidor com meus clamores, —
E meu cioso pranto... oh Jove, oh nume
Que vibras os córiscos vingadores!

Abafa as ondas do tartareo lume,
Que para os que provocam teus furores
Tens inferno peor, tens o ciume.

Offerenda a Nize

Do arbusto, oh Nize, a Venus consagrado
Envisquei hoje um trêmulo raminho;
Pousou n'elle este incauto passarinho,
E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,
Corri, dizendo alegre:— Eu adivinho
Que ha de Nize estimar, que o meu carinho
Lhe dedique este musico do prado.

Disse; e no mesmo instante a simples ave
Desata a linda voz, e principia
Um canto harmonioso, agudo, e grave:

Ah! Por ser tua, entendo que dizia
Que a prisão mais gostosa, e mais suave
Que a propria liberdade encontraria!

37

Insomnia

Oh retrato da morte, oh Noute amiga
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretaria antiga!

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumás, ouve, em quanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, oh cortezãos da escuridade,
Phantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero faltar meu coração de horrores.

Festejando o dia natalicio de Anarda

Vinde, Prazeres, que por entre as flôres
Nos jardins de Cythéra andaes brincando,
E vós, despidas Graças, que dançando
Trinaes alegres sons encantadores:

Deusa dos gostos, deusa dos amores,
Ah! dos filhinhos teus ajunta o bando,
E vem nas azas de Favonio brando
Dar força, dar belleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
A cantar o natal; tu, por clemencia,
O teu fiel cantor, deidade, inspira:

Do thracio vate empresta-me a cadencia,
E faze que mereça a minha lya
Os candidos sorrisos da innocencia.

39

Lastimando-se da ingratidão de Nize

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,
Ao som da tempestade o nauta ousado,
Um, porque espera o fim do captivo,
Outro, antevendo o porto desejado:

Exposta a vida ao tigre mosqueado
Gira sertões o sofrego mineiro,
Da esperança dos lucros encantado,
Que anima o peito vil, e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido
Rompe o sequaz do horrífico Mavorte,
C'o triumpho, co'a gloria no sentido:

Só eu (tyranno Amor! tyranna sorte!)
Só eu por Nize ingrata aborrecido
Para ter fim meu pranto espero a morte.

40

O Ciume

Entre as tartareas forjas, sempre accezas,
Jaz aos pés do tremendo, estygio nume,
O carrancudo, o rabido Ciume,
Ensanguentadas as corruptas prezas:

Traçando o plano de crueis empresas,
Fervendo em ondas de sulphureo lume,
Vibra das fauces o lethal cardume
De horridos males, de horridas tristezas;

Pelas terriveis Furias instigado
Lá sáe do inferno, e para mim se avança
O negro monstro, de aspides toucado:

Olhos em braza de revez me lança;
Oh dôr! Oh raiva! Oh morte!... Eil-o a meu lado,
Ferrando as garras na viperea trança.

41

À esquivança de Armia

Pela porta de ferro, onde ululando
O cão trifauce está perpetuamente,
Entraste, Orphêo, co'a cythara eloquente
Os monstros infernaes domesticando :

Penedos com teus sons amontoando
Lá ergues Thebas, Amphion cadente ;
Pulsa Arion a lyra, e de repente
Vê delphins, vê tritões no mar dançando :

Tu, linguagem do céo, tu, melodia,
A tudo encantas, para tudo és forte,
Menos para aplacar a ingrata Armia :

Mais facil te ha de ser, domando a sorte,
Ir de novo á tartarea monarchia
Vêr outra vez o carcere da morte !

Desengano de Amor

Triste quem ama, cego quem se fia
Da feminina voz na vã promessa!
Aspira a vel-a estavel! Mais depressa
O facho apagará, que espalha o dia:

Alada exhalação, que na sombria
Tacita noute os ares atravessa,
Foi commigo a paixão voluvel d'essa
Que o peito me affagava, e me feria:

Do desengano o balsamo lhe applico,
E a teus laços, Amor, sem medo exponho
Dos beneficos céos o dom mais rico:

Vejo mil Circes placido, risonho;
E se fé me promettem, ouço, e fico
Como quem despertou de aereo sonho.

43

Amor triumphando da Magia

Busquei n'um ermo Alganã feiticeira,
Que de abrazado feixe a par jazia;
Fui vêr se atro conjuro me extorquia
Do laço antigo esta alma prisioneira:

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
Tracei meus males, e a rugosa estria
Cedendo ás ternas magoas, que me ouvia,
Cuspiu tres vezes na voraz fogueira:

Tremulas preces murmurou, e eu mudo;
Eis que as melenas em signal d'espanto
Erriça com semblante carrancudo:

« Meu rito é vão (me diz) e é vão teu pranto;
O poderoso Amor zomba de tudo,
Não vence encanto algum d'Amor o encanto. »

A Razão dominada pela Formosura

Importuna Razão, não me persigas;
Cesse a rispida voz que em vão murmura;
Se a lei de Amor, se a força da ternura
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Se accusas os mortaes, e os não abrigas,
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,
Deixa-me apreciar minha loucura,
Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projecto encher de pejo
Esta alma, fragil victima d'aquella
Que, injusta e varia, n'outros laços vejo:

Queres que fuja de Marilia bella,
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
É carpir, delirar, morrer por ella.

45

Queixumes contra os desprezos
da sua amada

Oh trevas, que enlutaes a natureza,
Longos cyprestes d'esta selva annosa,
Mochos de voz sinistra, e lamentosa,
Que dissolveis dos fados a incerteza:

Manes, surgidos da morada acceza
Onde de horror sem fim Plutão se gosa,
Não aterreis esta alma dolorosa,
Que é mais triste que vós minha tristeza:

Perdi o galardão da fé mais pura,
Esperanças frustrei do amor mais terno,
A posse de celeste formosura:

Volvei pois, sombras vãs, ao fogo eterno;
E lamentando a minha desventura
Movereis a piedade o mesmo inferno.

46

Visão amorosa

No carro de marfim sentada a Lua
Da antiga mãe das sombras triumphava,
Quando a furtivos gostos me guiava
Amor, a quem me entrega a sorte crua:

«Hoje (me disse o nume) ha de ser tua
A nympha mais gentil, que o Tejo lava;
Não deram tanta gloria á minha aljava
Nem Venus a carpir, nem Thetis nua:

«Ali dorme o teu bem... vê, que momento!...»
Olho, corro anhelante, aos pés lhe caio,
Mas tentando abraçal-a, abraço o vento:

Meu peito arqueja em subito desmaio;
Eis que sôa esta voz de horrendo accento:
«Profano! Expia o crime, e teme o raio!»

47

Recordações de uma ingrata

Inda em meu fragil coração fumeça
A cinza d'esse fogo em que elle ardia;
A memoria da tua aleivosia
Meu socego inda aqui desassocega:

A vil traição, que as almas nos despega,
Não tem cabal poder na sympathia;
Gasta o mar importuno a rocha fria,
Melhor que o desengano a paixão cega:

Bem como o flavo sol, que a terra abraça,
Por mais que o veja densamente opposto,
Attrahido vapor fere, e repassa:

Tal, para misturar gosto e desgosto,
Na sombra de teus crimes brilha a graça,
Com que o prodigo céo creou teu rosto.

48

Desejos da presença do objecto amado

Já o Inverno, espremendo as cans nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado;
Luz o aereo fuzil, e o mar inchado
Investe ao pólo em serras escumosas;

Oh benignas manhãs! tardes saudosas,
Em que folga o pastor, medrando o gado,
Em que brincam no hervoso e fertil prado
Nymphas, e Amores, Zephyros e Rosas!

Voltae, retrocedei, formosos dias:
Ou antes vem, vem tu, doce belleza
Que n'outros campos mil prazeres crias;

E ao vêr-te sentirá minha alma acceza
Os perfumes, o encanto, as alegrias
Da estação, que remoça a natureza.

49

Conjuros a Anarda, para que retribua
o seu amor

Mimosa, linda Anarda, attende, attende
Às doces magoas do rendido Elmano;
Co'um meigo riso, eo'um suave engano
Consola o triste amor, que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende
Meu coração, fiel para seu damno;
Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano
Sustenta o puro fogo, em que me accende:

Causa gentil das lagrimas que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto adoro o céo, teu rosto adoro:

O golpe, que me déste, amina e cura...
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
Não pertence a piedade á formosura.

50

Delirio amoroso

Meus olhos, attentae no meu jazigo,
Que o momento da morte está chegado;
Lá sôa o corvo, interprete do fado;
Bem o entendo, bem sei, fala commigo:

Triumphá, Amor, gloria-te inimigo;
E tu, que vês com dôr meu duro estado,
Volve á terra o cadaver macerado,
O despojo mortal do triste amigo:

Na campa, que o cubrir, piedoso Albano,
Ministra aos corações, que Amor flagella,
Terror, piedade, aviso, e desengano:

Abre em meu nome este epitaphio n'ella:
« Eu fui, ternos mortaes, o terno Elmano;
Morri d'ingratidões, matou-me Isbella. »

51

Deplorando a morte de Nize

Já no calado monumento escuro
Em cinzas se desfez teu corpo brando;
E pude eu vêr, oh Nize, o dôce, o puro
Lume dos olhos teus ir-se apagando!

Horridas brenhas, solidões procuro,
Grutas sem luz phrenetico demandando,
Onde maldigo o fado acerbo e duro,
Teu riso, teus affagos suspirando:

Darei da minha dôr contínua prova,
Em sombras cevarei minha saudade,
Insaciavel sempre, e sempre nova:

Té que torne a gosar da claridade
Da luz, que me inflammou, que se renova
No seio da brilhante eternidade.

Emprega o poder da magia para domar
a resistencia da sua amada

Oleno, meia-noute está cahindo:
Accende a véla azul, queima as verbenas,
Torra os ossos de rã, chamusca as pennas
Da esquerda gralha, que apanhei dormindo:

C'o pé, co'a vara o ar, e o chão ferindo
Em quanto o philtro portentoso ordenas,
Eu irei, e a meu brado ouvido apenas
Virão do inferno as Gorgonas surgindo:

Eia, avante o prestigio, não cessemos
Da irresistivel magica porfia,
Contra quem vê sem dó nossos extremos;

Que se hoje o fel tragâmos da agonia,
Amanhã dôce nectar libaremos
Tu nos braços de Nize, eu nos de Armia.

53

Imprecações contra uma ingrata

(Improvisado)

Vae-te, féra cruel, vae-te, inimiga,
Horror do mundo, escandalo da gente,
Que um ferreo peito, uma alma que não sente,
Não merece a paixão, que me affadiga:

O céo te falte, a terra te persiga,
Negras furias o inferno te apresente,
E da baça tristeza o voraz dente
Morda o vil coração, que Amor não liga:

Disfarçados, mortiferos venenos
Entre liquor suave em aurea taça
Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,
Que ainda por mais leves, mais pequenos
Os meus tormentos invejar te faça.

54

Protestos de constancia eterna

Não temas, oh Ritalia, que o choro,
O desvelado Elmano a fé quebrante,
Não desconfies do singelo amante,
Que tu podes, tu só, fazer ditoso:

Serena o coração tenro e cioso,
Que inda minh'alma te ha de ser constante
Se, primeiro que a tua, andar errante
Pelas margens do Lethes preguiçoso:

N'aquella ao sol inaccessivel parte,
Dos manes taciturnos entre o bando
Ao negro esquecimento hei de furtar-te:

E o pensamento aligero voando
Por abafados ares, visitar-te
D'ali virá, meu bem, de quando em quando.

55

Invocação á Noute

Oh deusa, que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso;
Estorva que os máos olhos do invejoso
Turbem d'amor os soffregos instantes:

Thetis formosa, tal encanto inspire
Ao namorado sol teu niveo rosto,
Que nunca de teus braços se retire!

Tarde ao menos o carro á Noute opposto,
Até que eu desfaleça, até que expire
Nas ternas ancias, no ineffável gosto.

56

Venus reconhecendo a superioridade
da belleza de Nize

Aquella, que na esphera luminosa
Precedendo a manhã, qual astro brilha,
Mãe dos Amores, das espumas filha,
Que o mar na concha azul passeia airosa:

Apenas viu sorrir Nize formosa,
A quem dos corações o deus se humilha,
Do cinto desatando a aurea presilha,
No regaço lh'o pôz, leda e mimosa:

« Não te é, bem sei (lhe diz) não te é preciso ;
Para attrahir vontades á ternura
Basta-te um gesto, basta-te um sorriso:

« Mas deves possuil-o, oh nympha pura,
Como trophéo, que dê ao mundo aviso
De que Venus te cede em formosura. »

57

Visão realisada

Sonhei que a mim correndo o gnideo nume
Vinha co'a Morte, c'o Ciume ao lado,
E me bradava:—« Escolhe, desgraçado,
Queres a Morte, ou queres o Ciume?

« Não é peor d'aquella fouce o gume,
Que a ponta dos farpões, que tens provado;
Mas o monstro voraz, por mim creado,
Quanto horror ha no inferno em si resume. »

Disse;—e eu dando um suspiro: « Ah! não m'espantes
Co'a vista d'essa furia!... Amor, clemencia!
Antes mil mortes, mil infernos antes! »

N'isto acordei com dôr, com impaciencia;
E não vos encontrando, olhos brilhantes,
Vi que era a minha morte a vossa ausencia!

O poeta assetteado por Amor

Oh céos! Que sinto n'alma! Que tormento!
Que repentino phrenesi me ancêa!
Que veneno a ferver de vêa em vêa
Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, dôce amada, o meu lamento;
Eis que esse deus, que em prantos se recrea,
Me diz: — «A que se expõe quem não recêa
Contemplar Urselina um só momento!

«Insano! Eu bem te vi d'entre a luz pura
De seus olhos travessos, e co'um tiro
Puni tua sacrilega loucura:

«De morte, por piedade hoje te firo;
Vae pois, vae merecer na sepultura
Á tua linda ingrata algum suspiro.»

59

Retrato de uma formosura esquiva

(Improvisado)

Da minha ingrata Flérída gentil
Os verdes olhos esmeraldas são;
É de candida prata a lisa mão,
Onde eu d'um beijo passaria a mil:

A trança, côr do sol, rede subtil
Em que se foi prender meu coração,
É d'ouro, o pae da tumida ambição,
Prole fatal do calido Brasil:

Seu peito delicado e tentador
É porção de alabastro, a quem jámais
Penêtraram farpões do deus traidor:

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,
Como ha de esta cruel sentir amor,
Se é composta de pedras, e metaes!

Predicção cumprida

Tragado o peito de crueis pezares,
Em doloroso e rabido transporte,
Contra Amor, de quem pende a minha sorte,
Voavam meus queixumes a milhares:

Eis que, desde os azues serenos ares,
Me grita o deus: — «Tua alma se conforte,
Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte
Ministros hão de ser dos meus altares:

«Aquella paz, aquelle gosto, aquella
Ventura, que até agora te hei negado,
Guardei nos olhos de Ritalia bella.»

Disse, e limpando o rosto amargurado,
Corro da nympha aos pés, encontro n'ella
Quanto Amor póde dar, e o Céu, e o Fado.

61

Pretendendo abrandar a esquiva
de Urselina

Despreza as azas, tímida Esperança,
Minha consolação, não desanimes:
Adeja, vòta; os cultos não são crimes,
Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de um coração que não descança,
Terno, benigno dó vae vêr se imprimes
Na formosa Urselina, ou se reprimes
Tenue porção de rispida esquivaça:

Chorosas preces, tremulo respeito
Exercita com ella, e tu, mimoso
Candido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o genio desdenhoso
Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito,
Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

Desesperança

Nize, das Graças e de Amor thesouro,
Voto implorado me firmava um dia,
Na face meiga a candida alegria,
Aos ventos derramada a trança d'ouro:

Eis que junto de nós ave de agouro
Tres vezes esvoaça, pausa, e pia;
Os ares prenhe sombra enlucta, esfria,
E o raio estragador cáe sobre um louro.

No repentino horror, que a scena altera,
Queria talvez dizer-me o fado
Que não tinha o meu bem alma sincera?

Ah! Só quiz persuadir um desgraçado
Que de o felicitar capaz não era
Nem a gloria de ser por Nize amado.

63

GLOSANDO O MOTTE:

«Morte, Juízo, Inferno e Paraíso»

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,
Em que estado infeliz, penoso, e duro!
Delido o coração de um fogo impuro,
Meus pezados grilhões adoro e beijo:

Quando te logro mais, mais te desejo,
Quando te encontro mais, mais te procuro,
Quando m'ó juras mais, menos seguro
Julgo esse dôce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados
Me desarreigam d'alma a paz, e o riso,
Sendo só meu sustento os meus cuidados:

E, de todo apagada a luz do siso,
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
«Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.»

64

GLOSANDO O MOTTE:

«Os roubos, que me fez a má ventura»

Eu deliro, Gertruria, eu desespero
No inferno de suspeitas e temores;
Eu da morte as angustias, e os horrores
Por ti mil vezes sem morrer tolero:

Pelo céo, por teus olhos te assevero
Que ferve esta alma em candidos amores;
Longe o prazer de illicitos favores!
Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! Não sejas tambem qual é commigo
A cega divindade, a Sorte dura,
A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi; mas valha-me a ternura,
Amor me valha, e pague-me contigo
«Os roubos, que me fez a má ventura.»

65

GLOSANDO O MOTTE:

« Nada se póde comparar contigo »

O ledo passarinho, que gorgêa
D'alma exprimindo a candida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpentêa:

O sol, que o céo diaphano passêa,
A lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da aurora alegre e pura,
A rosa, que entre os zephyros ondêa:

A serena, amorosa primavera,
O dôce auctor das glorias que consigo,
A deusa das paixões, e de Cythéra:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera,
« Nada se póde comparar contigo. »

Encarecendo as perfeições d'Armania

Oh terra, onde os seus dons, os seus favores
Derrama de aureo cofre a Natureza,
Que na estação de gelo, e da tristeza
Borda teus prados de verdura, e flôres:

Oh clima dos heroes, e dos amores,
Esmalte e perfeição da redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
Tantos olhos gentis, e encantadores:

Tu, que do grego errante e cauteloso,
Da mão que ao nada reduziu Dardania,
Tens em teus campos monumento honroso:

D'elles todos, oh patria, oh Lusitania,
O do Tejo é mais ledo, é mais viçoso;
Graças ao riso da celeste Armania.

67

Convicios a um seductor interesseiro,
e a uma belleza ingrata

Perverso estragador da formosura,
Alma corrupta, desleal, impía,
Onde interesse, amor, e aleivosia
Jazem com feia, e sordida mistura:

O fructo que produz tua ternura
São (que assombro!) a vileza, a tyrannia;
Sacrificas a tua idolatria
Com tuas proprias mãos em ara impura:

Que bruto coração, que torpe amante
Vende o seu gosto? Ah misera belleza,
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeu-se em formar-te a Natureza;
Divina te julguei pelo semblante,
Humana vejo que és pela fraqueza.

O poeta avassallado pelos olhos
de Corina

Vendo o soberbo Amor, que eu resistia
Ao seu poder com animo arrogante,
Mostrou-me um dôce, angelico semblante,
Que a propria Venus invejar devia:

Minha nescia altivez, minha ousadia
Em submissão troquei no mesmo instante;
E o deus tyranno, achando-se triumphante,
Com voz insultadora me dizia:

«Tu, que escapar ás minhas settas queres,
Vil mortal, satisfaze o teu desejo,
Vê, vê Corina, e foge, se poderes.»

«Amor, (lhe respondi) rendido a vejo;
Adoro os olhos seus, com que me feres,
Venero as tuas leis, teus ferros beijo.»

69

Prefere aos bens do mundo os agrados
de Marília

Honroso louro o capitão valente
Ganhe embora na fêrvida peleja;
Seu nome a fama espalhe, e geralmente
Com pasmo, e com respeito ouvido seja:

Embora o torpe avaro, o vil demente,
Que para os ferrolhar mil bens deseja,
De ricas peças de metal fulgente
Seus amplos cofres atulhados veja:

Embora de lisonjas incensado
Tenha o monarca ás suas leis sujeito
O povo mais feliz, mais afamado:

Que a mim, para que viva satisfeito,
Me basta possuir teu dôce agrado,
Ter lugar, oh Marília, no teu peito.

70

Uma esquivança vencida pelo poder
de Amor

Deitado sobre a relva Amor estava
Dormindo ao pé d'uma arvore sombria,
E n'um dos troncos pendurado havia
Prenhe de settas a damnosa aljava:

Flora então, que d'exempta blasonava,
E do infeliz Dorindo escarnecia,
Com soberba, sacrilega ousadia,
Quiz partir os farpões, que detestava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo
No bico de um dos ferros penetrantes,
Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

«Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
Onde estás? Vem, não temas, vem, Dorindo,
Que eu já não sou cruel como era d'antes.»

71

Às mãos de Marília

De cima d'estas penhas escabrosas,
Que pouco a pouco as ondas têm minado,
Da lua c'o reflexo prateado
Distingo de Marília as mãos formosas:

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!
Sinto-me louco, sinto-me encantado;
Ah! Quando ellas vos colhem lá no prado,
Nem vós, lyrios, brilhaes, nem vós, oh rosas!

Deuses! Céos! Tudo o mais que tendes feito
Vendo tão bellas mãos, me dá desgosto;
Nada, onde ellas estão, nada é perfeito.

Oh quem podéra unil-as ao meu rosto!
Quem podéra apertal-as no meu peito!
Dar-lhe mil beijos, e expirar de gosto!

72

Ao vêr o semblante da sua amada
annuveado de tristeza

Antes eu visse matador cutelo
Por mão ferina contra mim vibrado, -
Ou percesse o peito esmigalhado
Pelos golpes de rigido martelo:

Antes das Furias o infernal flagello
Sentisse, como Orestes malfadado,
E não das sombras d'afflicção turbado
O céo, Marilia, de teu resto bello!

Das faces orvalhada a neve pura,
Rouca a voz, e na terra a vista preza,
Te observo, sem-que morra d'amargura!

Tu d'esta sorte, angelical belleza?
Ai de mim! Quem terá prazer, ventura;
Se até pode no céo caber tristeza?

73

O Tempo offerece ao poeta seu auxilio
contra Amor

De emmaranhadas cans o rosto cheio,
De assacalada fouce armado o braço,
Gigantêa estatura, aspecto baço,
Um velho em sonhos vi, medonho e feio:

«Não tenhas, oh mortal, de mim receio;
O Tempo sou (me diz) eu despedaço
Os collossos, os marmores desfaço,
Prostro a vaidade, a formosura afeio:

«Mas sabendo a razão de teus pezares,
Pela primeira vez enternecido,
A falar-te baixei dos tenues ares:

«Soffre, por ora, o jugo de Cupido;
Que eu farei, quando menos o cuidares,
Que te escape Natercia do sentido.»

74

Goso phantastico

Debalde um véo cioso, oh Nize, encobre
Intactas perfeições ao meu desejo;
Tudo o que escondes, tudo o que não vejo
A mente audaz e aligera descobre:

Por mais e mais que as sentinellas dobre
A sisuda Modestia, o cauto Pejo,
Teus braços logro, teus encantos beijo,
Por milagre da idéa affouta, e nobre:

Inda que premio teu rigor me negue,
Do pensamento a indomita porfia
Ao mais dôce prazer me deixa entregue:

Que póde contra Amor a tyrannia,
Se as delicias, que a vista não consegue,
Consegue a temeraria phantasia?

75

Cedendo a seu pezar á violencia
do Destino

Das faixas infantís despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda innocente,
Iam ganhando as placidas Camenas:

Faces gentis, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente,
Da idéa me extraíam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino:

A Amor quiz esquivar-se, e ao dom sagrado:
Mas vendo no meu genio o meu destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.

Queixumes contra a mudança de Marília

Em quanto muda jaz, e jaz vencida
Do somno, que a restaura, a Natureza,
Augmento de meus males a graveza,
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma escurecida
Envolta nos horrores da tristeza,
Qual tocha, que entre tumulos acceza,
Espalha feia luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella
Velando Amor, velando a Desventura,
Algozes com que a Sorte me flagella:

Preside ao acto acerbo a formosura,
Marília desleal, Marília, aquella
Que tão branda me fôí, que me é tão dura.

77

As graças de Felisa preferiveis ás
honras e riquezas

Incense da Fortuna os vãos altares
Destra venal de astuto lisonjeiro;
Raios vibrando intrepido guerreiro
De nuvens de atro fumo assombre os ares:

Domando a furia de assanhados mares
Sagaz commerciante interesseiro,
Pejado o bojo do baixel veleiro
Opulento saúde os patrios lares:

A deusa, que por bocas cem respira
Acclame o sabio que medita, e véla,
Fertil em producções que o mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela
Na gloria de cantar ao som da lyra
Os olhos de Felisa, as graças d'ella.

Pede a Marilia consolações contra a
rudeza dos Fados

Minha alma se reparte em pensamentos
Todos escuros, todos pavorosos;
Pondero quão terriveis, quão penosos
São, existencia minha, os teus momentos:

Dos males que soffri, crueis, violentos,
A Amor, e aos Fados contra mim teimosos,
Outros inda mais tristes, mais custosos
Deduzo com fataes presentimentos.

Rasgo o véo do futuro, e lá diviso
Novos damnos urdindo Amor, e os Fados,
Para roubar-me a vida apoz do siso.

Ah! Vem, Marilia, vem com teus agrados,
Com teu sereno olhar, teu brando riso
Furtar-me a phantasia a mil cuidados.

79

Queixando-se dos desdens de uma
ingrata

Por industria de uns olhos, mais brilhantes
Que o refulgente sol dos céos no cume,
Jaz prezo entre os grilhões do idalio nume
O mais terno e sensível dos amantes:

Uma ingrata, exemplar das inconstantes,
Por genio, por systema, ou por costume,
Todo o fel da tristeza, e do ciume
Lhe verte sobre os miseros instantes:

Se com piedoso affago lhe suavisa,
Lhe engana alguma vez a dôr, que o mata,
Mil vezes com desdens o tyrannisa:

O laço aperta, e subito o desata...
Ah dôce encanto meu, gentil Felisa,
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata.

O Ciume, e Filena conjurados em damno
do poeta

Em sonhos na escaldada phantasia
Vi, que torvo dragão de olhos fogosos
Com afiados dentes sanguinosos
As tépidas entranhas me rompia:

Alva nympha louçã, que parecia
A mãe dos Amorzinhos melindrosos,
Raivosa contra mim, c'os pés mimosos
Mais o drago faminto embravecia:

De marmore a meu pranto, a meu queixume,
D'este mal, d'este horror sem dó, sem pena,
Via dos olhos meus sumir-se o lume:

Ah! Não foi illusão tão triste scena:
O monstro devorante era o Ciume,
A cruel, que o pungia, era Filena.

81

Anhelando vêr a imagem da amada
ausente

Dôce nume d'amor, se á bella Armia
Consagrei por teu mando a liberdade,
Dôce nume d'amor, se tens piedade
Do coração, que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noute fria
A minha amada, a minha divindade,
(Com seus olhos dourando a escuridade)
Pinta-me em lêdo sonho á phantasia:

Assome tão risonha, e tão brilhante
Como a rosea manhã no céo jocundo,
E as lagrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo,
E que vivo sem ella absorto, errante,
Perdido, amargurado, e só no mundo.

82

A paixão triumphante apesar do
raciocinio

O céo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a Natureza
Teu peito inficionou co'a vil torpeza
De ingrata condição, falaz, e impura:

Influiu-me os extremos da ternura
A constancia, o fervor, e a singeleza,
Esses dons mais gentis que a gentileza,
Dons, que o tempo fugaz não desfigura:

A pezar da traição, do fingimento
Que te infama, e desluz, se enleva e pára
Em ti, alma infiel, meu pensamento:

Nas paixões a razão nos desampara;
Se a razão presidisse ao sentimento,
Tu morrêras por mim, eu não te amara.

83

Na ausencia de Tirséa

Ás margens do Regaça cristalino
Nos olhos de Tirséa ardi contente,
Brandos olhos gentis, dos quaes pendente
Estava o meu prazer, e o meu destino :

O tenro deus, o candido menino
Pagava meu fervor puro, innocente;
Mas cêdo me impelliu a sorte inclemente
Para vós, tristes margens, que abomino:

Aqui desde que aponta a luz phebêa
De logar em logar deliro, e corro,
Com suspeitas nutrindo a turva idêa.

Não posso contra Amor achar soccorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa,
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

Insufficiencia dos dictames da razão
contra o poder de Amor

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vae carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo
Como fervem no pego as crespas vagas :

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás n'elle (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ancias venenosas chagas :

Cego a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror co'a idéa eu corro,
Solto gemidos, lagrimas derramo :

Razão, de que me serve o teu soccorro ?
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
Dizes-me que socegue, eu peno, eù morro.

85

« Como é no mundo Amor quinto elemento,
Que tem dos gostos uma e outra chave. »

Pereira, *Ullyss.*

Debalde contra Amor seu fel derrama
Genio feroz á natureza opposto ;
Crua sphinge infernal de humano rosto,
Ou furia acceza na tartarea flamma.

Esse, a que astuto engano um vicio chama,
Benigno sentimento em nós disposto,
Brota o desejo percursor do gosto,
Cria o preciso ardor, que a tudo inflamma :

Doura a negra existencia ao desgraçado,
Do peito arranca as serpes da tristeza,
A que inda o mais feliz não foi vedado :

Ventura, ao dôce Amor tu andas preza ;
É de todo o vivente instincto, e fado,
É teu quinto elemento, oh Natureza !

Amor triumphando da ausencia,
e do tempo

Tu, que na fouce de sanguineo gume
Tens fera, estragadora omnipotencia,
Como soffres de Amor a resistencia,
Oh Tempo devorante, oh impio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,
Que tornas o desvelo em somnolencia,
Filha do Lethes, esquecida Ausencia,
Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros c'o prazer morre a firmeza,
Arrefece a paixão de dia em dia,
Longe dos olhos porque fora acceza :

Mas em mim terno ardor já mais esfria ;
Por gloria da constancia, ou da belleza,
Triumpham no meu peito Amor e Armia.

87

Insensatez dos ciumes

Que idéa horrenda te possue, Elmano?
Que ardente phrenesi teu peito inflamma?
A razão te allumie, apaga a chamma,
Reprime a raiva do ciume insano:

Esperanças consome, ou vive ufano,
Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama;
Ama-te a bella Armia, ou te não ama?
Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes
Os olhos de que estás enfeiticado,
Do puro céo de Amor benignos lumes:

Se outro n'alma d'Armia anda gravado,
Que fructo has de colher dos vãos ciumes?
Ser odioso, além de desgraçado.

Dictado para a campa

Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte,
Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gosto:
Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto
A nevoa, as ancias, o suor da morte:

Á terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulchro mal composto
Der ao frio cadaver frio encosto,
Estes versos por dó na pedra córte:

« Aqui se esconde Elmano ; alegre estado
Algum tempo deveu á amiga estrella,
Foi de Armia amador, de Armia amado:

« Desuniu duro caso o triste, e a bella;
Viver sem ella lhe ordenava o fado;
Quiz antes o infeliz morrer por ella. »

89

À memoria de Marília

Aureo fio subtil, que teve unida
A corpo immaculado uma alma pura,
De mimoso estalou, e a sepultura
Ficou do teu despojo enriquecida:

De mil graças lustrosa a dôce vida
Subiu ao cume da immortal ventura;
Dous numes — Innocencia, e Formosura —
Vão dando ao mundo eterna despedida:

Lá onde a morte, e a terra te devoram,
Na estância do silencio, e da tristeza,
Inda, Marília, corações te adoram:

Longe da tua divinal belleza
Aos olhos que te viram, que te choram,
Um tumulo parece a natureza.

A Armia ausente

Vem, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,
Que afflicto, que saudoso a cada instante
Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flôres mais gentis em teu semblante
Que a flôr de cytheréa, a flôr brilhante,
Que o mesmo Abril prefere a quantas cria:

Inimiga de Amor é a tardança:
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sofrega esperança:

Vem olhar n'este rio as faces bellas,
Vem, por dôce illusão da similhaça,
Ver enganar-se os Zephyros com ellas.

91

O Poeta encadeado a seu pezar
em novos laços

Do carcere materno em hora escura,
Em momento infeliz, triste, agourado,
Me desaferrolhou terrivel Fado,
Meus dias commettendo á Desventura:

Perigosas sementes de ternura
Havia o deus feroz em mim lançado;
Que mil azedos fructos tem brotado,
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despotica belleza,
Remir-me de impia lei, que me domina,
Tento, e desmaio ao começar a empreza:

Oh poder da paixão, que me hallucina!
Oh cego Amor! Oh fragil Natureza!
N'alma busco a razão, e encontro Alcina.

*

Exprobrando a Alcina a sua ingratição

Egual ingratição, e egual vileza
Poucos hão de encontrar entre as ruinas
Que Amor prepára: prodiga de Alcinas
Não é (graças aos céos!) a natureza:

Genio de furia, monstro de torpeza,
Que o pejo afogas, que a traição refinas,
São as Julias, as Laias, as Messalinas
A par de ti modelos de pureza.

Não temas, infiel, que á terra chame
O raio, que reluz na mão do Eterno,
Para que em negras cinzas te derrame:

Rasguem-te as garras do remorso interno
O coração corrupto, o peito infame;
Lá tenho um vingador, lá tens o inferno.

93

A Estancia do Ciume

Ha um medonho abysmo, onde baquêa
A impulsos das paixões a humanidade;
Impéra ali terrivel divindade,
Que de torvos ministros se rodêa:

Rubro facho a Discordia ali menêa,
Que a mil scenas de horror dá claridade;
Com seus socios, Traição, Mordacidade,
Range os dentes a Inveja escura e fêa:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando
O ferro de sanguento hervado gume,
E a toda a natureza ameaçando:

Vê-se arder, fumegar sulphureo lume...
Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!...
Mortaes, não é o inferno, é o Ciume!

.94

Queixas contra Ismene na solidão

Ás aguas, e ás arêas d'este rio
Ás flôres, e aos Favonios d'este prado,
Meus damnos conto, minhas magoas fio,
Dou queixas contra Ismene, Amor, e o Fado:

A paz do coração posta em desvio,
O gosto em desenganos suffocado,
Lágrimas com lembranças desafio,
E pela tarda morte ás vezes brado:

Tãõ maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto pode a paixão que em mim suspira,
Que se esquecem das mães os cordeirinhos:

O vento não se meche, nem respira;
Deixam de namorar-se os passarinhos,
Para me ouvir chorar ao som da lyra.

95

O suspiro

Voae, brandos meninos tentadores,
Filhos de Venus, deuses da ternura,
Adoçae-me a saudade amarga, e dura,
Levae-me este suspiro aos meus amores:

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores
Que influe nos corações a formosura;
Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,
A outro off'rece o bem de que me affasta,
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho:

Quando um d'elles soltar na esphera vasta,
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho;
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

Persuadindo Armia a que recompense
a sua ternura

Não dê, encanto meu, não dê, Armia,
Ternas lamentações ao surdo vento;
Se amorosa impaciencia é um tormento,
Com ledas esperanças se allivía:

A rigorosa mãe, que te vigia,
Em vão nos prende o lucido momento
Em que solto, adejando o pensamento,
Sóbe ao cume da gloria, e da alegria:

As fadigas d'Amor não valem tanto
Como a dôce, a furtiva recompensa
Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto:

Amantes estorvar, que astucia pensa?
Tem azas o desejo, a noute um manto,
Obstaculos não ha, que Amor não vença.

97

Luctando em vão com as memorias
d'uma ingrata

Fataes memorias da traidora Alcina,
D'aquella que encantou meu pensamento;
Se vos quero sumir no esquecimento,
Não o consente Amor, que me domina.

Que é da razão, que as almas illumina?
Porque não põe limite a meu tormento?
Ah! que mal que a definem, se exp'rimento
Que não póde evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não` sabe ella murmura;
Deixando-me os effeitos perigosos
De amorosa, phrenetica amargura:

E inda são para mim menos penosos
Os horrores da minha desventura,
Que a vista, que o prazer dos venturosos.

Descrevendo uma noute tempestuosa

O céo, de opacas sombras abafado,
Tornando mais medonha a noute fêa;
Mugindo sobre as rochas, que saltêa,
O mar, em crespos montes levantado:

Desfeito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a solta arêa,
O passaro nocturno, que vozêa
No agoureiro cypreste 'além pousado;

Formam quadro terrível, mas acceito,
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza
Do ciume, e saudade, a que ando affeito:

Quer no horror egualar-me a natureza;
Porém cança-se em vão, que no meu peito
Ha mais escuridade, ha mais tristeza.

99

À memoria de Ulina

Sonho, ou vélo? Que imagem luminosa,
Esclarecendo o manto á noute escura,
A meus olhos pasmados se affigura,
Sobpêa a tua dôr, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o céo não gosa,
A clareza do sol não é mais pura...
Que encanto! Que esplendor! Que formosura!...
Cahiu-te um astro, abobada lustrosa!...

Sorrisos da purpurea madrugada,
Vós tão gratos não sois... Ah! Como inclina
A face para mim branda, apiedada!

Refulgente visão, tu és de Ulina;
Tu és copia fiel da minha amada,
Ou reflexo talvez da luz divina.

100

Receando ser supplantado por um rival

Em verso torneado ao som da lyra
Eu canto amor, a formosura eu canto;
Por teus olhos gentis, que podem tanto,
Arde meu coração, treme, suspira:

Audaz competidor, esse que aspira
De teus carinhos ao celeste encanto,
Grosseiro e carrancudo infunde espanto,
Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vê-lo assim, e ao vêr minha amargura,
Mal que elle a ti dirige a vista acceza,
Todos ao meu temor chamam loucura:

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza;
Não receio o rival, temo a Ventura,
Porque o póde vingar da Natureza.

101

O Ciume reinando ainda no sepulchro

Se, victima da ingrata, e do tyranno
Que fazem lastimosa a tua sorte,
Ao pezo de phrenetico transporte
Ceder teu coração, misero Elmano:

Se áquelle que o teu mal contempla ufano
Quizer teu fado que o prazer lhe aborte;
Se nas garras tambem da turva morte
Conhecer que a ventura é dôce engano:

Se o seu despojo em fim se unir contigo,
Para que nem, oh triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,
Revoltas pelo horror, pelo odio antigo,
Hão de em negro montão fugir das suas.

À memoria de Anarda

Voaste, alma innocente, alma querida,
Foste vêr outro sol de luz mais pura,
Falsos bens d'esta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida:

Por Deus chamada, para Deus nascida
Já de vãs illusões vives segura:
Feliz a fé te crê; mas a ternura
C'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos fados de quem mora
No palacio do eterno soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste que te adora:
Tal é a condição do peito humano;
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

103

Conseguindo libertar-se de uma paixão
mal correspondida

Já de novo a meus olhos apparecem
A graça, o riso, as flores da alegria;
Já na minha teimosa phantasia
Cuidados que velavam adormecem:

Co'a verdade illusões se desvanecem,
Qual foge o triste mocho á luz do dia;
Providente Razão, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxilios descem.

Como, céga paixão, nos persuades!
Quando em Marcia não vi senão belleza
Julguei que dava gloria ás divindades:

Mas de sacro fulgor co'a mente acceza
Noto-lhe o coração, e as falsidades,
Vejo que faz injuria á Natureza.

Variedade dos effeitos d'Amor

Nascemos para amar; a humanidade
Vae tarde, ou cedo aos laços da ternura:
Tu és dôce attractivo, oh formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gosto a libêrdade;
E depois que a paixão n'alma se apura,
Alguns então lhe chamam desventura,
Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas,
Qual em suaves jubilos discorre,
Com esperanças mil na idéa accezas:

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre;
E, segundo as diversas naturezas,
Um porfia, este esquece, aquelle morre.

105

Notando insensibilidade na sua amada

A frouxidão no amor é uma offensa,
Offensa que se eleva a grau supremo;
Paixão requer paixão; fervor, e extremo
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diff'reença!
Eu descóro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,
Em sombras a razão se me condensa:

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que um coração pouco amoroso
Quizera vêr-te uma alma ingrata, e dura:

Talvez me enfadaria aspecto iroso;
Mas de teu peito a languida ternura
Tem-me captivo, e não me faz ditoso.

106

Vendo-se prezo nos laços de uma
dama venal

Nos torpes laços de belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento;
E forçada ao servil abatimento
Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil, e exempto,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura:

Se a vejo repartir prazer, e agrado
Áquelle, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixeza?
Quem tão cégo me pôz?... Ah! Foi meu fado,
Que tanto não podia a natureza.

107

Disposto a acompanhar ao jazigo
a sua amada

Perdi tudo (ai de mim!) perdi Marfida,
Marfida, a gloria minha, a minha amada;
Tenra flôr, a esperança mallograda
Do mimoso matiz caíu despida:

Pede meu coração mortal ferida,
Só aos ditosos a existencia agrada;
Vida entre angustias equivale ao nada,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!
Phantastico terror não te reporte,
Nos tumulos não reina a formosura.

Diga triste letreiro a minha sorte;
Dae-me piedosa sombra á sepultura
Teixos, cyprestes, arvores da morte.

108

À morte de Armia

Da rama escura de lethal cypreste
Em sonhos vi c'roada a bella Armia;
Alvas, mimosas carnes lhe envolvia
Da negra morte a luctuosa veste:

Vagueava o meu bem n'um ermo agreste,
Onde o mocho agoureiro se carpia,
Não tão meiga e gentil como algum dia,
Mas inda conservava um ar celeste:

« Esta que vês (me disse em tom magoadó)
Que não creste mortal, mas divindade,
É sombra vã, phantasma inanimado. »

Eis ferido de amor, e de saudade,
Grito, acórdó, e seguiu-se (oh duro fado!)
Á funesta visão fatal verdade.

109

A Marilia, em seu dia natalicio

Lá onde o Fado impenetravel mora,
Vôa o menino Amor entre os Amores;
Loureja a trança, que matizam flôres,
Scintila o facho, que a Razão devora:

Entra, saúda o nume, ao nume implora
Que de Marilia os olhos tentadores
Vejam sempre ante as Graças, e os Louvores
De seus annos gentis surgir a aurora:

Fronte rugosa vezes tres sacode
O deus, cujo poder tudo atropella,
E ás supplicas d'Amor d'est'arte acode:

« Escape ás minhas leis Marilia bella,
Seja, seja immortal: durar não pode
O mundo sem amor, amor sem ella. »

Reflectindo sobre a instabilidade da con-
dição humana

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?
Quantas vezes, Razão, me tens curado?
Quam facil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em grau venerando, alto e luzido,
Como que até regia a mão do fado,
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado
Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as azas corte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervallo da existencia á morte!

Travam-se gosto, e dôr; socego, e lida;
É lei da natureza, é lei da sorte
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

111

Ao Somno, para que lhe represente
a imagem da amada

Oh tu, consolador dos malfadados,
Oh tu, benigno dom da mão divina,
Das magoas saborosa medicina,
Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cançados,
Cançados de velar, teu vôo inclina;
E vós, sonhos d'amor, trazei-me Alcina,
Dae-me a dôce visão de seus agrados:

Filha das trevas, frouxa somnolencia,
Dos gostos entre o férvido transporte
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! findou para mim tão lêda sorte;
Agora é só feliz minha existencia
No mudo estado, que arremeda a morte.

112

À inconstancia de Inalia

Quando á que me rendeu jurava ufano
Gostar por ella do funereo instante,
Dizia a dôce amada ao terno amante:
« Inalia morrerá, se morre Elmano! »

O Tempo, das paixões, dos bens tyranno,
Tornou ferino o divinal semblante,
E nos labios gentis voz fulminante
Vibrou, vibrou-me um raio; — o desengano!

Esperanças, murchae; tu, lisongeiro
Sonho adoravel, com que o ser mantive,
Dezfaze-te em meu ponto derradeiro:

Mas as cinzas do amante Amor não prive
Dos ais d'escravos seus: triste letreiro
Diga: — « Elmano morreu, e Inalia vive. »

113

A uma dama, que lhe pedia quizesse
retratal-a

(Improvisado)

Póde o tosco pincel, que mal sustento,
Pintar ousado divinal belleza?
Oh! Quanto fôra temeraria empreza!
Pagára icaria sorte o louco intento.

Não pinta humana penna um tal portento,
Milagre da sublime natureza;
Tens mais alto pintor, que não despreza
Pintar-te... a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, oh d'entre as bellas bella;
E baixará dos céos fiel soccorro
P'ra traçar-te a paixão, que me flagella?

Deliro, amavel Jonia; em vão discorro;
Confunde-me a afflicção que me atropella,
Mal sei balbuciar que por ti morro.

114

GLOSANDO O MOTTE:

«Da lembrança riscar-te, ah quem podéra!»

Em fragil lenho o pelago cruzando,
Nos turbilhões das vagas envolvido,
A razão se me esvae, perco o sentido,
Na triste vida minha imaginando:

Cêdo a Morphêo: — a mente fluctuando
Põe ante mim o deus, que impera em Gnido,
Do arco aguda setta enfurecido
Vae ao peito de Analia disparando:

Trémulo, insano, exausto, delirante,
Brado ao numen feroz: — «Espera, espera,
Não firas, poupa um coração constante.»

N'isto o deus mostra o coração da fera;
Vi-te, pérfida, e disse agonisante:
«Da lembrança riscar-te, ah quem podéra!»

115

A Marilia, no seu dia natalicio

Quiz, Marilia gentil, cantar teu dia,
Teu dia grato a Amor, grato á ventura,
Pintar-te a graça, o riso, a formosura,
Principios de ineffavel sympathia:

Ao pae da claridade, e da harmonia
Roguei canções de singular brandura;
Mas sempre mais e mais a mente escura
N'um tumulto de idéas se perdia:

Eis o deus, que da aurora aviva os lumes, ·
Me diz: — « Porque tens nome entre os humanos,
Objectos divinaes cantar presumes?

« Subjuga dentro-d'alma os sons profanos;
Muda em culto o louvor; celebrem numes,
Mortaes adorem de Marilia os annos. »

116

**A Marcia, pedindo-lhe a confirmação
do seu amor**

Tu és meu coração, tu és meu nume;
Não vive para mim do mundo o resto;
A morte, a vida, os céos, meu fado attesto,
Meu fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, rispido queixume
Os mimosos ouvidos te molesto;
Dias d'ouro, e de amor (ah!) toldo, empésto
Co'as trevas mais que horriveis do ciume.

Olho-te as graças, olho-te a belleza,
E cuido que enfeitiças por meu dâmmo
Quantos entes abrange a natureza!

Soccorre, dôce Marcia, o triste Elmano;
Oh! Que infernal tormento o da incerteza!
Ao menos é só morte o desengano.

117

A memoria de Armia

Quando meu coração de Amor vivia,
(Ufana a liberdade em vêr-se escrava)
E quando para mim se variava
O céo n'um riso, o ceo n'um ai d'Armia :

Das escuras irmãs a mais sombria,
E que mais com seu pezo o mundo aggrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia :

Não mais, Dôr, fado meu, Dôr, meu costume;
Cêdo a paz gosarei, que o peito anhela,
Nos olhos do meu bem, do céo já lume :

Junto á nympha immortal na estancia bella
Os dias perennaes, que vive um nume,
Irei (nume em ser seu) viver com ella.

Aguardando uma entrevista promettida.

Noute, amiga de Amor, calada, escura,
Eia engrossa os teus véos, os teus horrores ;
Em quanto vou gosar de mil favores
Sobre o dôce theatro da ternura :

Marilia, mais gentil, e até mais pura
Que as ledas Graças, que as mimosas flôres,
Velando ás mudas horas dos Amores
Recêa o casto pejo, que murmura :

Em deleitoso e tacito retiro,
Suspensa entre o temor, entre o desejo,
Fluctua a bella, a cuja posse aspiro :

Ah! já nos braços meus a aperto e beijo!
Já, desprendendo um languido suspiro,
No seio do prazer se absorve o pejo.

119

A uma donzella de extrema belleza, e de
rara virtude, morta na flôr dos annos

De homens e numes suspirado encanto,
Lilia, innocente como virgem rosa,
Lilia mais branda, Lilia mais formosa
Que a nympha etherea, de puniceo manto:

Eu, e os Amores, que perderam tanto,
Damos-te ás cinzas oblação mimosa;
Curva goteje minha dôr saudosa
Na molle off'renda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado, perennal retiro,
Disponho ao som de languidas querélas,
A rosa, o cravo, a tulipa, o suspiro:

Medrae no chão de amor, florinhas bellas...
Ah! Lilia, eu goso o céo!... Lilia, eu respiro
Tua alma pura na fragrancia d'ellas!

Nos faustos annos do Senhor Antonio José
Bernardo da Gama Faria e Barros,
em Setubal

Da fria habitação, da vitrea gruta
Alça o Calipo a fronte salitrosa;
E risonho pentêa a nunca enxuta
Alva melena, rispida, e limosa:

Em torno d'elle a modular se escuta
Chusma de nymphas candida, e formosa;
Dos ventos o tropel bramindo lucta
Lá na eolia masmorra cavernosa:

Dando lascivos osculos nas flôres
Gratos effluvios Zephyro derrama,
Desfaz do inverno os madidos vapôres:

Almo prazer os corações inflamma,
Tudo respira amor, tudo louvores
Ao festivo natal do illustre Gama.

121

A' lamentavel catastrophe de D. Ignez
de Castro

Da triste, bella Ignez, inda os clamores
Andas, Echo chorosa, repetindo;
Inda aos piedosos céos, andas pedindo
Justiça contra os impios matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
De quando em quando as nayades carpindo;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe irado a barreira, alaga as flôres:

Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulchro vôa:

Milagre da belleza, e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'rôa
A malfadada Ignez na sepultura.

A' morte de sua irmã D. Maria Eugenia
Barbosa du Bocage, fallecida na
flôr da edade

De radiosas virtudes escoltada
Déste immaturo adeus ao mundo triste,
Co'a mente no almo polo, aonde existe
Bem, que sempre se gosa, e nunca enfada:

Á fouce, a segar vidas destinada,
Mansissima cordeira o collo uniste;
O que é do céo ao céo restituiste,
Restituiste ao nada o que é do nada:

E inda gêmo, inda choro, alma querida,
Teu fado amigo, tua dita immensa,
Que em vez de pranto a jubilo convida!

Ah! Pio acordo minha mágoa vença;
É captiveiro para o justo a vida,
A morte para o justo é recompensa.

123

A um velho maldizente

Tu, maligno dragão, cruel harpia,
Monstro dos monstros, furia dos infernos,
Que em vil murmuração, raios eternos
Estragas sem descanso a noute, e o dia:

Tu, que nas horas, em que o môcho pia,
Calumniaste meus suspiros ternos,
Sacode a carga de noventa invernos
Nas descarnadas mãos da morte fria:

Cáe de chofre no barathro profundo,
Cáe nas entranhas da voraz fornalha,
Deixa em socego o miseravel mundo:

E entre a maldicta, reprobá canalha,
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,
Arde, murmura, amaldiçôa, e ralha.

*

A G... P... S... M...; apontador no Arsenal
da Marinha

Aquelle que ali vês, rosto maldicto,
No sexto camarote vinculado,
É novo apontador, novo morgado,
Sacerdote fiel do hebraico rito:

A basofia entre a crença o põe afflicto
Pela insignia, que traz ao peito inchado;
Por fóra quer mostrar-se homem honrado,
Em casa piza a cruz, e o sambenito:

Agora elle aspirava a nova graça
D'um tal principe herdar de preto couro,
Por ter parte a mulher na fusca raça:

Mas indo ao Alementejo alçar o louro,
Sem valer-lhe da usura o foro, e a traça,
Foi expulso do paço com desdouro.

125

Ao mesmo

Com penna de latão atraz da orelha,
No sovaco chapéo, na mão tinteiro,
Passêa ufano em torno do estaleiro
Um novo apontador de origem velha:

Ora altivo, arqueando a sobrancelha,
Marca a falta do pobre carpinteiro;
Ora submisso ás ordens do porteiro
Dá revista á mestrança, que apparelha:

Acaba o exercicio baixo, e sujo,
E sáe do arsenal o Dom Quixote
Com mais pingos de breu do que um marujo:

Eis que é tempo de vir o paquebote;
Apparecem Dona Ayres c'o sabujo,
Vinculados em certo camarote.

PERIODO DE EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

126

O Poeta distante da sua amada

Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados;
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no céu forjados:

Sanctuarios de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da côr de meus cuidados,
Que podeis inflammar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados:

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
Cuja horrisona voz perturba os ares:

Troquei-vos pelo mal, que me suffoca;
Troquei-vos pelos ais, pelos pezares:
Oh cambio triste! oh deploravel troca!

Recordando-se da inconstancia de
Gertruria

Da perfida Gertruria o juramento
Parece-me que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave e brando
Encolhe as azas, de encantado, o vento:

No vasto, infatigavel pensamento
Os mimos da perjura estou notando...
Eis Amor, eis as Graças festejando
Dos ternos votos o feliz momento.

Mas ah!... Da minha rapida alegria
Para que accendes mais as vivas côres,
Lisonjeiro pincel da phantasia?

Basta, céga paixão, loucos amores;
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão bellos, tão duraveis como as flôres.

128

A Gertruria ausente

Por fofos escarcéos arremessado
Ora aos abysmos, ora ao firmamento,
Escutando o furor, e o som violento
Do rispido Aquilão, de Noto irado:

Aberto o peito, o coração rasgado
Pelo agudo punhal do apartamento,
Qual pombinho, que foi de açor cruento
Pelas garras mortaes atravessado;

Assim n'um cégo amor já cégo e louco,
Envio, alma querida, envio aos ares
De quando em quando um ai tremulo e rouco;

Mas tantas afflicções, tantos pezares
Tudo é pouco, Gertruria, tudo é pouco,
Se inda eu vir os teus olhos singulares.

129

A' mesma, receoso da sua constancia

Qual o avaro infeliz, que não descança,
Volvendo os olhos d'um para o outro lado,
Por cuidar que ao thesouro idolatrado
Cubiçosa vontade as mãos lhe lança:

Tal eu, meu dôce amor, minha esperança,
De suspeitas crueis atormentado,
Receio que a distancia, o tempo, o fado
Te arranquem meus carinhos da lembrança:

Receio que, por minha adversidade,
Novo amante sagaz, e lisonjeiro
Macule de teus votos a lealdade:

Ah! crê, bella Gertruria, que o primeiro
Dia, em que eu chore a tua variedade,
Será da minha vida o derradeiro.

130

A Gertruria, escripto durante uma viagem

Em quanto os braves, formidaveis Notos,
Por entre os cabos tremulos zunindo,
O fendente baixel vão sacudindo
A climas, do meu clima tão remotos:

Em quanto de Nerêo continuos motos
Na vacillante pôpa estou sentindo,
Ao meu idolo amado, ausente, e lindo,
Formo nas mãos d'Amor sagrados votos:

Mordaz tristeza o coração me corte,
Soffra tudo, oh Gertruria, por amar-te,
Farte-se embora a cholera da sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte,
Que ou tua variedade, ou minha morte
Me roube as esperanças de lograr-te.

Presagios de desventura propinqua

Usurpando um minuto a meu lamento
Amigo somno os olhos me occupava,
E em quanto o debil corpo descansava,
Velava amor, velava o pensamento:

Eis que em deserto e lugubre aposento,
Que semi-morta luz mais afeiava,
Cri, Gertruria (ai de mim!) que te avistava
Já sem côr, já sem voz, já sem alento:

Subito acôrdo em lagrimas banhado,
E, das trevas palpando o véo medonho,
Em vão busco teu corpo delicado:

Mas inda em ancias tremulo supponho
Que me vaticinou meu negro fado
Dos males o peor no horrivel sonho.

132

Oraculo de Amor

Alva Gertruria minha, a quem saudoso
Mando tremulos ais enternecidos;
Gertruria, que encantaste os meus sentidos
Co'um meigo riso, co'um ollhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nune doloso,
Insensivel penedo a meus gemidos,
Me exhala sobre os timidos ouvidos
Estas vozes crueis em tom raivoso:

«Tu, que já desfructaste os meus favores,
Tu, que na face de Gertruria bella
Nectar bebeste, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a vêl-a:
Lamenta, desgraçado, os teus amores,
Accusa, desgraçado, a tua estrella.»

Visão nocturna

(Feito na India)

Meia noute seria; eu passeando
No meu palmar chorava o meu destino;
Eis que ao som de um gemido repentino
Ólho, e vejo uma sombra no ar girando:

Quem és, Guirá? (pergunto-lhe arquejando)
Quem és, quem és, oh Lemure maligno?... —
«Sou o espirito (diz) de Saladino,
De quem já lêste o caso miserando:

«De Grisalda as traições inda lamento
Da solitaria noute entre os horrores,
E os olhos, mortal cego, abrir-te intento:

«Não soltes por Natercia mais clamores;
Sepulta a desleal no esquecimento:
Olha o tragico fim de meus amores!»

134

Ventura sonhada

Sonhei que nos meus braços inclinado
Teu rosto encantador, Gertruria, via;
Que mil ávidos beijos me soffria
Teu niveo collo, para os mais sagrado:

Sonhei que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a força, a voz, a côr perdia
N'um extasis suave, em que bebia
O nectar nem por Jove inda libado:

Mas no mais dôce, no melhor momento
Exhalando um suspiro de ternura
Acórdo, acho-te só no pensamento:

Oh destino cruel! Oh sorte escura!
Que nem me dure um vão contentamento!
Que nem me dure em sonhos a ventura!

135

Despedindo-se da patria, ao partir
para a India

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,
Mansa corrente deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escripto, e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo em fim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do cholericó Mavorte;

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

136

Descreve as suas desventuras, longe
da patria e de Gertruria

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei debalde minha negra sina,
Qual o misero vate de Corina
Nas tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina;
Até que aos mares da longinqua China
Fui por bravos tufões arremessado:

Atassalhou-me a serpe, que devora
Tantos mil, perseguiu-me o gran' gigante
Que no terrivel promontorio mora:

Por barbaros sertões gemi vagante;
Falta-me inda o peor, falta-me agora
Vêr Gertruria nos braços d'outro amante!

Achando-se prestes a ausentar-se
da sua amada.

Praias de Sacavem, que Lemnoria
Orna c'os pés nevados e mimosos,
Gotejantes penedos cavernosos,
Que do Tejo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tyrannia
Dos asperos Destinos poderosos;
Que não querem que eu logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria:

Oh funesto, oh penoso apartamento!
Objecto encantador de meus sentidos,
A sorte o manda assim, de ti me ausento:

Mas inda lá de longe os meus gemidos
Guiados por Amor, cortando o vento,
Virão, nympha querida, a teus ouvidos.

138

A Camões, comparando com os d'elle
os seus proprios infortunios

Camões, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez perdendo o Tejo
Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto ao Ganges susurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos trances da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

Saudades de Gertruria

Adeja, coração, vae ter aos lares,
Ditosos lares, que Gertruria pisa;
Olha, se inda te guarda a fé mais lisa,
Vê, se inda tem pezar dos teus pezares:

No fulgor de seus olhos singulares
Crestando as azas, tua dôr suavisa,
Amor de lá te chama, te divisa,
Interpostos em vão tão longos mares:

Dize-lhe, que do tempo o leve giro
Não faz abalo em ti, não faz mudança,
Que ainda lhe és fiel n'este retiro:

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança;
Dá-lhe teus ais, e pede-lhe um suspiro,
Que alente, coração, tua esperança.

140

Ao partir para a India, deixando em
Lisboa a sua amada

Ah! que fazes, Elmano? Ah! Não te ausentes
Dos braços de Gertruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?

Um tigre te gerou, se dó não sentes
Vendo tão consternada, e tão saudosa
A tagide mais linda, e mais mimosa;
Ah! Que fazes, Elmano? ah, não te ausentes.

Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias, e os monstros do Oceano:

Olha nos labios de Gertruria bella
Como suspira Amor!... Vê, vê, tyranno,
As Graças a chorar nos olhos d'ella!

141

Ao partir da patria para Lisboa, no in-
tento de ausentar-se para terras
longinquas

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,
Teus afagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vem caíndo:

Eu parto, e vou teu nome repetindo,
Porque dê desafogo á magoa dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
Áquem dos mares ficarás ouvindo:

Mas se me cercam no cruel transporte
Quantas furias o barathro vomita,
Se meu mal é peor que a mesma morte:

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder não pode a sorte
Tua imagem riscar d'esta alma afflicta!

142

Despedidas ao Tejo

Não mais, oh Tejo meu, formoso e brando,
Á margem fértil de gentis verdes,
Terás d'alta Ulysséa um dos cantores
Suspiros no aureo metro modulando:

Rindo não mais verá, não mais brincando
Por entre as nymphas, e por entre as flôres,
O côro divinal dos nús Amores,
Dos Zephyros azues o affavel bando:

Co'a fronte-já sem myrtho, e já sem louro,
O arrebatada de roxo a mão da Sorte
Ao clima salutar, e á margem d'ouro:

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte,
Sôa d'aqui, d'ali piado agouro;
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

Vendo-se longe da patria, e perseguido
pela Fortuna

Já por barbaros climas entranhado,
Já por mares inhospitos vagante,
Victima triste da fortuna errante,
Té dos mais despreziveis despresado:

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pallido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágoa de morrer expatriado:

Mas ah! Que bem maior, se contra a sorte
Lá do sepulchro no sagrado hospicio
Refugio me promette a amiga Morte!

Vem pois, oh nume aos miseros propicio,
Vem livrar-me da mão pezada e forte,
Que de rastos me leva ao precipicio!

144

Tentativa de suicidió, combatida pelas
lembranças da eternidade

Aquelle, a quem mil bens outorga o Fado,
Deseje com razão da vida amigo
Nos annos egualar Nestor, o antigo,
De trezentos hynvernos carregado:

Porém eu sempre triste, eu desgraçado,
Que só n'esta caverna encontro abrigo,
Porque não busco as sombras do jazigo,
Refugio perduravel, e sagrado?

Ah! bebe o sangue meu, tosca morada;
Alma, quebra as prisões da humanidade,
Despe o vil manto, que pertence ao nada!

Mas eu tremo!... Que escuto!... É a Verdade,
É ella, é ella que do céo me brada:
Oh terrivel pregão da eternidade!

145

Contradições do Atheismo

Qual novo Orestes entre as Furias brada,
Infeliz, que não crês no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua barbara voz eguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os mãos do raio armada.

Mas vê, blasphemo atheu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião, que cégo expressas,
A si mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Açaso auctor fazendo,
No Acaso, a teu pezar, um Deus confessas!

146

Abandonando-se aos azares da Fortuna

Se a minha lastimosa desventura
Irreparavel é, se trago escripto
No rosto côr da morte o meu delicto,
Que louca idéa os passos me segura?

Ah! Some-te, infeliz, fuge, e procura
Margens quaes as do livido Coccytho,
Brenhas, mattos, sertões, errante, afflicto,
Até que vás parar na sepultura:

Oh nume enganador, nume falsario!
Oh lubrica Fortuna de quem régo
Em vão com triste pranto o sanctuario!

Já sem violencia em tuas mãos me entrego;
Sim, varia, aqui me tens inda mais vario,
Céga, a ti me abandono, inda mais cégo!

Deprecação feita durante uma tempestade

Oh Deus, oh rei do céo, do mar, da terra,
(Pois só me restam lagrimas, clamores)
Suspende os teus horrisonos furores,
O corisco, o trovão, que a tudo aterra:

Nos subterraneos carceres encerra
Os procellosos monstros berradores,
Que enchendo os ares de infernaes vapores
Parece que entre si travaram guerra.

Para nós compassivo os olhos lança,
Perdêa ao fraco lenho, attende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!

Ás densas trevas despedaça o manto,
Faze, em signal de proxima bonança,
Brilhar no ethereo tope o lume sancto!

148

O Poeta luctando contra o infortunio

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Tubal no emporio celebrado,
Em sanguineo character foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante:

Aos dous lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu dôce agrado;
Segui Marte depois, e emfim meu fado
Dos irmãos, e do pae me pôz distante:

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da patria, longe da ventura
Minhas faces com lagrimas innundo:

E em quanto insana multidão procura
Essas chimeras, esses bens do mundo,
Suspiro pela paz da sepultura.

Feito na India

No ethereo prado a lua apascentava
Das estrellas o nitido rebanho,
Quando o misero Almeno em clima estranho
De negro bosque as sombras penetrava:

«Silencio, em cujo horror, que a vista aggrava,
Qual phantasma noctivago me entranho!
• Soffre (dizia) os prantos, com que banho
De um crime a nodoa, que o chorar não lava.

«Soffre os gritos... mas ai! que sem piedade
Por entre folha e folha a luz procura
Furtar-me o triste bem da escuridade!

Onde te hei de escapar, oh sorte dura,
Oh cruel, insoffrivel claridade?
Já sei onde, já sei — na sepultura!»

150

À restauração de Pôrtougal em 1640

Cesarões, Viriatos, Apimanos,
Vós, que brandindo vingadora espada,
Tentastes sacudir da patria amada
O vil, o ferreo jugo dos romanos:

Surgi, vede-a no sangue de tyrannos
Inda peores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada
No estrago dos intrusos castelhanos:

Aos senhores do mundo armipotentes
Arrancastes em bellica porfia
Parte do louro, que lhe honrava as frentes:

Porém com milagrosa valentia
Os vossos memoraveis descendentes
Fizeram mais — livraram-se n'um dia!

151

Offerecido em Macau á Excellentissima
Senhora D. Maria Saldanha Noronha
e Menezes, e suas filhas

Musa chorosa, que por terra extranha
Tão longe de teu patrio ninho amado
Andas errante, suspirando ao lado
Da Saudade fiel, que te acompanha:

Do chão, onde a lançaste, a lyra apanha,
E seja em brando som por ti cantado
Um peito de virtudes adornado,
A piedosa, a magnanima Saldanha:

Louva os dons d'aquella alma excelsa e pura,
Que as tuas gastará mágoas penosas,
Como a aurora desfaz a noute escura:

Depois ás lindas filhas melindrosas,
Rivaes da mãe d'Amor na formosura,
Tece capellas e festões de rosas.

152

Em louvor do grande Camões

Sobre os contrarios o terror e a morte
Dardeje embora Achilles denodado,
Ou no rapido carro ensangüentado
Leve arrastos sem vida o Teucro forte:

Embora o bravo Macedonio corte
Co'a fulminante espada o nó fadado,
Que eu de mais nobre estimulo tocado,
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte:

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyêo raivoso :

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
As pragas do gigante procelloso,
O céu de Amor, o inferno do Ciume.

153

153

GLOSANDO O MOTTE:

«Das almas grandes a nobreza é esta»

Ser prole de varões assignalados,
 Que nas azas da fama e da victoria
 Ao templo foram da immortal Memoria
 Pendurar mil trophéos ensanguentados:

Lêr seus nomes nas paginas gravados
 D'alta epopéa, d'elegante historia,
 Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,
 Almas suberbas, corações inchados!

Ouvir com dôr o miseravel grito
 De innocentes, que um barbaro molesta,
 Prezar o sabio, consolar o afflicto;

Prender teus vôos, Ambição funesta,
 Ter amor á virtude, odio ao delicto,
 «Das almas grandes a nobreza é esta.»

154

Ao grande Affonso d'Albuquerque

Tomando Malaca em vingança da perfidia do rei do paiz para
com os portuguezes

Em bando espesso, em numero infinito,
Defende a ponte o barbaro malaio;
Eis que entre horrores, emulo do raio,
Albuquerque immortal vôa ao conflicto:

Assim que assoma o claro chefe invicto,
Terror da prole do feroz sabaio,
Géla os netos de Agar frio desmaio,
Os lusos soltam da victoria o grito:

Victima são do portuguez Mavorte
Inda aquelles, que mal na fuga alcança,
Leva no ferro transmigrada a morte:

Mas já sobre trophéos o heroe descança,
Havendo por seu braço illustre, e forte,
A patria, a natureza, os céos vingança.

*

155

A D. João de Castro, soccorrendo e
salvando a fortaleza de Diu

Blasphema Ramecão, jura vingança
Aos manes infernaes, ao pae maldicto,
E contra Diu em pertinaz conflicto
As industrias esgota, as forças cança:

Munido de magnanima esperança
O portentoso chefe, o luso invicto,
Dos veneraveis muros infinito
E barbaro tropel mil vezes lança:

Feminina caterva as armas mede;
Encurtando ás do Rhodope a memoria
Sobre hostil multidão raios despede:

E quando finalmente a lysia gloria
Vê o extremo fatal, e inda não cede,
Eis Castro, eis a virtude, eis a victoria!

156

Na morte do Senhor D. José, Principe
do Brazil

Louca, céga, illudida Humanidade,
Miseravel de ti! Não consideras
Que o barro te gerou, como que esperas
Evadir-te á geral fatalidade!

Pó, que levanta o sopro da vaidade,
Homem caduco e fragil, não ponderas
Que teus bens, teus brazões, tuas chimeras
Nenhum valor terão na eternidade?

Ah! Volta, volta os olhos mais sisudos;
Ali na majestade aniquilada
Te faz o desengano aviso mudo:

Attenta de José na cinza amada:
Que serás, se elle é já, se ha de ser tudo
Pasto da Morte, victima do nada?

Sobre o mesmo assumpto

José, sangue d'heroes, principe amado,
Nosso bem, nosso pae, nossa alegria,
Tu pela negra mão da Morte fria,
Da truculenta-Morte em flôr cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!
Nós sem ti para sempre! Horrivel dia!
Misero povo! Infausta monarchia!
Rigida lei do inexhoravel Fado!

Aureas, vãs esperanças concebemos...
Eil-as, eil-as em cinzas no jazigo
Com teu rosto adoravel, que perdemos.

Ah! Que é do nosso generoso abrigo?
Que fazemos no mundo, ah! que fazemos,
Que nos não vamos sepultar contigo?

158

À decadencia do imperio portuguez
na Asia

Por terra jaz o emporio do Oriente,
Que do rigido Affonso o ferro, o raio
Ao gran'filho ganhou do gran'sabaio,
Envergonhando o deus armipotente;

Caíu Goa, terror antigamente
Do naire vão, do perfido malaio,
De barbaras nações!... Ah! Que desmaio
Apaga o marcio ardor da lusa gente?

Oh seculos d'heroes! Dias de gloria!
Varões excelsos, que apesar da morte
Viveis na tradiçãõ, viveis na historia!

Albuquerque terrivel, Castro forte,
Menezes, e outros mil, vossa memoria
Vinga as injurias, que nos faz a sorte.

159

Ao Guarda-Marinha Prudencio Rebello
Palhares, morto no combate
de Argel

Rompe os ares pelouro sibilante
Da Guerra iniqua pelas mãos forjado,
E para te prostrar, Pireno amado,
Vêa com elle a Parca devorante:

Cerras teus olhos, despe o teu semblante
Aquella viva côr de que era ornado,
E sobes, da materia desatado,
Espirito feliz, ao céo brilhante:

Na dura, marcial, honrosa lida,
Entre os braços da Gloria heroico, e forte,
Recebeste a cruel, mortal ferida:

Ah! que inveja me faz a tua sorte!...
É viver como eu vivo infausta vida,
É morrer como tu ditosa morte!

160

As predicções de Adamastor realizadas
contra os portuguezes

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorizado!
Oh monstro! Quantas vezes tens tragado
Do suberbo oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepulveda afamado,
Co'a esposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores:

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bella dama,
Ás garras dos leões correr furioso:

Bem te vingaste em nós do affouto Gama!
Pelos nossos desastres és famoso;
Maldicto Adamastor! Maldicta fama!

161

À infatuação que predominava em certos
naturaes de Goa

Cala a bôca, satyrico poeta,
Não te mettás no rol dos maldizentes;
Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitue ao carcaz a hervada setta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
Fructo de enxertos vís? Irra! Tu mentes;
Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta:

Vem d'heroes, quaes não viu Carthago ou Roma;
De seus avós, andantes cavalleiros,
A chusma de brazões não cabe em somma:

E (se não mentem certos novelleiros)
A muitos d'elles concedeu Mafoma
O fôro de fidalgos-escudeiros.

162

Ao mesmo assumpto

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,
Sempre tens habitantes de bom lote!
Não receiam que a côr se lhes desbote,
Privilegio da mixta qualidade:

Nenhum ha, que não conte, e sem vaidade,
Que seu primeiro avô, brutal Quixote,
Dera no padre Adão com um chicote
Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos,
Que o cofre do Marata é ninheria,
Que do gran'Turco os redditos são poucos:

Mas em casando as filhas, quem diria
Que o dote consistisse em quatro côcos,
Um cafre, dez bajus, e a senhoria!

163

Ao mesmo

Lusos heróes, cadaveres sédiços,
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vís, n'estes cães, n'estes mestiços:

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As séaras de arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! Poupae-lhe ás filhas delicadas,
Que ellas culpa não têm, têm mil feitiços:

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens tremulo respeite:

Vão para as varzeas, leve-os o Diabo;
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diametro do rabo.

164

Ao mesmo

Das terras a peôr tu és, oh Goa,
Tu pareces mais ermo, que cidade;
Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que París, ou que Lisboa:

A chusma de teus incolas pregôa
Que excede o gran'Senhor na qualidade;
Tudo quer senhoria; o proprio frade
Allega, para tel-a, o jus da c'roa!

De timbres prenhe estás; mas ouro e prata
Em cruces, com que d'antes te benzias,
Foge a teus infanções de bolsa chata:

Oh que feliz, e esplendida serias,
Se algum fusco Merlim, que faz bagata,
Te alborcasse a pardaus as senhorias!

165

Ao mesmo

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os gétas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças:

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças:

Tens varias casas, armazens de ratos,
Tens febres, mordachins em demasia,
De que escapâmos a poder de tratos:

Mas a tua peor epidemia,
O mal, que em todos dá, que produz flatos,
É a vã, negregada senhoria.

166

**Encarecendo a difficuldade de conciliar
em Goa a amisade de seus naturaes**

Quer vêr uma perdiz chocar um rato
Quer ensinar a um burro anatomia,
Exterminar de Goa a senhoria,
Ouvir miar um cão, ladrar um gato:

Quer ir pescar um tubarão no mato,
Namorar nos serralhos da Turquia,
Escaldar uma perna em agua fria,
Vêr uma cobra castiçar co'um pato:

Quer ir n'um dia de Surrate a Roma,
Lograr saude sem comer dous annos,
Salvar-se por milagre de Mafoma:

Quer despir a basofia aos castelhanos,
Das penas infernaes fazer a somma,
Quem procura amisade em vís gafanos.

The above is a list of the names of the persons who have been named in the above report.

The names of the persons who have been named in the above report are as follows: [illegible]

The names of the persons who have been named in the above report are as follows: [illegible]

The names of the persons who have been named in the above report are as follows: [illegible]

The names of the persons who have been named in the above report are as follows: [illegible]

PERIODO DE LUCTA LITTERARIA E PRISÃO

(1791 a 1797)

167

A um ricasso, tido na conta de christão-novo

A certo genealogico de trêtas
Supplicou um Luculo enthusiasnado
Para pôr n'um teliz aveludado
Armas com prosa, timbre com caretas:

«Sim senhor (diz-lhe o mestre d'altas pêtas
Folheando volume remendado)
«N'este livro aqui só tenho encerrado
Judias raças, e familias pretas:»

Disse; toma nas mãos a horrivel brocha,
Pinta um rabo de fogo em mãos sombrias,
E por timbre d'escudo uma carocha:

Põe-lhe em roda com letras rebranquiadas:
«Honor d'Abrahão, á tribu accende a tocha,
Celebra a paschoa, espera inda o Messias.»

A um bacharel, que casou com uma velha,
para lhe empolgar seiscentos mil reis
que a mesma tinha de tença

Pilha aqui, pilhá ali, vozêa auctores,
Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e varios;
Propõe systemas, tira corollarios,
E usurpa o tom d'emphaticos doctores:

Sciencia de livreiros e impressores
Traz da vasta memoria nos armarios;
E tractando os christãos de visionarios,
Só rende culto a Venus, e aos Amores:

A mulher, que a barriga lhe tem fôrra
Do jugo da vital necessidade,
Deixa em casa gemer, como em másmorra:

Este biltre, labéo da humanidade,
É um tal zote, um bacharel de borra;
Tem de um burro o juizo, e a castidade,

169

A certo sujeito, que, mal sabendo lêr,
dizia ter feito trinta Tragedias,
que ninguem viu

Tragedia de Tancreô, rei de Disuria,
Original em plano, atroz no enredo;
Tem actos dez, o heróe morre de medo,
Depois de onze minutos de lamuria:

Tragedia de Rum-rum, sultão da Incuria,
Que honrar a patria ha de ir um dia cedo;
Pregão, baração, açoutes, e degredo
Pilha o protagonista, e lambe a injuria:

Peça de Gôrgorão, rei de Biôco,
Terra ao norte da Lybia, ao sul do mappa,
A acção vem nos *Annaes de Man'el Côco*:

Eis com que ao Lethes o aranhico escapa:
Tem mais septe em borrão, que dentro em pouco
Aos zangãos do café irão dar papa.

A lição ao pé da letra

Feito na occasião em que andava em scena a tragedia « Elaire »
de Miguel Antonio de Barros

Gritava mestre Braz: « Filha traidora!...
Hei de arrancar-te os olhos, vil cadella!
Vou pregar ferreas trancas na janella,
Porque a não veja o biltre, que a namora. »

N'isto a moça infeliz suspira, e chora,
Suspiram Graças, chora Amor com ella;
Tão mimosa não é, não é tão bella
Quando perolas véрте a linda Aurora!

« Ser sapateiro, ou grande, o fado ordena;
Sou um páe, que da honra os lares trilha,
Tragedias nunca viu quem me condemna:

« O pregar-lhe as janellas não me humilha;
Que ha pouco o gran Miguel mostrou na scena
Que fez o rei da Thracia o mesmo á filha. »

171

Estando em scena outra comedia,
cuja traducção se attribuia
a Belchior Manuel Curvo Semmedo

CARTAZ:

Quarta feira quatorze do corrente
Se apresenta outra vez com bom scenario
No Salitre a comedia do « Antiquario »,
A que tem concorrido immensa gente:

É obra traduzida novamente
Por um poeta, amigo do empresario,
Memorião, que engole um dictionario,
E orna de verdes pampanos a frente:

Em logar d'entremez se hade seguir
Do Franco a grande peça curiosa,
Tragedia de « Sesostris » que faz rir:

Tem versos naturaes; parecem prosa!
Que venha o nobre publico applaudir
Espera a companhia obsequiosa.

Por occasião de achar-se em scena no theatro uma tragedia, de que era auctor Felisberto Ignacio Januario Cordeiro

Em vermelho cartaz propôz-se á scena
Lusa tragedia, que a nação gloria;
« *Do gran Nuno Gonçalves de Faria* »,
Produção singular de uma habil penna:

No acto primeiro Elvira, em não pequena
Fala, maldiz da guerra a sanha impia:
Amante, irmão, e pae vem á porfia
Tudo zangar co' a mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;
Engana o heroe o hispano, morre á espada,
Lugubre a final lê-se um testamento:

De nupcias houve certa misturada;
Fındou-se o drama, pôz se em movimento
Na boca o riso, o pé com pateada.

173

Ao Senhor Thomé Barbosa de Figueiredo
d'Almeida Cardoso

Official de linguas na Secretaria dos Negocios
Estrangeiros

Dos torrídos sertões, pejados d'ouro,
Saíu um sabichão d'escassa fama;
Que os livros préza, os cartapacios ama,
Que das linguas repartem o thesouro:

Arranha o persiano, arranha o mouro,
Sabe que Deus em turco *Allah* se chama;
Que no grego alphabeto o *G* é *gamma*,
Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Para papaguear saíu do mato:
Abocanha talentos, que não gosa;
É mono, e préga unhasdas como gato:

É nada em verso, quasi nada em prosa:
Não conheces, leitor, n'este retrato
O guapo charlatão Thomé Barbosa?

174

Estando o auctor na cella do seu amigo
Fr. João de Pousafolles, e acontecendo
apagar-se-lhe um cigarro, pediu lume,
que o dito amigo lhe recusou

Amigo Frei João, cuidas que é barro
O fumoso tabaco porque bérro?
Um nigromante me tranforme em perro,
Se ha cousa para mim como o cigarro!

Elle me arranca pegajoso escarro,
Que nas fornalhas d'este peito encerro:
O frio, as afflicções de mim destérro,
Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro:

De vicio tal, se é vicio, não me corro;
E só tomo rapé, simonte, ou esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;
Dize bem do cigarro, se não morro:
Traze-me lume já, ou dou-te um murro!

175

A um celebre mulato Joaquim Manoel,
grande tocador de viola e improvisador
de modinhas

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,
Que mammou no Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro, que nas cordas nunca emperra:

O monstro vil, que produziste, oh terra,
Onde narizes natureza esmurra,
Que os seus nadas harmonicos empurra,
Com parda voz, das paciencias guerra:

O que sáe no focinho á mãe cachorra,
O que nescias applaudem mais que a «Myrrha»,
O que nem veiu de prosapia forra:

O que afina inda mais quando se espirra,
Merece á philosophica pachorra
Um corno, um passa fóra, um arre, um irra.

176

Ao mesmo

Vivem por hi alguns de varias tretas,
Com um eu esbravejo, em outros mango;
Que opio dás ao machete orang-outango,
Tu, gloria das carrancas semi-pretas!

Quando acompanhas de infernaes caretas
Insipido londum, ou vil fandango,
Não posso tal soffrer: eu ardo, eu zango,
Que no auge do assombro te intromettas:

Crespo Arion, Orphêo de carapinha,
Já de sobejo tens fartado a gana
No seio da formosa patria minha:

Com faro de chulice americana
Para o cálido sul cortando a linha
Vae cevar-te no coco, e na banana.

177

Ao Doctor Manuel Bernardo de Sousa
e Mello

Em ermo cemiterio, em hora escura
Bernardo sepulchral no chão jazia,
Onde epicedio funebre tecia
Ao bem, que lhe arrancaste, oh Parca dura!

Era *Igenia de tal* a formosura
Que temporã descêra á terra fria;
E o carrancudo vate assim carpia
Junto da triste, amada sepultura:

«Mochos, socios de um misero que chora,
Africanos leões, tigres de Armenia,
Dae lagrimas ao mal, que me devora:

«Acode ao lasso amante, acode, *Igenia!*...»
Eis a campa rebenta, e surgem fóra
Dous vampiros bailando ao som da nenia.

178

Ao mesmo

Correndo fama de que o coveiro do cemiterio da Esperança
vendia iscas de defuncto a um pasteleiro visinho
do mesmo sitio

É mentira, não foi o vil coveiro
Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
Impingiu varias iscas de defuncto
A mascarrado e giro pasteleiro:

Foi Bernardes (o Nenias) que em mau cheiro
Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
Impingia tambem o seu presunto,
D'algum, com que esbarrava ainda inteiro:

Hoje atreve-se a mais: quer vêr se apanha
Este, que é dos cadaveres Herodes,
Ao descarnado França um secco chispe:

Se lhe cáes, Melizeu, na mão grifanha,
La vão filhos, mulher, sonetos, odes;
Ah pobre! Queira Deus, que te não bispe!

179

**Ao Padre Joaquim Franco d'Araujo
Freire Barbosa**

Vigario da egreja d'Almoster

Conhecem um vigario de chorina,
De insulsa phrase, de relé maruja?
Sapo immundo, que bebe, ou que babuja
No que deita por fóra a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja,
Digno rival do mocho, e da coruja
Quando a voz desenfrêa, a banza afina:

Faz versos em francez, francez antigo,
Em giria de Veneza, e finalmente
Em corrupto hispanhol; leve o castigo:

Elle diz que são bons, e os mais que mente;
Põe mãos á obra, faze o que te digo,
Chicotêa esse bruto, e crê na gente.

180

Ao mesmo

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o padre vigario é insolente,
Raspe-lhe as mãos, e ferva-lhe o carolo:

Da brilhante razão jámais o rolo
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente,
Com a basofia supre-lhe o miolo,

Orá, vão trovador do «Heroe do Egypto»,
Tu não ouves, não vês o que se passa
Ácerca dos papeis, què tens escripto?

A copia de «Gessner» deu-se de graça;
«Psyche» jaz de capella e de palmito;
«Sesostris» infeliz morreu de traça.

181

Ao mesmo

Havia mais de um mez que o bom Lizeno
Fechar se quer um olho não podia;
Submettido á fatal sabedoria
Do respeitavel medico pequeno:

Hypocrates d'aqui, d'ali Galeno
Revolvia o tacão na livraria;
Remedios contra a insomnia requeria,
Porém cada receita era um veneno:

Eis do Franco lhe lembra em continente
Cada verso, mais duro do que um tronco,
E *recipe* de alguns fórma ao doente:

Em curta dóse applica o metro bronco;
Receitou-lhe um terceto; eis de repente
Começa a bocejar, e préga um ronco.

182

Por ocasião de um soneto composto
pelo mesmo

Li as quatorze regras aos pennachos,
A trova, que as orelhas nos magôa;
Viva a maruja phrase — *Estou na prôa...* —
Modelo singular de termos baixos!

A lembrança dos bois, burros, e machos
É lembrança feliz, é cousa boa!
Pois o *palheiro*, que sem pezo vôa!...
Isso dá jus á cilha e berbicachos:

O logar onde a mão findou seis linhas
Podia muito bem ficar em branco,
Sem fazer falta ás pobres das visinhas:

O quinto indigno verso é quasi manco;
A idéa tem mais sal que tres marinhas;
E a córnea conclusão laurêa o Franco!

183

Ao mesmo

Volve a Peniche, oh zanga de Lisboa,
Oh testa capataz das ocas testas!
Vive entre os teus eguaes, vive entre as bestas,
E entre bestas vivendo abate a proa:

Quem versos sem-sabor produz á tôa
Só nos póde brindar com obras d'estas;
Deixa brilhar nas procissões, nas festas
Nymphas de quem Cupido em torno vôa:

Mais bruto do que os bois, burros, e machos,
Ao lindo sexo amavel dás batalha,
Porque talvez te ornou de alguns pennachos!

No amor da experta Nize achaste falha,
Ou antes o fervor, que vem dos cachos,
Te fez, tosco palheiro, arder a palha.

Vera effigie
do doctor Luiz Corrêa da França e Amaral

Que poderá servir de busca a toda a pessoa que n'esta
cidade o queira procurar, etc.

Rapada, amarellenta cabelleira;
Vesgos olhos, que o chá, e o dôce engoda;
Boca, que á parte esquerda se accomoda,
(Uns affirmam que fede, outros que cheira:)

Japona, que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo em que Albuquerque fez a poda
Ao suberbo Hidalcão com mão guerreira:

Ruço calção, que *espipa* no joelho,
Meia e sapato, com que ao lodo avança,
Vindo a encontrar-se c'o esburgado artelho:

Jarra, com appetites de creança;
Cara com similhaça de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doctor França.

185

Ao mesmo

Melizeu, o menor entre os nascidos,
De face cadaverica e nojosa,
Phtysico em verso, apoquentado em prosa,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:

Soltando dissonantes alaridos
Da boca transversal erma, e gulosa,
Insulta a quem de Phebo os mimos gosa,
Estafa-se em preceitos não cumpridos:

Ao vate Elmano plagiario chama,
Sendo o mais desprezivel plagiario,
Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aonio sanctuario,
Lobis-homem do Pindo, ornêa, ou brama,
Até findar no inferno o teu fadario!

186

Ao doctor José Thomaz Quintanilha

Esse cantor de chá, manteiga, e queijo,
Rato que róe do Caldas a substancia,
Pygmeu de insupportavel arrogancia,
Que morde mais que pulga, ou persevejo:

Accezo no phrenetico desejo
D'exceder dos Quixotes a constancia,
Á frondosa Funchal mandou com ancia
Atado em verde fita um triste beijo:

Pendia em tiracolo ao deus frecheiro
A terna offrenda; eis Zephyro ladino
O beijinho impelliu para o trazeiro:

Quintanilha! Que opprobrio! Que destino!
Mimo, que ia ao teu bem, tocou primeiro
O nedio... do trefego menino!

187

A Belchior Manuel Curvo Semmedo

Intruso no Apollineo sanctuario,
Dar leis a cégos, illudir pedantes,
Uivar entre as phreneticas bacchantes,
Qual vago lobis-home em seu fadario:

Voar de dictionario em dictionario,
Pilhando aqui e ali porções brilhantes;
Aguarentar com mãos surripiantes
Pygmeu de Cintra, teu verboso erario:

Por fofos versos compassar tregeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa chan roncar preceitos:

Com remendadas purpuras de Tyro
Vestir absurdos, embuçar defeitos;
Eis os progressos do pavão Belmiro.

188

Ao mesmo

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,
Affectando entoar canções divinas,
Fez, cançado d'asneiras pequeninas,
Uma, que até percebe a vil gentalha:

N'esse idyllio, em que Fauno irado ralha,
O divino amador das phrases finas
Pôz o cornudo Pan, deus das campinas,
De bruços a beber na vinea talha:

Um nume, que apesar do pé caprino
Teve altar, teve incenso, e reverencia,
Jaz na classe das bestas? Irra! afino!

Que mesquinhez do vate, e que insolencia!
Tudo por cinco réis, quando o mofino
Co'um pucaro poupava esta indecencia!

189

Ao mesmo

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorzinhos,
As belmiricas musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos:

Com elles os travêssos rapazinhos,
Que são mui folgazões, e mui traquinas,
Armaram mil subtis alicantinas,
E os lançaram depois n'uns bispotinhos:

Eis tagide louçã de eburneo colo,
A quem não vencerá, por mais que lucte,
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: — «Filhinho escute;
Olhe com que noticia hoje o consolo!
É poeta do rei de Lilipute!»

190

Descreve uma sessão da «Academia de
Bellas Letras de Lisboa»
mais conhecida pela denominação de
«Nova Arcadia»

Preside o neto da rainha Ginga
Á corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguaes se esgota a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o ourango-outang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga:

Um bando de comparsas logo accde
Do fofu Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
Eis aqui de Lereno as quartas feiras.

191

Aos socios da Nova Arcadia

Vós, oh França, Semmedos, Quintanilhas,
Macedos, e outras pestes condemnadas;
Vós, de cujas bozinas penduradas
Tremem de Jove as melindrosas filhas:

Vós, nescios, que mammaes das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
Por versos maus, por trovas aleijadas,
De que engenhaes as vossas maravilhas:

Deixae Elmano, que innocente e honrado
Nunca de vós se lembra, meditando
Em cousas sérias, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,
Eil-o! Vede-o no Pindo recostado,
De perna erguida sobre vós.....!

192

Aos mesmos

Não tendo que fazer Apollo um dia
Ás Musas disse: «Irmãs, é beneficio
Vadios empregar; dêmos officio
Aos socios vãos da magra Academia:

« O Caldas satisfaça a padaria;
O França d'enjoar tenha exercicio,
E o auctor do entremez do rei egypcio,
O Pegaso veloz conduza á pia:

« Vá na Ulysséa tasquinhar o ex-frade;
Da sala o Quintanilha accenda as vélas,
Em se juntando alguma sociedade:

« Bernardes nenias faça, e *róa* n'ellas;
E Belmiro, por ter habilidade,
Como d'antes, trabalhe em bagatellas.»

193

Aos mesmos

Contra Elmano Sadino urrando avança
O esteril Corydon, o vão Belmiro,
Bernardo, o Nenias, lugubre vampiro,
Que do extinto Miguel possui a herança;

O curto Quintanilha, o torpe França,
O tonsurado retumbante Elmiro,
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo, que pedrada de creança:

Elmano solta um... eis foge tudo;
Eis os socios ganhando ao som do traque,
Quaes do funil apenso os cães no entrudo:

Mas se inda a corja renovar o ataque,
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vintens n'um Almanach.

194

Aos mesmos

De insipida sessão no inutil dia
Juntou-se do Parnaso a galegagem;
Em phrase hirsuta, em gothica language
Belmiro um dithyrambo principia:

Taful, que o portuguez não lhe entendia,
Nem ao resto da comica salsage,
Saca o soneto, que lhe fez Bocage,
E conheceu-se n'elle a Academia:

Dos socios o peor silvou qual cobra,
Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calumnia vil crueis ensaios,
E jaz com grandes creditos a obra
Entre mãos de marujos, e lacaios.

195

Aos mesmos

Tu, França, que na ode és mar em calma;
Tu, mocho da pieria soledade,
Bernardo, a quem no horror da escuridade
Com dous versos á morte o estro acalma:

Quintanilha, pygmeu no corpo e n'alma;
Da matriz d'Almoster tu, calvo abbade;
Belmiro, anão de Apollo, e tu, ex-frade,
Que em trovas de bun-bum levas a palma:

Vates, que mereceis do cardo a rama;
Turba, que as settas da calumnia afias;
Momentaneo borrão da alhêa fama:

Dá cabo das sessões, com que enfastias;
Por mão do secretario entrega á chamma
Papelada servil de ninherias!

196

À Nova Arcadia

Oh triste malfadada Academia!
O vate Elmano em satyras se expraia;
Fervem correios ao loquaz Talaia,
Que a todos teu descredito annuncia:

Apollo exulta, o povo te assobia;
A gloria tua em convulsões desmaia;
Ah! primeiro que a pobre em terra cáia,
Corte-se o vôo da fatal porfia:

Ao satyrico audaz põe duro freio,
Pune o declamador, que te flagella;
Dá-lhe assento outra vez no magro seio:

Bem como a quem profana uma donzella,
Que em pena do affrontoso estupro feio
Fazem próvidas leis casar com ella.

197

Ao Padre Domingos Caldas Barbosa

(Satyra em louvor)

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates,
Que o zelo teu á guerra desafia;
Brutos são, desconhecem poesia,
Com as armas de Apollo em vão combates:

Por mais que em corrigil-os te dilates
Fructo só tirarás d'essa porfia
Conduzindo-os á alta enfermaria
Da piedosa casa dos orates:

A Lereno, que é homem de juizo,
Por muitos versos, cheios de belleza,
Perdôa, se não gostas de improviso:

O egypcio *entremez* elle despreza;
Nos outros, socio Elmano, é que é preciso,
Palhas, dieta, e vergalhada teza.

198

Ao mesmo

Por casa Phebo entrou co'um vil bugio;
As Musas o animal não conheciam,
E fugindo assustadas do que viam
Foi de ventas a terra a pobre Clio:

« Não fujam! Venham cá!... Não é bravio » —
Gritava o deus; e as manas, que tremiam,
Todas por uma voz lhe respondiam;
« Ai! Que bicho tão feio!... Ai! Não me fio!... »

« Qual feio (acode Apollo) é mui galante;
E na figura, e gestos, dá mil provas
De ser em parte aos homens semelhante:

« Caldas o nomeei; com graças novas
Faz-me estalar de riso a cada instante,
E em premio lhe concedo o dom das trovas. »

199

Ao trovista Caldas, pardo de feições,
e grenha crespa e revolta

(Metamorphose)

Lembrou-se no Brazil bruxa insolente
De armar ao pobre mundo extranha peta;
Procura um mono, que infernal careta
Lhe faz de longe, e lhe arreganha o dente:

Pilhando-o por mercê do averno ardente,
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,
E os guinchos lhe converte em vcz de gente:

Deixa-lhe os calos, deixa-lhe a catunga;
Eis entre os lusos o animal sem rabo
Prole se acclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modelo, e cabo;
A sua alta sciencia é a mandinga,
O seu benigno Apollo é o Diabo.

200

Ao machucho poetarrão José Daniel Rodrigues da Costa

« Não presta Corydon, não presta Elpino,
Filinto é ninheria, é lixo Alfeno;
Albano fala só do Tejo ameno,
Só tardes e manhãs descreve Alcino:

« Trescala aos seiscentistas o Paulino;
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno! »
Roncava charlatão rolho e pequeno,
Pequeno em corpo, em alma pequenino:

« Quem acha vossemecê (lhe sáe d'um lado
Taful do sério rancho das lunetas)
Quem acha para versos estremado? » —

Quem! (diz o tal) não façam lá caretas:
Um, que dos seus papeis anda pejado,
O aguasil Daniel, cantor de pêtas. »

201

Ao mesmo, publicando o « Almocreve
das Petas »

« Das Petas o Almocreve » é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto;
Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,
É de quem vende as rythmas pelas ruas:

Cheira a teu nome o roubo da perûa,
É entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor, que tens composto,
Inda que de artificio e graça nûa:

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto, e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada:

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cêdo se espera um parto novo.

*

**Ao mesmo, dando á luz o segundo volume
das suas « Rythmas »**

Tomo segundo á luz saíu das « Rythmas
De José Daniel Rodrigues Costa, »
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E subjeita depois a doctas limas:

Falla em opios, em manas, falla em primas,
Diz cousas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na relé disposta
A saltos, macaquices, pantominas:

Por estas, e por outras que tem feito
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que elle para versar nasceu com geito:

Acham-se em tendas, acham-se em commuas;
E para lhe augmentar honra e proveito,
As vende o proprio auctor por essas ruas.

203

Contra o despotismo

Sanhudo, inexhoravel Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a furia cevas,
Que em mil quadros horrificos te enlevas,
Obra da Iniquidade, e do Atheismo:

Assanhas o damnado Fanatismo
Porque te escore o throno onde te enlevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas,
E sepulte a Razão n'um denso abysmo:

Da sagrada Virtude o collo pizas,
E aos satellites vis da prepotencia
De crimes infernaes o plano gizas:

Mas, apesar da barbara insolencia,
Reinas só no ext'rior, não tyrannisas
Do livre coração a independencia.

204

Aspirações do Liberalismo, excitadas pela
Revolução Franceza, e consolidação
da Republica em 1797

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Já na esfera de Lysia a tua aurora?

Da sancta redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia:
Oh! Venha... Oh! Venha, e tremulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade!

205

Reproducção do antecedente, estando
o auctor preso

Liberdade querida, e suspirada,
Que o Despotismo acerrimo condemna;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada
Por vêr-te, por gozar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada:

Vem, oh deusa immortal, vem, maravilha,
Vem, oh consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha:

Vem, solta-me o grilhão d'adversidade;
Dos céos descende, pois dos céos és filha,
Mãe dos prazeres, dôce Liberdade!

Por occasião dos favoraveis successos
obtidos na Italia, pelas tropas francezas,
sob o commando de Bonaparte,
em 1797

A prole de Antenor degenerada,
O debil resto dos heróes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos,
Tinha a curva cerviz já calejada:

Era triste synonymo do nada
A morta liberdade envolta em damnos;
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,
Graças, oh Corso excelso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza;
Trocam-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cáe a grandeza,
E o feroz despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da natureza.

207

Feito na prisão

Não sinto me arrojasse o duro fado
N'esta abobada feia, horrenda, escura,
N'esta dos vivos negra sepultura,
Onde a luz nunca entrou do sol dourado:

Não me consterna o vêr-me traspassado
Com mil golpes crueis da desventura,
Porque bem sei que a fragil creatura
Raramente é feliz no mundo errado:

Não choro a liberdade, que enleuada'
Tenho em ferreas prisões, e a paz ditosa,
Que voou da minh'alma attribulada:

Só sinto que Marilia rigorosa
Entre os braços de Aonio reclinada
Zombe da minha sorte lastimosa.

208

Recordações da amada, jazendo no
carcere

N'esta, do feio opprobrio estancia fêa,
Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,
Muda tristeza, carrancudo espanto
O amotinado espirito me ancêa:

Das sombras abrigada a fragil têa
Urde Arachne sagaz de canto em canto,
Minha imaginação faz outro tanto,
Mil tristes pensamentos fórma, enlêa:

Minha imaginação de algoz me servê,
Forçando-me a que os gostos d'algum dia
Submersos d'este horror no abysmo observe:

D'encontradas visões na phantasia
Baralhado tropel me cáe, me ferve,
E n'esta confusão reluz Armia.

209

Na solidão do carcere

Quando na rosea nuvem sóbe o dia
De risos esmaltando a natureza,
Bem que me aclare as sombras da tristeza
Um tempo sem-sabor me principia:

Quando por entre os véos da noute fria
A machina celeste observo acceza,
D'angustia, de terror a imagens preza
Começa a devorar-me a phantasia.

Por mais ardentes preces, que lhe faço,
Meus ais não ouve o numen somnolento,
Nem prende a minha dôr com tenue laço:

No inferno se me troca o pensamento;
Céos! Porque hei de existir, porque, se passo
Dias d'enjôo, e noutes de tormento?

GLOSANDO O MOTTE:

«Refinado veneno em taça d'ouro»

Folheando os annaes da antiguidade,
Lendo n'elles, oh Pyramo, o teu fado,
Vendo o peito d'Elisa atravessado
Do ferro, que empunhou cruel saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,
Do Desengano pela mão guiado,
Fui jurar da Razão no altar sagrado
Rancor eterno á céga divindade:

Mas o traidor, que aos mesmos céos se atreve
Notando no meu voto o seu desdouro,
De fazer-me perjuro astucias teve:

Mostrou-me de mil graças um thesouro,
E obrigou-me à beber por mãos de neve
«Refinado veneno em taça d'ouro.»

211

GLOSANDO O MOTTE:

«O desmentido oraculo terrivel»

Idosa fada, que nos astros lia,
Mil males me agourou com turvo aspecto;
Mil males me agourou, mas indiscreto
Tractei de falsa a negra prophecia:

Depois d'aquelle brusco, infausto dia
Sempre velando as noutes inquieto,
Gransnar sinistro corvo sobre o tecto,
Piar afflicto mocho á porta ouvia:

Vi d'um loureiro o tronco fulminado,
Vi d'um cometa o resplendor temivel,
Vi feias sombras voltejar-me ao lado:

E vejo-te nas mãos da morte horrivel,
Oh minha Filis! — Eis verificado
«O desmentido oraculo terrivel.»

212

GLOSANDO O MOTTE:

«A morte para os tristes é ventura»

Quem se vê maltractado, e combatido
Pelas crueis angustias da indigencia
Quem soffre de inimigos a violencia,
Quem geme de tyrannos opprimido:

Quem não póde ultrajado, e perseguido
Achar nos céos, ou nos mortaes clemencia,
Quem chora finalmente a dura ausencia
De um bem, que para sempre está perdido:

Folgará de viver, quando não passa
Nem um momento em paz, quando a amargura
O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,
Que a vida para os tristes é desgraça,
«A morte para os tristes é ventura.»

213

GLOSANDO O MOTTE :

«O livro annoso do fatal destino»

Do velho Ertilio, magico afamado,
Meus passos dirigi ao antro escuro,
Bradei-lhe: «— Oh semi-deus, que em teu conjuro
Tens dom, quo fôrça o barathro inflammado !

Se hei de ser com Tirsalia desgraçado,
Me dize; pois que lendo no ether puro,
Alças o véo do turbido futuro,
Sopras a nevoa, que rodêa o fado.»

Eis n'isto o mago vezes tres menêa
A veneravel fronte, e em tom divino
D'esta arte as esperanças me cercêa:

«Pesquisar o vindouro é desatino;
Rogas-me em vão: só Jupiter folhêa
«O livro annoso do fatal destino.»

214

Desejo amante

Elmano, de teus mimos anhelante,
Elmano em te admirar, meu bem, não erra;
Incomparaveis dons tua alma encerra,
Ornam mil perfeições o teu semblante:

Grangêas sem vontade a cada instante
Claros triumphos na amorosa guerra:
Thesouro que do céo vieste á terra,
Não precisas dos olhos de um amante.

Oh! Se eu pudesse, Amor, oh! se eu pudesse
Cumprir meu gosto! Se em altar sublime
Os incensos de Jove a Lilia dêsse!

Folgára o coração quanto se opprime;
E a Razão, que os excessos aborrece,
Notando a causa, relevara o crime.

215

À infidelidade de Nize

De nocturno, horroroso pezadêlo
Fui na mente sombria atormentado;
Inda palpito, da visão lembrado,
Esfria o sangue, irriça-se o cabello:

Vi d'um lado a Desgraça impondo o sello
Às leis, que em damno meu creára o Fado;
Meus Males em tropel vi d'outro lado
Ais dirigindo a corações de gelo.

Co'a patria, mundo, e céo me vi malquistado,
Ao longe a Gloria laureada, e bella,
Ouvi dizer-me: — « De te honrar desisto! » —

Tive a Morte ante mim torva, amarella;
Furias, Manes: — O horror não parou n'isto,
Vi Nize, e o meu rival nos braços d'ella.

216

A Nize, escripto do carcere

Nize mimosa, como as Graças pura,
Amavel Nize como as Graças bella,
Se inda em teus olhos me pertence aquella
Maviosa affeição, que fere, e cura:

Um ai, penhor de candida ternura,
Envia ao triste, que esmorece, anhela;
Que em ti cuidando solitario véla
No seio antigo de masmorra escura:

Manda-lhe um ai, meu bem; com elle afaga
Do ancioso amante o coração ferido,
A quem mordaz saudade assanha a chaga:

Das minhas afflicções compadecido
Nas azas côr de neve Amor o traga;
Pago será com mil um só gemido.

217

A Morte unico refugio contra as perse-
guições da Sorte

Nas horas de Morphêo vi a meu lado
Pavoroso gigante, enorme vulto:
Tinha na mão sinistra, e quasi occulto,
Volume em ferrea pasta enquadernado:

— Ah! Quem és (lhe pergunto arripiado)
Mereces o meu odio, ou o meu culto?
«Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,
Sou teu perseguidor, teu mal, teu Fado.

«Corres, triste mortal, por minha conta;
Mas ha de a meu despeito haver quem córte
A serie de tormentos, que te affronta:

«Poder vem perto, que te mude a sorte:
Lá tens o teu regresso...» — E n'isto aponta,
Ólho rapidamente, e vejo a Morte.

*

218

Escripto no carcere

Acceso no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D'arvore tua, oh Phebo, eu cinjo a rama:

Prézo a doce moral, na voz da fama
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto;
Mas turba vil, que abato, aneio e espanto,
Urde em meu damno abominavel trama;

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta anniquilar-me o bando rude,
Envolto na lethêa escuridade:

Que falsa idéa, oh zoilos, vos illude?
Furtaes-me a paz? Furtaes-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica-me a virtude.

219

Agradecendo a Morphêo um sonho feliz

Bem hajas, oh Morphêo! Á phantasia
Que scena divinal me déste agora!
Nize, qual sáe da noute a grata aurora,
Surgiu-me d'entre as sombras da agonia.

Mais bello inda a saudade me fingia
O gésto encantador, que os céos namora;
Cuido que inda me afaga, que inda chora
Pranto, que morta flôr viver faria.

Graças, oh nume, de meus ais magoado!
Alta mercê meu coração te deve,
Por este acinte, que fizeste ao fado:

Só tua divindade a tal se atreve;
Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado
Sempre mostraste, oh sonho, em ser tão breve.

Recordações da sua amada no carcere

Na acceza phantasia estou medindo
Os passos, e as acções da minha amada;
Noto-lhe o puro collo, a mão nevada,
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lagrimas sentindo
Minha acerba oppressão de horror cercada,
E em torno da belleza amargurada
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodêa
Té mesmo irracional e inanimado,
Obriga a suspirar, commove, ancêa:

É de a ter com meus males consternado
Talvez lá na profunda estancia fêa
Dê tambem algum ai meu duro fado.

221

Deplorando a crueldade de Nize

Excedo lustros seis por mais tres annos,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,
Que de Pandora o cofre em mim despejam,
Folgam de que os mortaes nas cans me vejam
Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a formosura
Vingar-me dos crueis commigo irados,
E da ternura o premio ser ternura:

Mas Nize (oh vãos extremos desgraçados!)
Na trança infausta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos fados.

222

A constancia do sabio superior
aos infortunios

Em sordida masmorra aferrolhado,
De cadêas asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nus, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão roto, e cuspidado,
Sem ver um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

223

Desengano aos viciosos

Tu, que em torpes desejos atolado
Vergonhosos prostibulos frequentas:
Tu, que os olhos famintos alimentas
No cofre, de thesouros atulhado:

Tu, que do ouro e da purpura adornado
Quasi d'egual a Jupiter ostentas,
Bebendo as phrases vis, e peçonhentas
De bando adulator, que tens ao lado:

Monstros, que deshonraes a humanidade,
Despresando a pobreza atribulada,
E transgredindo a lei da caridade:

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
«Tremei da pavorosa eternidade,
Tremei, filhos do pó, filhos do nada!»

A existencia de Deus, provada pelas obras
da criação

Os milhões de aureos lustres coruscantes
Que estão d'azul abobada pendendo:
O sol, e a que illumina o throno horrendo
D'essa, que amima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,
Serras d'espuma contra os céos erguendo,
A leda fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a próvida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo que ha Deus a confessar me obriga:

E para crer n'um braço, auctor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

225

Deprecatorio, em occasião de tempestade

Filho, Espirito, e Pae, tres e um sómente,
Que extraístes do cahos, do pó, do nada
O sol dourado, a lua prateada,
O racional, e irracional vivente:

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada,
Gran'Ser, de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente:

Tu, que, se queres, furacão violento,
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas n'um momento:

Creador, que remiste a creatura,
Quebra o furor do tumido elemento,
Que nos abre no inferno a sepultura!

226

Affectos de um coração contrito

Oh rei dos reis, oh arbitro do mundo,
Cuja mão sacro-sancta os maus fulmina,
E a cuja voz terrifica, e divina
Lucifer treme no seu cahos profundo!

Lava-me as nodoas do peccado immundo,
Que as almas cega, as almas contamina:
O rosto para mim piedoso inclina,
Do eterno imperio teu, do céo rotundo:

Estende o braço, a lagrimas propicio,
Solta-me os ferros, em que choro e gemo
Na extremidade já do precipicio:

De mim proprio me livra, oh Deus supremo!
Porque o meu coração propenso ao vicio
É, senhor, o contrario que mais temo.

227

Conselhos a um Preceptor austero

Se te adornas de sã philosophia,
É pio coração, porque o desmentes,
Mantendo contra as lindas innocentes
Perante a séria mãe tenaz porfia?

Se um character ingenuo desafia
Tua voz a dizer tudo o que sentes,
Considera tambem que tens presentes
A virtude, a belleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade
Confessa que de uns olhos a brandura
É carta de favor, que persuade:

Sê digno preceptor, mas com doçura:
Mil desculpas merece a tenra idade,
E mil adorações a formosura.

À Paixão de Jesus-Christo

O filho do gran'rei, que a monarchia
Tem lá nos céos, e que de si procede,
Hoje mudo e submisso á furia cede
De um povo, que foi seu, que á morte o guia:

De trevas, de pavor se veste o dia,
Inchado o mar o seu limite excede,
Convulsa a terra por mil bôcas pede
Vingança de tão nova tyrannia:

Sacrilego mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lugubre aparato!...
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condemnas!

Ah! Castigae, senhor, o mundo ingrato:
Caiam-lhe as maldicções, chovam-lhe as penas,
Tambem eu morra, que tambem vos mato.

229

Sentimentos de conformidade, colhidos
na religião

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer minha desgraça,
A desesperação me despedaça
No mesmo instante o fragil sofrimento:

Mas subito me diz o pensamento
Para applacar-me a dôr, que me traspassa,
Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,
Teve n'um vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redemptor chorando,
Ao lado a mãe, prostrados os pastores,
A milagrosa estrella os reis guiando:

Vejo-o morrer depois, oh peccadores,
Por nós, e fecho os olhos adorando
Os castigos do céo como favores.

Contraste entre a vida campestre
e a das cidades

Nos campos o villão sem sustos passa,
Inquieto na côrte o nobre móra;
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaraça
Com essas cousas vãs que o mundo adora:
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquelle dorme em paz no chão deitado,
Este no eburneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sáe do palacio majestoso;
Se has de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes ser camponez, e venturoso!

231

Contra a Inveja

Tu de quantos dragões o inferno encerra
És o peor, Inveja pestilente !
Morde a virtude, ao merito faz guerra
Teu detestavel, teu maligno dente:

Athenas por teu mando iniquamente
O defensor Themistocles desterra;
O gran' Pacheco, o raio do Oriente,
Por ti cruel, sem funeraes se enterra:

Lividas gotas de infernal peçonha
Cuspiste sobre o nectar, que a ventura
Por mãos de neve me off'receu risonha:

E depois de tragar-me a Parca dura,
Ha de ir ainda a tua voz medonha
Minha cinza affrontar na sepultura.

Invocando o amparo da Virgem
Santissima

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entumecida:

Dôce abrigo, santissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do peccado
Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, d'estrellas nitidas c'roada,
Do Espirito, do Pae, do Filho eterno
Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
Guia este cego, arranca-me da estrada,
Que vai parar ao tenebroso inferno!

233

GLOSANDO O MOTTE:

« Morte, Juizo, Inferno e Paraiso »

Senhor, que estás no céo, que vês na terra
Meu fragil coração desfeito em pranto,
Pelas ancias mortaes, o ardor, o encanto
Com que lhe move Amor terrível guerra:

Já que poder immenso em ti se encerra,
Já que aos ingenuos ais attendes tanto,
Soccorre-me entre os santos sacro-santo,
Criminosas paixões de mim desterra:

Fugir aos laços de um gentil semblante
Não posso eu só: da tua mão preciso,
Com que prostrou David o atroz gigante:

Fira-me a contrição, torne-me o siso,
Acode-me, senhor, põe-me diante
« Morte, Juizo, Inferno e Paraiso. »

*

234

Contando-se por victima de accusações
calumniosas

Miseranda Innocencia és nome abstracto,
És um titulo vão da humanidade;
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando soffres do crime o duro tracto:

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas fezes da maldade;
Que em cumprir tuas leis, oh probidade,
Fôsse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calunnia m'ô desmente,
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente
Socrates impio foi, e eu sou perverso!

235

Deplorando a solidão do carcere

N'este horrivel sepulchro da existencia
O triste coração de dôr se parte;
A mesquinha rasão se vê sem arte,
Com que dóme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente,
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra idéa do aby•mo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza
Não vêr terra, nem céo, nem mar, nem gente,
Ser vivo, e não gosar da natureza?

236

Ao despertar d'um sonho terrivel

Sonho cruel o espirito inquieto
Me arrebatou a incognita morada;
Era de bronze a temerosa entrada,
De bronze o pavimento, o muro, o tecto :

Ente disforme, de rugoso aspecto,
D'alto assento me diz com voz pezada :
« Té que do meu furor te abrigue o nada,
Fulminei contra ti este decreto :

« Os fóros perderás da humanidade,
Teus flagellos serão teus semelhantes,
Hão de extorquir-te a gloria e a liberdade : »

N'isto acordo c'os membros titubantes :
Assim temeste, ouvindo, oh ferrea Edade,
A queda horrenda, que esmagou gigantes.

237

Contenda entre a Desesperação
e o Sofrimento

Minh'alma quer lutar com meu tormento;
Contenda inutil! É por elle o Fado:
Apenas de opprimir-me está cansado
Eterna força lhe refaz o alento:

Mais vale que delire o pensamento
Té agora co'a Razão debalde armado;
É menos triste, menos duro estado
A Desesperação, que o Sofrimento:

A Desesperação soluça e chora,
A Desesperação mil ais desata,
Parte do mal nas queixas se evapora:

O Sofrimento azeda o que recata;
Prende suspiros, lagrimas devora,
Tyrannisa, consome, e ás vezes mata.

238

Contra os que negam o livre arbitrio
nas acções humanas

Vós, crédulos mortaes, hallucinados
De sonhos, de chimeras, de apparencias,
Colheis por uso erradas consequencias
Dos acontecimentos desastrados:

Se á perdição correis precipitados
Por cegas, por fogosas impaciencias,
Indo a caír, gritaes que são violencias
D'inexhoraveis céos, de negros fados:

Se um celeste poder tyranno, e duro,
Ás vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, oh Razão, teu lume puro?

Não forçam corações as divindades;
Fado amigo não ha, nem fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.

239

A philosophia prestes a ceder aos golpes
da adversidade

Tenho assás conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente;
Assás contigo, oh Socrates, na mente
Á dôr neguei das queixas o tributo:

Sinto engelar-se da constancia o fructo,
Cáe no meu coração nova semente;
Já me não vale um animo innocente;
Gritos da Natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
D'alma estoica aspirar á vã grandeza,
Quando orgulho não fôr, será loucura.

No 'spirito maior sempre ha fraqueza,
E, abafada no horror da desventura,
Cede a Philosophia á Natureza.

Vendo-se exposto a tribulações
immerecidas

Não sou vil delator, vil assassino,
Impio, cruel, sacrilego, blasphemo;
Um Deus adoro, a eternidade temo,
Conheço que ha vontade, e não destino:

Ao saber, e á virtude a fronte inclino;
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo;
Chamo á beneficencia um dom supremo;
Julgo a dôce amisade um bem divino:

Amo a patria, amo as leis, precisos laços
Que mantêm dos mortaes a convivencia,
E de infames grillhões ouço ameaços!

Vejo-me exposto á rigida violencia,
Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Innocencia.

241

Alludindo á prophecia de Isaias
nos cap. VII e XI, etc.

Queimando o véo dos seculos futuros
O vate, accezo em divinaes luzeiros,
Assim cantou (e aos echos pregoeiros
Exultaram, Sion, teus sacros muros):

« O justo descera dos astros puros
Em deleitosos, candidos chuveiros,
As féras dormirão com os cordeiros,
Soarão dôce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe; vós dareis flôres,
Brenhas intonsas, em remotos dias;
Porás fim, torva guerra, a teus horrores.»

Não, não sonhou o altisono Isaias;
Oh reis, ajoelhae, correi, pastores!
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

242

O Remorso

(Escrepto na prisão)

Aquelle, que domina os céos brilhantes,
Artifice da machina estrellada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
Átomo a terra, os seculos instantes :

O Deus, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos trovões ao homem brada,
Da misera virtude atropelada
Vinga os tristes suspiros penetrantes :

Sem que o mortal com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, juiz superno
Na causa do innocente se interessa :

Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante remorso ! Em ti começa
O supplicio dos maus, dos maus o inferno.

243

Conformidade com os decretos
da Providencia

A frente, que de louro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz por effeito d'horrida apparencia,
Curvada pelo opprobrio, e denegrada:

De mil gratos objectos guarneçada
Rutilava a meus olhos a existencia;
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora ;
Sabio o mortal, que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

Vendo-se encarcerado e solitario

Aqui, onde arquejando estou curvado
À lei, pezada lei, que me agrilhôa,
De lugubres idéas se povôa
Meu triste pensamêto horrorisado:

Aqui não brama o Noto annuveado,
O Zephyro macio aqui não vôa,
Nem zune insecto aligero, nem sôa
Ave de canto alegre, ou agourado;

Expelliu-me de si a humanidade,
Tu, astro bemfeitor da redondeza,
Não despendes commigo a claridade:

Só me cercam phantasmas da tristeza:
Que silencio! Que horror! Que escuridade!
Parecé muda, ou morta a natureza.

245

Ao mesmo assumpto

Tão negro como a turba que vaguêa
Na margem do Coccytho á luz odioso,
O bando de meus males espantoso
No sepulchro dos vivos me rodêa.

Qual me abala os fuzis da vil cadêa,
Qual me affigura um rotulo afrontoso,
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso;
Eis d'elles todos o que mais me ancêa.

Tomara reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os fados tão malquisto,
Tomara costumar-me á desventura :

Esquecer-me do bem gosado, e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror; que o mundo é isto.

246

Aos amigos, dando-lhes a saber que
ainda vive

Oh vós que lamentaes d'Elmano a sorte,
Crendo na escura terra o corpo frio,
E os manes já sulcando o mudo rio,
Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o dôce, inevitavel corte
Lhe foge da existencia ao tenue fio;
E que seria em vós dever mais pio.
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte:

Existindo agonisa um desgraçado;
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama
Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela morte Elmano chama,
Com suspiros Elmano implora ao fado
Que seja voz de agouro a voz da fama.

247

Descreve os seus tormentos no carcere

Meus dias, que já foram tão luzentes,
Hoje da noute opaca irmãos parecem;
Meus dias miseraveis emmurhecem
Longe do gosto, e longe dos viventes:

Horror das trévas, pêzo das correntes
Olhos, forças me abatem, me entorpecem:
E apenas por momentos me apparecem
Rostos sombrios de intractaveis entes:

Pagam-se da rugosa austeridade;
Antolha-se-lhe um crime, um attentado
Soffrer nos corações a humanidade:

Voae, voae do céo para meu lado,
Ah! Vinde, dôce Amor, dôce amisade,
Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

248

Lenitivos do soffrimento contra as
perseguições da desventura

Victima do rigor, e da tristeza,
Em negra estancia, em carcere profundo,
O mundo habito sem saber do mundo,
Como que não pertença á natureza:

Em quanto pela vasta redondeza
Vae solto o crime infesto, o vicio immundo,
Eu (não perverso) em pranto a face innundo,
Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,
Monstro por cujas faces fui tragado,
Em parte um pensamento a dôr me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)
N'aquelles corações em que ha ternura,
É mais interessante, é mais amado.

249

Sobre o mesmo assumpto

Para as sombras da morte aqui me ensaio
Na habitação da culpa e do desdouro;
Lendo no mal presente o mal vindouro,
Aqui choro, aqui trêmo, aqui desmaio:

Por imagens fataes a idéa expraio,
Negreja n'uma, e n'outra infausto agouro;
Phebo! Oh Phebo! Ai de mim! Teu sacro louro
A fronte não me escuda contra o raio.

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
N'este horrivel sepulchro da existencia:

Mas pêzo dos remorsos não me opprime;
A susurrante, a vil Maledicencia
D'erros dispersos me organisa o crime.

*

250

No seu dia natalicio

Do Tempo sobre as azas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado á luz do sol este momento,
Furias, com vossos fachos se allumia!

Nascido apenas, pavorosa harpia
Ao berço me voou de immundo alento:
Empestando o miserrimo aposento,
Eis me roga esta praga horrenda, impia:

«Esteja sempre o bem de ti remoto,
Vivas sempre choroso, amargurado,
Damne teus dias o destino immoto.»

Caíu-me a imprecação do monstro alado,
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros com que me espera ao longe o fado.

251

Protesta pela sua innocencia, aggredida
por detractores invejosos

Nescia, vil ignorancia, injuriada
Dos vivos, que meu estro me grangêa,
Desce aos infernos, e a calumnia feia
Bramindo extráe da lobrega morada:

Do monstro de cem bocas escoltada
Por aqui, por ali corre, vaguêa,
Em meu nome de lar em lar semêa
Agro dicterio, satyra damnada:

Em cynico furor me finge accezo,
Venenoso, mordaz, impio me chama,
Diz que o jugo de um rei, de um Deus desprezo.

Mas sempre, sobranceiro á baixa trama,
Das patrias justas leis me é dôce o pezo,
Amo a religião, e aspiro á fama.

252

Hymno a Deus

Pela voz do trovão corisco intenso
Clama, que á natureza impera um ente,
Que cinge do aureo dia o véo ridente,
Que veste d'atra noute, o manto denso:

Pasmam na immensidade, é crer o immenso;
Tudo em nós o requer, o adora, o sente;
Provam-te olhos, ouvidos, peito e mente?
Numen, eu ouço, eu ólho, eu sinto, eu penso!

Tua idéa, oh gran'Ser, oh Ser divino,
Me é vida, se me dão mortal desmaio
Males que soffro, e males que imagino:

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio;
Sempre (até das paixões no desatino)
Tua clemencia amei, temi teu raio.

253

Confiança na misericórdia divina

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,
Fragil creaste, oh Deus, a natureza;
Quizeste que aos encantos da belleza
Amorosa paixão fosse ligada:

Ás vezes em seus gostos desmandada,
Nos excessos desliza-se a fraqueza;
Fingem-te então com impeto, e braveza
Erguendo contra nós a dextra armada:

Oh almas sem accordo, e sem brandura,
Falsos órgãos do Eterno! Ah!... Profanae-o,
Dando-lhe condição tyranna e dura!

Trovejae, que eu não tremo, e não desmaio;
Se um Deus fulmina os erros da ternura,
Uma lagrima só lhe apaga o raio.

254

**O retrato de Deus, desfigurado por
ministros embusteiros**

Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céos, a eternidade;
Que difunde annual fertilidade,
E aplanas as altas serras do oceano:

Um numen só terrível ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a humanidade,
Eis o Deus da razão, o Deus d'Elmano:

Um despota de enorme fortaleza,
Prompto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um creador funestio á creatura;
Eis o Deus, que horrorisa a natureza,
O Deus do fanatismo, ou da impostura.

255

Ao Dr. José Thomaz Quintanilha

que descrevêra na excelente glosa de uma quadra o desastre
de Leandro e Hero

Eurindo, caro ás Musas, e aos Amores,
Das tagides louçãs cantor mimoso,
Nãe damnes o almo verso delectoso,
Nãe sõe o lasso Elmano em teus louvores:

Exprime d'Hero as lagrimas, as dôres,
Do audaz d'Abydo o transito afanoso,
E em fofos escarcéos Neptuno iroso
Mugindo, suffocando-lhe os clamores:

Pinta os males d'Amor, de Ignez os fados,
Canta as glorias d'Amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas, e os agrados:

Em vez de aviventar co'a maga lyra
Musa infeliz, que em ancias, em cuidados,
Em soluços, em ais arqueja, expira.

256

GLOSANDO O MOTTE :

« Extráe da gloria alhêa o seu desdouro »

Eis da Virtude o templo rutilante;
Sacerdote ancião, de rubra veste,
Compassa pelo cantico celeste
Meneado thuribulo fumante:

Do pio aroma, do vapor fragrante
O giro salutar consome a peste
Do vicio, que debalde encara, investe
Turba d'heróes ás aras circumstante:

No solio magestoso a deusa abrindo
Aos alumnos fieis almo thesouro,
Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo:

E á porta, que voltêa em quicios d'ouro,
A inveja prenhe d'aspides, bramindo,
« Extráe da gloria alhêa o seu desdouro. »

257

Ao senhor desembargador Ignacio José
de Moraes e Brito

De ferreo julgador não vem contigo
Rugosa catadura, acções austeras;
Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo;

O amargor, a tristeza do castigo
Que impõem ao curvo crime as leis severas,
Co'a benigna clemencia tu tempéras,
Dos réos, que gemem, bemfeitor e amigo:

Se ardua rocha imitando, ou rijo muro,
Reprovar, detraír tua piedade
Tyranno coração, character duro:

D'elle te vingue a dôce Humanidade,
Que de aggravos do Tempo estás seguro;
Meus versos te darão a eternidade.

258

Ao senhor Manoel de Figueiredo

Official maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros
e da Guerra

Musa, não cantes barbara proeza
De um braço audaz, de um coração tyranno:
Não celébres o undivago troyano,
Perfido á tyria, misera princeza:

Esses de Marte heróes, cuja grandeza
Os incensos do vulgo attráe ufano,
São Tantalos crueis de sangue humano,
Escandalo feroz da natureza:

Louva sómente um animo benigno,
Que a nuvem de teus males tem desfeito,
Que já teu fado serenou maligno:

Louva de Figueiredo o nobre peito;
Conduze ás plantas de varão tão digno
Amor, verdade, gratidão, respeito,

259

Ao snr. desembargador
Sebastião José Ferreira Barroco

Acompanhando á India o excellentissimo
Francisco da Cunha e Menezes

Geme Barroco, a fraca humanidade
Nem nos peitos heroicos se desmente;
Mirra-lhe as faces afflicção vehemente,
Furta-lhe o riso a baça enfermidade:

Eis deixa os céos envolto em claridade
Alto nuncio de Jupiter elemente;
Eis vem calar-lhe os ais, corar-lhe a frente.
A Saude, benefica deidade:

« Achates do varão, que em paz, e em guerra
Vac do Gange emular na margem nua
Mil semideuses, cujo sangue encerra!

« Em vão (diz) te accomette a morte crua;
És necessario cá; precisa a terra
Almas sublimes, almas como a tua.»

260

Ao cõnsorcio de uns parentes

Filhas do Tejo, as aguas transparentes
Cortae da funda, e limpida morada,
Trazendo cada qual na mão nevada
Roxos coraes, aljofares luzentes:

Vinde, vinde trinár mil sons cadentes
N'esta arêa subtil, d'ouro bordada;
União tão feliz, tão suspirada,
Cantae gostosas, celebrae contentes:

Marcia, vossa rival na gentileza,
Hoje com puro voto suspirado,
Paga d'Almeno as ancias, e a firmeza:

A virtude os ajunta, o sangue, o fado;
E os laços, que lhe urdira a Natureza,
Tu lhe reforças, Hymenêo sagrado.

261

Louvando alguns poetas lyricos seus
contemporaneos

Encantador Garção, tu me arrebatas
Audaz vibrando o plectro venezino;
Suave Albano, delicado Alcino,
Musas do terno Amor, vós me sois gratas;

Adoro altos prodigios, que relatas
Cantor da Gloria, majestoso Elpino,
Tu, que agitado de impeto divino
Accêzos turbilhões na voz desatas:

Oh cysnes immortaes do Tejo ameno!
A carrancuda Inveja em mim não cria
Viboras prehes de infernal veneno:

O clarão, que esparzis, me accende e guia:
Culto, incenso vos dou, quando condemno
Delirios que Belmiro ao prelo envia.

262

Ao réo, que foi conduzido ao patibulo
no dia 11 de julho de 1797

Ao crebro som do lugubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente;
Um Deus consolador, um Deus clemente
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento:

Duro nó pelas mãos do algoz cruento
Estreitar-se no collo o réo já sente;
Multiplicada a morte ancêa a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento:

Olhos e ais dirigindo á Divindade,
Sobe, envolto nas sombras da tristeza,
Ao termo expiador da iniquidade:

Das leis se cumpre a salutar dureza;
Sáe a alma d'entre o véo da humanidade;
Folga a Justiça, e geme a Natúreza.

263

Ao mesmo assumpto

Sobre o degrau terrível assomava
O réo cingido de funereo manto;
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto
Da intrepidez a Morte se assombrava:

No firme coração não palpitava
O percursor da Parca, o mudo espanto;
E, ufana de subir no esforço a tanto,
Um ai a Humanidade apenas dava:

Mortal, que foste heróe no extremo dia,
De idéas carrancudas e oppressoras
Não soffreste o pavor na phantasia:

Co'as vozes divinaes, consoladoras,
Só a religião te embrandecia:
Foras de ferro, se christão não foras!

264

Ao senhor doctor Agostinho Gomes da
Silveira, advogado em Obidos

Mil poetas emphaticos e ufanos,
Pintando em verso natalicio dia,
Fazem voar nas azas da harmonia
Aurea chuva de hyperboles, e enganos:

Dizem, que sobrepondo-se aos humanos
O objecto, que o furor lhes desafia,
Ha de vêr entre os risos da alegria
Sua gloria sem fim, sem fim seus annos:

Desça a mentira ao ultimo terceto
Nos outros; — que eu desejo-te saude,
Mas seres immortal não te prometto!

Só rogo a Deus, que em premio da virtude
Cada verso que vae n'este soneto
A teu favor n'um seculo se mude.

265

Invocando a seu favor o valimento de
uma alta personagem

(Escripto na prisão)

Qual o italico heróe, o audaz Tancredo,
Pondo o apostata infame em vil fugida,
Caíu no laço da falaz Armida,
Na confusa prisão de mago enredo:

Tal eu, depois que enchi de opprobrio e medo
Os zoilos, a caterva embravecida,
Fui abysmado por calumnia infida
Nas ermas sombras de horrído segredo:

Nem só n'isto ao heróe sou semelhante;
Nize, e o voado Tempo na memoria
São a minha Clorinda, o meu Argante:

Ah! Tu, que inda has de honrar a lusa historia,
O meu Reinaldo sê, varão prestante;
Torna-me a liberdade, o mundo a gloria!

*

266

Ao snr. André da Ponte Quental e Camara,
quando preso com o auctor

O pezado rigor de dia em dia
Se apure contra nós, oppresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões contigo
Quem contigo altos bens gosar devia:

Da nossa amarga sorte escura, impia,
Colha triumphos tacito inimigo;
Sombra como a do lugubre jazigo
Nos cubra de mortal melancolia:

Custam fadigas a virtude, a gloria;
Por entre abrolhos se caminha ao monte,
Ao templo da honorifica Memoria:

Posto que hoje a calumnia nos affronte,
Inda serão talvez na longa historia
Dous nomes immortaes — Bocage, e Ponte! —

267

Ao senhor Antonio José Alvares,
em agradecimento de beneficios recebidos

N'este horrendo logar, onde comigo
Geme a consternação desanimada,
E parece que volta o ser ao nada,
Equivocados carcere, e jazigo:

Aqui, onde o phantasma do castigo
Assustada a liberdade agrilhoadada,
Tornam minha oppressão menos pezada
Mãos providentes de piedoso amigo:

No tempo infando, na corrupta idade
Em que apoz o egoismo as almas correm,
E em que se crê phenomeno a amisade;

Ouro, fervor, desvelos me soccorrem
De um genio raro... Oh dôce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis não morrem!

Ao senhor José Barreto Gomes, director
do Correio Geral e Postas do Reino

Embora torpes gralhas esvoacem
Em torno á gloria minha em bando impuro;
D'eterna sombra e tacito futuro
Meu nome, os versos meus embora ameacem:

Contra os annos, que morrem, que renascem,
Deu-me Phebo em seu dom penhor seguro,
Com que do esquecimento o pégo escuro
Meus versos, e meu nome affiutos passem:

Pleno thesouro de moral riqueza,
Barreto beñfeitor, Barreto amigo,
Não temas ser do nada infausta preza:

Além dos tempos viverás comigo;
Sou vate, e sobranceiro á natureza
Nos arcanos do céu leio o que digo.

269

Ao snr. Joaquim Manoel de Moura Leitão,
escrivão do Crime da Côrte e Casa

Os principios moraes, por que governo
Meu docil coração, meu livre estado,
Prêdem-me a ti com vinculo sagrado
D'amor, que passa o grau do amor fraterno:

És dôce, és puro, és generoso, és terno,
Brilhas, campêas de virtude ornado
N'um mundo de paixões contaminado,
Tão máo, tão feio que parece inferno:

De teus, de meus costumes a pureza
Sem poder profanar com vil maldade
Escume do invejoso a lingua presa:

Sãos existimos na corrupta idade;
Elle nem segue a voz da natureza,
Nós cumprimos as leis da humanidade.

À senhora D. Theresa de Jesus Pereira e
Azevedo, na morte de sua irmã

Dos negros mausoléos a deusa escura,
Que o véo desdobra do funereo dia,
Já Marília sumiu na estancia fria,
Deu mais um triste exemplo á formosura:

Soltou-se alma gentil, vida immatura,
De corpo, que em mil graças florescia;
Saudade perennal geme, e avalia
Thesouro, de que é cofre a sepultura:

Chóra, dôce Tirséa, encanto amado!
Feliz essa corrente maviosa,
Se lagrimas podessem mais que o fado!

Se aos chôros te surgisse a irmã formosa,
Qual em ermo jardim desamparado
Aos prantos da manhã revive a rosa!

271

Ao senhor Antonio Bersane Leite,
na morte de sua esposa

Tributo em ais no coração gerados
Não dês á cara cinza, afflicto esposo;
Roçam da vida o circulo afanoso
Caminhos florescentes, e estrellados:

Espiritos gentis, por Jove amados,
Volvendo a seu principio luminoso,
Olham sol não crestante, e mais formoso,
Vagueam sem temor por entre os fados.

Com alta phantasia, e rosto enxuto,
Vê nos elysios a immortal consorte,
Vê da virtude a fiôr tornar-se em fructo;

Doce, augusta Verdade Amor conforto;
Em vós, oh impios, a existencia é lucto,
É nos eieitos um sorriso a morte.

272

A' morte de Antonio Tertuliano da Silva
e Scusa

Morreste, caro Aonio, puro amigo,
Genio tão doce na ferrenha idade,
Em que sermos porção da Humanidade
Talvez mais que esplendor nos é castigo:

Triste, amavel despojo, em teu jazigo
Pousou meu coração, minha saudade,
E escuro como a tua escuridade
Sempre meu pensamento está contigo:

Á fatal solidão levou-te a sorte,
E eu, retido por ella entre os viventes,
Como que já soffri o extremo córte:

Teu ext'rior e o meu não são diff'rentes:
Meus olhos, labios, faces, tude é morte:
Mas ah! que eu sinto, Aonio, e tu não sentes!

273

Aos annos da senhora D. Anna Euphrasia
Lobo Pinheiro Amado

Brandamente extraiu co'a mão sagrada
Do Tempo, que não morre, hora divina
E em nuvem de aurea côr baixou Lucina,
Da estancia, que é por Jove abrilhantada:

« Off'rece (disse a deusa) hora dourada,
Off'rece ao globo divinal menina,
A quem destina o fado, o céo destina
Glória sem par no merito apurada. »

Nasceste, Analia, riu-se a natureza;
Cresceste, Analia, riram-se os Amores;
Eis alongado o imperio da belleza:

C'roam-se os annos teus d'elysias flores,
E de honral-os tentando a summa empreza,
Honram-se as lyras d'immortaes cantores.

274

Ao senhor doctor Francisco José
de Almeida

Da gloria, que não morde, á roda zune
De insectos nuvem torpe, escuro enxame:
Peçoõha embora dos farpões derrame,
Embora, caro Almeida, te importune:

Philosophal pavez, que o sabio mune,
Rechaça os golpes da calunnia infame;
Quem possue altos dons, com que se afame,
Canina, rouca voz desmente, e pune:

Interprete subtil da Natureza,
Entra seus penetraes, vê seus arcanos,
De apollineo fulgor tua alma acceza:

Os zoilos que te ladram, vis, e insanos,
Sorve-os o lodo, sorve-os a baixeza;
Tu brilhas necessario entre os humanos.

275

Ao senhor Gregorio Freire Carneiro

Com ampla mão, benefica largueza,
Mil vezes me has dourado a vida escura;
Aos fados meus, de horrivel catadura,
Mil vezes tens despido a atroz dureza:

Blasone embora a tumida nobreza
Dos timbres, que lhe engole a sepultura;
Esse esplendor dos grandes é vèntura;
Teu esplendor, oh Freire, é natureza:

Ante a luz, que do céo mil raios lança,
Dignidade sem merito é desdouro,
Merito estreme a eternidade alcança:

Teu genio bemfeitor supre um thesouro;
E eu, que obtive das Musas farta herança,
Pago-te em verso o que te devo em ouro.

Por occasião de um notavel incendio

que na calçada de S. André queimou um predio de casas,
proximo ás do conselheiro José d'Andrade Carvalho

Lambendo a região dos ares puros
Lingua voraz de labarêda ardente,
Na baixa terra com furor vehemente
D'alto edificio precipita os muros:

Espesso fumo em turbilhões escuros
O rosto mancha a Phebo refulgente:
Zune das prenhes bombas a corrente,
Que agitam da mestrança os braços duros:

Mas quando universal gemido sôa,
E parece que quer a sorte injusta
A moles cinzas reduzir Lisboa:

Rapida chamma, que os mortaes assusta,
Nobre Carvalho, a teu solar perdôa,
Por ser o asylo da virtude augusta.

277

Por ocasião do atroz parricidio,
que horrorisa Lisboa:
«Um filho, que matou seu pae!»

Lançado pela dextra omnipotente
O sol na cristallina immensidade,
Reflectindo o clarão da divindade,
A terra, como o céo, viu innocente:

Delicias era o mundo... Eis de repente
Crespa de serpes, horrida Maldade
Rebenta da profunda Eternidade,
E a Natureza em si o inferno sente:

Lavrando os crimes, tornam-se costumes;
De horror, Argos e Roma, exemplo déstes,
Que ennegrece, oh Memoria, os teus volumes!

Tu mesma eterno dó, tu, Lysia, vestes;
Que em teu seio (crédor de em si ter numes)
Se uniu a alma de Nero á mão de Orestes.

278

Ao mesmo assumpto

Em deserta masmorra, ao sol odiosa,
O monstro jáz, que a natureza infama;
N'alma estygios vapores lhe derrama
A implacavel Thesyphone horrorosa:

Do pae sem vida a imagem sanguinosa
Lhe geme em torno ao leito, o abala, e chama;
Do impio na mente a consciencia brama,
Tem sobre o coração mão espinbosa:

Ah! despejando ao crime a vil caverna,
Talvez, talvez não saia em debil passo
A saciar-te as leis, Justiça eterna!

Mas nem assim do algoz evita o braço;
Remorso aterrador, visão paterna,
Vós sereis seu cutélo, ou vós seu laço!

279

Ao mesmo assumpto

Havendo sobre a terra derramado
 Dos estygios dragões fel, e veneno,
 Numen feroz de carrancudo acêno
 Isto em bronze imprimiu, co'a morte ao lado:

«Novo, cruento, horrifico attentado
 O torpe enlute universal terreno;
 Sê Furia, oh Morte! — o parricidio ordeno.»
 (Ao pôr *ordeno* a mão tremeu ao Fado!)

Jove escuta o decreto, e diz ao nume:
 «Impio filho espargir sangue paterno!
 Ah! Poupa á natureza esse queixume!» —

«Não (lhè torna o tyranno Fado eterno)
 Quero excitar no abysmo atroz ciume;
 Tenha horror que invejar ao mundo o inferno!»

Ao excellentissimo e reverendissimo
senhor D. Fr. José Maria d'Araujo

Por occasião da sua eleição para Bispo
de Pernambuco

Precisa o globo, exige a natureza
Mais heróes da Razão, que heróes da Gloria,
D'aquella, digo, que em feroz victoria
Enluta, despovôa a redondeza:

Precisa da tua alma, absorta, acceza
Nos dons crédores de immortal memoria;
Dons, que trocam a vida transitoria,
Na que anda á eternidade unida, e presa:

Reflexo da radiosa divindade,
Com cujo auxilio em estro a mente innundo,
Da virtude és trophéo na ferrea idade!

Grande em character, em saber profundo,
Até que vás luzir na eternidade,
Levarás nova luz ao novo-mundo.

281

À intrepidez do capitão Lunardi

Fazendo em 24 de agosto de 1794, em Lisboa, a sua ascensão
aerostatica

*Tous frissonent pour lui, lui seul est intrépide.
L'ABBÈ MONTI, Ode a la Navig. Aérienne.*

Oh lyra festival, por mim votada
 Às aras do Prazer, e da Ternura,
 Nega-te um dia ás graças, á brandura
 De Marilia gentil, da minha amada!

A suave harmonia effeminada
 Grata ao mimoso Amor, e á Fôrmosura,
 Os molles sons, de que a Razão murmura;
 Converte em sons de que a Razão se agrada:

Ainda que te atrôe o negro bando
 De torpes gralhas, e a feroz cohorte
 D'inexhoraveis zoilos, escumando:

Resôa, applaude, exalta o sabio; o forte,
 Que além das altas nuvens assomando
 Colheu no Olympo o antidoto da morte!

*

282

Ao senhor João Pedro Maneschi

Por occasião do incendio em que perdeu todos os seus bens

Nos puros lares teus assoma irado
Vulcano em ondas de indomavel chamma;
Impetuoso cresce, horrivel brama,
Parece accezo pela mão do fado!

Em ferventes voragens desmandado
Tudo afêa, ennegrece, abraza, inflamma;
E em cinza inutil subito derrama
Teus merecidos bens, Maneschi honrado:

Mas tu, d'essa fatal, visivel peste,
D'essa do inferno imagem devorante,
O damno, estrago, horror baldar podeste:

Rico de um'alma singular, constante,
Tens, tens tudo:—Amisade, que te preste,
Dó, que te chore, e Musa, que te cante.

283

Ao senhor Francisco José da Paz
na morte de sua esposa

Deploro, caro amigo, o que deploras
Com porfiosa dôr, com dôr interna;
Perdeste a dôce esposa, a socia terna,
Que presente adoraste, e longe adoras:

Mas pensa, quando gemes, quando choras,
Que por alto poder, que nos governa,
Ella habita do bem na estancia eterna,
E na estancia do mal tu inda moras:

Revê no coração, na phantasia
A indole gentil, suave e pura,
Com que menos que o céo não merecia:

Olha cultos gozando a cinza escura:
Do corpo, em que brilhava uma alma pia,
É quasi, é quasi altar a sepultura!

284

Ao ex.^{mo} José de Seabra da Silva,
no dia natalicio de sua esposa

*Oh mihi tam longae maneat pars ultima vitae.
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta!*

VIRG. ECLOG. IV.

Egregio bemfeitor de um desgraçado,
Remido em fim por ti, por ti ditoso;
Oh tu, d'esposa excelsa excelso esposo,
Dos mortaes esplendor, dos céos cuidado!

Na lyra, em que chorei meu duro fado,
Mudando em som festivo o som piedoso,
Dispuz cantar um dia almo, e lustroso,
Ás graças, e ás virtudes consagrado:

Versos, que a Musa genial te off'rece,
Acolhe, anima com risonho aspecto,
Com teus altos influxos ennobrece:

A voz de um grato, de um submisso affecto,
Minha pura oblação de ti carece,
Para ousar sublimar-se ao grande objecto.

285

Oh tu, que tens no seio a eternidade,
E em cujo resplendor o sol se accende,
Grande, immutavel.ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade!

Amigo, e bemfeitor da humanidade,
Da mesma que te nega, e que te offende,
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
Manda o reforço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora;
Sabes que, de alta fé minha alma acceza,
Té-nas angustias o teu braço adora.

PERIODO DE DESALENTO E MORTE

(1798 a 1805)

286

Insomnia amorosa

Já com tenue clarão, já quasi escura
A nocturna Diana o céo voltêa,
E sobre o Tejo azul, que mal pratêa,
Vai duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas arvores murmura,
No lago adormecido a rã vozêa,
Mochó importuno agouros mil semêa,
D'entre as umbrosas moutas da espessura:

Lethargico vapor Morphêo derrama,
Com que insinua um dôce desalento
No livre coração de quem não ama:

Triste de mim! Se repousar intento
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,
E Analia me persegue o pensamento.

O Auctor aos seus versos

Vós, que de meus extremos sois a história,
Versos, por negro zoilo em vão roubados,
Nascidos da Ternura, e restaurados
C'o prompto auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria
Ide, meus versos, em Amor fiados,
Que d'elle só dependem vossos fados,
Que n'elle só demandó a minha gloria:

Não vos importe o publico juizo;
Da voz, que pelo mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voae aos olhos, cuja luz me inflamma;
Tereis de Anarda approvador sorriso,
Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

288

Assegurando Analia da sua firmeza

Distrae, meu coração, tua amargura,
Os males que te assanha a phantasia:
Provêm da formosura essa agonia?
Seja o seu lenitivo a formosura;

Por mil objectos adoçar procura
O ardor, que lavra em ti de dia em dia;
Mas oh fatal poder da sympathia!
Oh molestia d'amor, que não tem cura!

Astucia exercitar que te resista
Minha Analia, meu bem, debalde intento,
Está segura em mim tua conquista.

Como hei de minorar-te o vencimento,
Coarctar o imperio teu, se as mais á vista
Valem menos que tu no pensamento?

Lamenta um desengano inesperado

Tenta em vão temeraria conjectura
Sondar o abysmo do invisivel Fado,
Que, de umbrosos mysterios enluctado,
Some aos olhos mortaes a luz futura:

Presumia (ai de mim!) vendo a ternura
D'aquella, que me trouxe enfeitiçado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu bem minha ventura:

Oh terra! Oh céo! Mentiram-me os brilhantes
Olhos seus, onde achei suave abrigo;
Quão faceis de enganar são os amantes!

Humanos, que seguís as leis que sigo,
Vós, corações, que ao meu sois semelhantes,
Ah! Commigo aprendei, choraes commigo.

290

Incertezas sobre a fidelidade de Analia
ausente

Amor, que o pensamento me saltêas
Co'as memorias d'Analia a cada instante;
Tyranno, que vaidoso e triumphante
Me apertas mais e mais servis cadêas:

Dôces as afflicções com que me ancêas,
Se ao vêr-se de meus olhos tão distante
Soltasse Analia um ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflammasse as vêas!

Mas é talvez o exemplo das perjuras,
Outro amima talvez, em quanto eu choro,
Morrendo de saudosas amarguras;

E pelo ardente excesso com que adoro,
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o phantasma da traição que ignoro.

O sorriso de Analia

Quando Analia, o meu bem, que o céo namora,
Meigo sorriso de outro céo desprende,
Geme, e o que é vida n'um gemido aprende
Peito, que amor, e que a existencia ignora:

Quando Analia, o meu bem, suspira, ou chora,
A doce magoa doce fogo accende;
Na estancia divinal com Jove entende,
Quasi tenta imploral-a o ser que implora;

Sente um Deus como sente a natureza
Aquella, em cujos dons adorno o canto,
Aquella, que a meus versos dá grandeza:

Mas (se posso antepôr encanto a encanto)
Amo-lhe o riso, adoro-lhe a tristeza;
De Venus a chorar tal era o pranto!

292

À mesma

Se é dôce no recente, ameno estio
Vêr tocar-se a manhã d'ethereas flores,
E, lambendo as arêas, e os verdores,
Molle e queixoso, deslisar-se o rio:

Se é dôce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:

Se é dôce mares, céos vêr anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que experta os corações, florêa os prados:

Mais dôce é vêr-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

293

As illusões do desejo desfeitas pela
realidade

Desejo illuso, e vão! Para que traças
Quadro, que imagens divinaes off'rece?
A terna ausente amada me apparece,
Em céo d'amores eclypsando as Graças:

Ante a dôce visão com que me enlaças,
Já murcho, esteril já, meu ser florece:
Mas subito phantasma eis desvanece
Chusma d'encantos, que em teu sonho abraças:

C'roado de cypreste o Desengano
O meu nada me agoura... Oh dôr mais forte
Do que em seu grau supremo o esforço humano!

Chorae, Piedade, e Amor, tão triste sorte,
Chorae: longe de Analia expira Elmano;
Os que a ternura uniu, desune a morte.

294

Sobre o mesmo assumpto do precedente

Planta mimosa de louções verdores,
De amorosos perfumes! Planta bella,
Fade-te o nome do meu bem, d'aquella
Que é céo nos olhos, nectar nos favores!

Gravado apenas, te dará mil flores,
Depois mil fructos, que o desejo anhela:
Subito irás medrando, e vós com ella,
E vós com ella crescereis, amores!

Encantava-me assim Morphêo risonho:
Elysia, recendente amenidade,
Jardim celeste respirar supponho:

Eis desperto na dôr, na escuridade:
Um relampago foi tão lindo sonho:
Tu só tens duração, cruel verdade!

As lagrimas de Analia

(Escripto no ultimo periodo da sua final molestia)

De um nune aos ais d'Elmano oh dom mimoso !
Thesouros meus! Aljofares de Amores!
Ao vêr-vos deslisar, cair nas flores
De um gesto, como os deuses, milagroso;

Orvalho pareceis do céu piedoso,
Que meigo allivio influe em agras dores,
Que humedece estes aridos vapores,
Este halito da morte infesto, ancioso:

Sentindo o coração por ti regado,
Contigo, oh nectar, a existencia encanto,
E brando para mim se ri meu fado:

Amada! Jove, e tu, só podem tanto!
Meu mal dorme, repousa embriagado
Das mil delicias, que me dá teu pranto.

296

A' mesma Analia

Oh nympha, que das graças melindrosas
Tens na face a lindeza, o riso, as côres,
Na face mimos toda, e toda flôres,
Que é metade jasmins, metade é rosas!

Nympha suave, para quem saudosas
Dou magoas mil aos Zephyros, e Amores!
Tu gosas de meus ais, e dos louvores
D'estremado cantor, meu bem, tu gosas.

Em sons (pinceis phebêos) em sons copia
Teu rosto, um céo; do original o encanto
Eis, eis n'alma em tumulto a imagem cria:

Eu vate, eu amador não logro tanto;
Amor fogo me dá, Phebo harmonia,
E és mais no coração do que és no canto.

*

297

A' mesma.

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céo me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva
Lei (sendo ethérea) ao coração penosa:

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah! Não desmaies, a constancia aviva,
E por artes de amor, de amor oh diva,
Do não-gosado amante os manes gosa:

Mais dôce orvalho de teus olhos desça,
Á linda (como tu) melhor das flores,
Que em torno á campa se abotoe, e cresça;

Passêa entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.

298

Ultimos cantos

Cantor, que a fronte erguia engrinaldada
Comvosco, idalias e' roas, myrtho, e rosas,
Que viu por mão das tagides formosas
D'aljofares a lyra, e d'ouro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada,
Que solta em producções, louçãs, pomposas,
Surgiu, voou com azas luminosas
Ante o bando, que vae de rojo ao nada:

Estro, opulento do phebêo thesouro
(Já dos epicos sons talvez no ensaio)
OuvIU sair das trévas triste agouro:

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio
Á sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, oh louro!
Chorae-o, Amores! Tagides, chorae-o!

Conformando-se com os revezes da Sorte

Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nu brandindo irado, e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que em solio refulgente
Faça os povos felices, de tal sorte
Que o meu nome apesar da negra morte
Fique em padrões e estatuas permanente:

Se as suas impias leis inexhoraveis
Não querem que os mortaes em alto verso
Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpetua fama no universo.

300

Vendo-se accommettido de grave
enfermidade

Pouco a pouco a lethifera Doença
Dirige para mim tremulos passos;
Eis seus caídos, macilentos braços,
Eis a sua terrifica presença :

Virá pronunciar final sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços,
Virá romper-me á vida os tenues laços
A fouce, contra a qual não ha defença :

Oh! Vem, deidade horrenda, irmã da Morte,
Vem, que esta alma avezada a mil conflictos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte :

Mas ah! Mandando ao céo meus ais contrictos,
Espero que primeiro que o teu córte
Me acabe viva dôr dos meus delictos.

301

**Alentos d'esperança durante o periodo
da molestia final**

Se na que, morna e lugubre, murmura,
Corrente averna, como as sombras densa,
Dér queda enorme a sofrega Doença
Que á vida quer sorver-me a fonte impura:

De eleitos vegetaes sagaz mistura
Não foi rigido estorvo á morte intensa;
Só pode aos olhos meus virtude immensa
A do horror ferrolhar morada escura:

Arde, oh estro! fulmina o monstro humano,
Que origem vil ao mundo, a si presume,
E á causa divinal repugna, insano:

Salve, principio d'alma, ethereo lume!...
Se um Deus não fora, que seria Elmano!
Existe o vate, porque existe o nume.

302

Insufficiencia das doutrinas do Estoicismo

Dura philosophia audaz forceja
Por dar-me essencia nova ao pensamento;
De bronze diz, que forre o soffrimento,
E em brazas, como em flôres, manso esteja:

Diz que, oh leis de Zenon, por vós me reja;
Que sáe do alto systema alto portento;
« Os orgãos vivem, morre o sentimento,
E mudo, e frio, o coração caleja. »

Mas ai! Mais sabio que Zenon o Eterno
Fonte ás lagrimas deu, deu fonte ao riso;
Co'a lei das sensações meu ser governo:

Se eu folgasse entre o mal que em mim diviso,
Na mente ousára unir o horror do inferno
Aos sóes, de que se esmalta o paraíso.

Por occasião de uma poesia, em que seu
auctor (N. A. P. Pato-Moniz)
propugnava os mesmos dictames

Ás rigidas lições do ferreo Zeno
Se torce o coração, se enruga o rosto;
Falaz systema, e de aridez composto,
Que ás fecundas paixões secca o terreno!

Por timbre em metro d'ouro a doura Oleno,
E, á dôce natureza o nunca opposto
(Rindo entre flôres, vicejando em gosto)
Genio desliza d'Epicuro ameno:

Elle (bem que o difame o vulgo rude)
De almos Prazeres pela mão nevada
D'espinhos despe o trilho á sã virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
A moral formosêa, e não me illude
Querendo que de um Deus ostente um Nada.

304

Il n'est de malheureux que les coeurs detrompés

Voltaire, Trag. Merope.

Em vão, para tecer-me um ledo engano,
Philosopho ostentoso industrias cança:
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,
Repousa na apathia o peite humano:

O nauta a sócobrar no pégo insano
Vê rir-se ao longe a cérula bonança;
A mente esperançosa enfrêa, amansa
Os roncós, e as bravezas do oceano:

Se nos miseros cáe da mão dos fados
O negro desengano, eil-os anciosos,
E á desesperação, e á furia dados!...

Dourae-nos o porvir, oh céos piedosos!
Justos céos! Dêem sequer jardins sonhados
As flôres da ventura aos desditosos!

Aballado por funestos presentimentos,
colhidos em alheios successos

No abysmo tragador da Humanidade
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste
Sumir-se a florescente, e a murcha idade!

Olha em muros, que veste a escuridade,
Olha a côr de teu fado, a côr mais triste:
Talvez (agora!... agora!...) elle te aliste
No volume, em que lê a eternidade!

Oh tochas funeraes! Clarão medonho!
Da morte oh mudas, solitarias scenas!
Em vós arripiado os olhos ponho!...

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque penas?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas d'ouro, em regiões amenas.

306

Vendo-se indeciso ácerca do termo da
sua enfermidade

Se o grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der ver animados
De modesta ventura os meus destinos:

Se acordarem na lyra os sons divinos,
Que dormem (já da gloria não lembrados)
Ao coro eterno candidos, e alados
Honrar com elle um Deus ireis, meus hymnos:

Mas, da humana carreira inda no meio,
Se a debil flor vital sentir murchada
Por lei que envolta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraçada,
Direi, d'eternidade ufano e cheio:
«Adeus, oh mundo! Oh natureza! Oh nada!»

Sentimentos de contrição,
e arrependimento da vida passada

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! Cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innúmeros sóes a mente ufana
Existencia falaz me não dourava!
Mas eis succumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh Deus!... Quando a morte á luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soubê.

308

Dictado entre as agonias do seu
transito final

Já Bocage não sou!... Á cova escura
Meu estro vae parar desfeito em vento...
Eu aos céos ultragei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quam vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

A' morte gloriosa do insigne Almirante
Horacio Nelson

Precavendo os vaivens da instavel sorte,
E do britanno heróe zelando a gloria,
Sem mancha, sem desar, dal-o á memoria
Pelas ondas fataes jurou Mavorte:

Nelson! Raio do sul! Raio do norte!
Crésta na lide ao gallo a ovante historia;
Do horror a par de ti surge a victoria,
E louros immortaes te cinge a morte:

Não com dôr, não com ais o thracio nume
No thoro funeral te vê lançado,
Em teus olhos extincto o marcio lume;

«Vae (diz) folgar no Olmpo, alumno amado;
O triumpho até qui foi teu costume,
«Do que era teu costume eu fiz teu fado.»

310

Ao mesmo assumpto

De peito impenetravel sempre ao susto,
Ledo entre as armas, a folgar no p'riço,
Oh França, teu magnanimo inimigo
Por timbre teu não triumphou sem custo!

Ardendo em gloria o coração robusto,
Onde teve o trophéo teve o jazigo;
Nelson venceu, venceu por uso antigo,
Mas da victoria foi desconto injusto;

Bem que nadante a Gallia em rubro lago
(Domando a morte quem seus brios doma)
Crê reparar com isto immenso estrago:

Ah! D'onde um Nelson cáe, logo outro assoma;
Assim de heróes privando-te Carthago,
Heróes ferviam no teu seio, oh Roma!

311

Ao mesmo assumpto

Sobre as ondas do tumido oceano
Impavido guerreiro, nauta ousado,
De valor e fortuna sempre armado
Venturoso se ostenta o heróe britanno:

Sem da morte temer a furia, o damnô,
Entre as aguas do Nilo celebrado,
Depois d'o estreito Sunda ter passado,
Foi terror do francez, do castelhano:

Quilhas vinte rendendo ousado e forte,
Seus dias acabou, mas combatendo,
No fogo marcio, que preside á morte:

Louros ganhando, a patria defendendo,
Cedeu da parca horrenda ao fero corte,
Triumphando viveu, morreu vencendo.

312

Nelson entrando na Eternidade

Co'um diádema de luz no Elysio entrava
Envolto Nelson em sãnguineo manto;
Lavrou nos manes desusado espanto,
E a turba dos heroes o rodeava:

Grita Alexandre (e n'elle os olhos crava)
«Quem és, que entre immortaes fulguras tanto?»—
«Sou (lhe diz) quem remiu de vil quebranto
Europa curva, oppressa, e quasi escrava:

Deixei de sangue o pégo rubicundo,
Trophéos em meu sepulchro a patria arvora,
Raio ardi sobre o gallo furibundo.»

N'isto de novo o Macedonio chora,
E o que immensa extensão venceu do mundo,
Quem venceu um só povo inveja agora.

313

Na supposição de que Nelson foi morto
por um prisioneiro francez

O instrumento brutal da acção mais crua,
Que em sangue o louro a Nelson purpurêa,
«C'roa-me, oh Gloria! oh Gloria» (audaz vozêa
Desfeito a golpes mil, já sombra nua):

Primeiro a deusa atônita recua,
Assim depois o espectro sentencêa:
«Em character sanguineo o mundo lêa
«Da infamia nos annaes a historia tua:

«Em ti um monstro mais o averno alcança,
«D'heroes oh fero algoz!» — Diz co'um gemido,
E o lemure cruento ás Furias lança:

Cáe nos infernos com feroz bramido;
Eis sobre elle sacode Alecto a trança,
E de aspides sem conto eil-o mordido.

314

Às duas Potencias belligerantes

Mãe de chefes heroes, de heroes soldados,
A Gallia herdou de Roma o genio, a sorte;
Seus filhos no igneo jogo de Mavorte
Viram marcios leões tremer curvados:

Mas alta lei dos penetraes sagrados
Baixou, que o fatal impeto reporte;
Fervendo em raios no oceano a morte
Te obedece, oh Britannia, ao mando, aos fados:

No continente o gallo é deus da guerra;
O anglo audaz sobre o pelago iracundo
Da victoria os pendões, troando, afferra:

Ah! Nutram sempre assim rancôr profundo!
Um triumpho no mar, outro na terra;
Se as mãos se derem, que será do mundo!

315

À Cochonilha

(Traduzido de outro francez)

Figueira que o não é, planta não planta,
Folha sem arvore, arvore sem rama,
Me produz, qual assombro, em novo mundo,
Que o suberbo hispanhol frequenta avaro:

Da figueira não sou nem flôr, nem fructo,
Lenho, ou succo: e meus grãos, inda que bellos,
São de purpureos vermes só a estancia,
Que na folha mordaz estão ferrados.

Do sangue, que lhes cevam, sáe côr bella,
Minha fama e meu bem da morte d'elles,
Com que a prezada purpura me eguala:

Vale o pardilho meu sua viveza,
E se o meu inventor não se une aos deuses,
Ao menos a India minha immortaliso.

316

Ao snr. Marcos Aurelio Rodrigues

Dedicando-lhe a «Collecção dos Novos Improvisos de Bocage»

Carminibus vives tempus in omne meis.

OVID.

Piedoso Aurelio meu, character puro,
 Caro ás virtudes, na moral perfeito,
 Que do vate arreigado em triste leito
 Douras co'um sol benigno o tempo escuro:

Por ti de novo á patria dar procuro
 Versos, que a dôr, e a gratidão têm feito,
 E versos d'alto dom, d'alto conceito;
 No quadro sombra e luz assim misturo:

Teu ouro e (seu mór preço) o teu desvelo
 Brilhe a favor d'Elmano, a bem do amigo,
 E alongue á Musa os sons na voz do prelo:

Que eu, da Memoria já crédor antigo,
 Juro pagar (e a seu thesouro appello)
 A divida, em que ha tanto estou contigo.

317

Ao senhor José Pedro da Silva,
em agradecimento

Josino amavel, que zeloso engrossas
Bens, que mesquinho Apollo aos seus permite,
Que os, não longe talvez d'ermo limite,
Agros meus dias, compassivo, adoças:

Do honroso plectro meu com jus te apossas;
Folga; os fados me dão que a sombra evite,
Em que altas famas some o negro Dite,
E a que ás torres fatal é, como as choças:

Phebêa prepotencia os tempos doma;
Com teu nome por mim, que cinjo o louro,
Alvo padrão na eternidade assoma;

D'est'arte, abrindo o genio o seu thesouro,
Outr'ora na alta Grecia, e na alta Roma
Pagava em metro o que devia em ouro.

318

Ao snr. Francisco de Paula Cardoso
d'Almeida

Morgado d'Assentis, por occasião dos versos que lhe enviou

Mimo das graças te florece o canto,
De ternas sensações inda orvalhoso;
D'alma, que em nectar inundei saudoso,
Foge a dôr, foge o mal, foge o quebranto:

São melodia os ais, delicia o pranto,
Que excita o verso teu, gentil, mimoso;
Por elle jura Amor ser mais piedoso,
E sente a Natureza um novo encanto;

Estro do coração! Teus sons, teus lumes,
Dos montes de perenne amenidade
Tentem no longo adejo os florecos cumes:

Versos, não vos merece a ferrea idade;
Gosae no Olympo, oh musica dos numes,
Vosso ouvinte immortal, a Eternidade!

319

A' Patria

D'Elmano a Musa, que entre imagens véla,
Em quanto, oh natureza, estás calada,
Carpia do aureo Pluto abandonada,
E Pluto era de bronze aos prantos d'ella:

D'Elmano a Musa, que a memoria anhela,
Conforma o plectro em dôr co'a voz magoada;
E dos piedosos sons tu apiedada,
Gemes, oh Lysia, oh mãe suave, e bella:

Qual arde avara sede ante um thesouro,
Patrio amor ante o metro me flammeja,
E o que em verso me extráe, me volve em ouro:

D'alma em torno a sorrir-se a Gloria adeja;
E (mercê d'alta Lysia) immune o louro
Entre as sombras lethaes inda verdeja.

320

Ao senhor José Rodrigues Pimentel
e Maia

Em retribuição de outro que lhe enviou

Tu, que tão cedo aventurando as pennas,
Ave gentil d'Amor, transpões o cume
Dos montes do universo, e nos de um nume
És dôce ao choro das irmãs Camênas:

Tu, que dos cysnes as canções amenas
Desatas em dulcisono queixume,
Sem que o lethal, irresistivel gume,
Talhe o fio subtil aos sons que ordenas:

Do vate, oppresso de intimo quebranto,
Colhe, amenisa o tom, que em vão forceja
Por ser, qual era, deleitavel canto:

Já debil, tibio já, meu estro adeja;
E entenebrece a inente, e põe-lhe espanto
A morte, que no peito me rouqueja.

321

Ao senhor João Sabino dos Santos Ramos,
em retribuição de outro

Do Fado vencedor, que o prostra fero,
Não, não fôra trophéo d'Elmano a lyra,
Se infeliz entre os dons, que o globo admira,
Homero fosse em vida, em morte Homero:

Mas se ás vezes furtar-me ao nada espero,
E a mente a novo ser na gloria aspira,
Outras sonha o terror me não confira
(Ai!) moral existencia o sabio austero:

Da fama o phrenesi me torna insano;
Porém do coração cáe moribundo
Em breve o cego amor de um nome ufano.

Oh d'almos bens mânancial fecundô!
Ternura! Este almo bem te deva Elmano:
Se o mundo o não cantar, que o chore o mundo!

322

Ao senhor Nuno Alvares Pereira Pato
Moniz

Co'a mente juvenil, sublime, alada,
Sáes da terrea mansão, mansão profana;
Introduzes, Moniz, a idéa ufana
Lá na de sóes sem conto estancia ornada:

Já, de Lysia cantando a historia honrada,
Sôas qual grega musa, ou qual romana;
Já medrando nos céos a força humana,
Teu metro creador faz ente o nada:

Nove deusas louçãs, tres deusas nuas
Te abrem thesouros; cada qual te admira
No verso graças mil, que foram suas:

Assaz luziu teu estro; a mais aspira,
E extranho não será que substituas
A tuba de Marão de Flacco á lyra.

323

Aos amigos

(Em agradecimento)

Terno Paz, bom Maneschi, Aurelio caro,
Alvares extremoso, Almeida humano,
Ferrão prestante, valedor Montano,
Moniz, que extráes teu nome ao tempo avaro!

Freire, Vianna, Blancheville, oh raro
Moral thesouro, que possue Elmano;
Socio de Flora, e tu, de som thebano
Oh cysne; e tu, Cardoso, em letras claro!

Monumento honrador da humanidade,
(Se o fado me sumir da morte no ermo)
Grata vos deixa cordeal saudade;

Ireis nos versos meus do globo ao termo,
Por serdes com bènefica piedade
Nuncios, nuncios de um Deus ao vate enfermo!

324

Ao nascimento da senhora infanta D. Maria
d'Assumpção, em 25 de julho de 1805

(Improvisado)

Quando abriste os gentis, serenos lumes,
Oh de sagrado amor penhor sagrado,
Taes futuros te deu risonho o Fado
(Eu o sei, confidente eu sou dos numes):

«De encantadores, divinaes costumes
Serás norma querida, exemplo amado;
E gosará teu ser, divinizado,
Aras, ministros, canticos, perfumes:

«Co'a dextra, que milhões de mundos move,
Ser-te-hei guia, e na terra hei de esquivar-te
De tudo o que nos astros não se approve.

«Luz e gloria contigo o céo reparte,
Regio fructo d'heróes, e nunca Jove
Tanto o que era sentiu, como em crear-te.»

Ao senhor
Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo

Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado,
Esmaltas, o porvir, e a dôr tempéras,
Transcender inda ousasse em metro alado,
Rodantes turbilhões de azues esphas:

Se entrando o bronzeo alvergue, onde abre o Fado
Gran'codigo immortal de leis severas,
Attentar, como tu, lhe fosse dado
Em promiscuo tropel fervendo as éras:

O teu, do etherco ser não mui distante,
De olympia abrilhantado amenidade,
Vira sorrir-se em flôr sação fragrante:

E lá comtigo, pela extrema idade,
Firmado em muitos mil, degrau brilhante,
Ir desaparecer na eternidade.

326

A um desconhecido

Na idéa e coração te brilha o nume
De que esta immensa machina depende;
Celsa virtude a teu character prende,
A torna instincto em ti, e em costume:

Efluvio de radioso e eterno lume,
Flamma d'alta moral teu peito accende;
E ás leis, e ás aras homenagem rende
Tua alma, que dos céos adeja ao cume:

Quem és ignoro, e te darei meus hymnos,
Piedosa imagem de invisiveis seres,
Que semelhas até nos sons divinos.

Desdouras da jactancia os vãos prazeres;
E crês (dourando em parte os meus destinos)
Que os beneficios teus são teus deveres.

Ao senhor Pedro Ignacio Ribeiro Soares,

Em agradecimento a uma Ode que lhe dirigiu

Eu, esse cujos dons medraram tanto
De cultura gentil no brando esteio;
Eu, que da meiga patria unido ao seio
No affago maternal nutri meu canto:

Vergava ao pezo de mortal quebranto,
Quando teu hymno, teu milagre veiu
De harmonia, de luz, de gloria cheio
Minha alma repassar de um lume sancto:

Bem que das Musas docemente amado,
Se temi de uma edade a outra edade
Não poder alongar-me em nome alado:

Cresco em teu estro, sinto-me deidade;
Já, já piso os salões a Jove, ao Fado,
No pavimento azul da eternidade.

328

Ao sênhor Henrique José da Silva,

Em agradecimento ao primoroso desempenho
com que o retratou

Altas filhas do genio, irmãs formosas,
Oh Poesia! Oh Pintura! Oh par sagrado,
Que nos jardins de Amor colheis mil rosas,
Arcanos mil nos penetraes do Fado!

Em vós absorto, em vós extasiado
Da sorte não me acurvo ás leis penosás!
Jove, por ambas ao mortal é dado
Que logre em homem o que em numen gosas!

Forçando ao pasmo as almas sup'riores,
Transluz um ar, um estro, um ser divino
Do plectro, e do pincel nos sons, nas côres:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete aos vates dous, aos dous pintores,
Correr na eternidade egual destino.

*

**Ao snr. desembargador Vicente José Fer-
reira Cardoso da Costa,**

Em resposta a outro, que do Porto lhe enviou

Eu cantava de Amor; eis negro agouro
Sáe d'ave negra em doloroso accento;
Tremi, calei-me, e no fatal momento
Baqueou-me, estalando, a lyra d'ouro:

O Tejo (a que era então qual és ao Douro)
Co'as filhas murmurou de sentimento;
Foi-me a folha immortal vão ornamento,
Feriu-me o raio, irreverente ao louro:

Da mente, que lustrava enriquecida
Oh Grecia, dos teus dons, dos teus, oh Roma,
Vae-se escoando a luz co'a luz da vida:

Mas inda ás vezes n'alma um Deus me assoma,
E o pensamento audaz forceja, e lida
Por dar-me o nome, o jus, que os tempos doma.

330

Ao senhor Antonio Mendes Bordalo,

Em retribuição de outro

Ancias inda teu metro, e raivas custa
Á lacerante Inveja desgrenhada;
A lyra sôa em ti não descassada,
E a voz cadente os numeros lhe ajusta:

Alta razão, philosophia augusta
Trôa, n'um digno tom por ti vibrada;
E do igneo arremessão cáe fulminada
A de inglorios mortaes caterva injusta:

Teu plectro, e plectros (de que está sedenta
A mãe dos Tempos, que a Virtude enrama
Com lauro, que o verdor no Olympo ostenta)

Elmano adora, como Delio os ama:
No som, que o ser, e a gloria me aviventa,
Tomo á vida o sabor, e o gosto á fama.

331

Ao padre fr. José Botelho Torrezão,

Em resposta

D'Elmano antes da morte é morto o canto,
Do Pindo inspirações já lhe não descem;
Mas inda aos que em seus males se enternecem
O que sómente é dôr, parece encanto.

Ah! Ditoso o que deve á patria tanto,
Ditoso, o que altas Musas ennobrecem:
Bem que afinadas oppressões não cessem
De abrir-lhe mais e mais a fonte ao pranto!

Da mente, em que fervia o gaz sagrado,
Um Deus, que respirei, já não respiro,
Um Deus, por quem do nada estou salvado:

Nos versos, que te dou, talvez deliro;
Da sorte aos meus pousar foi já mandado,
E aos teus impõe seguir da fama o giro.

332

Ao snr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha

Tu, que do gran'cantor da Natureza
De ouro em flores, oh vate, e em fructos de ouro
Á patria déste hesperico thesouro,
De altos quilates de immortal riqueza:

Tu, que sobes co'a mente em Phebo acceza
Lá onde a Gloria cinge eterno louro,
A teu nome em teu verso vividouro
Contra a morte moral já tens defeza:

Innove ás artes, que embellezam tanto,
Desarreigue ás sciencias não mimosas
Flores, e espinhos teu plausivel canto:

Não sagres a meu mal dom que amplo gosas;
Basta ao vate, que geme, o som do pranto,
Á dôr são nectar lagrimas piedosas.

333

À ternura cordeal de Soyé a cordeal
gratidão de Bocage

(Ao senhor João Soyé Waffer e Oconnor)

Bem que do eterno luto ameaçada,
Folga escura existencia vacillante,
Por azares fataes a cada instante
Do mundo nas procellas soçobrada:

Vê do Pindo a caterva desolada
(Quasi n'elle despotica imperante)
Com dôr fiel, com lastima incessante
De teu mal, de teus ais sobresaltada:

Olha Jonio, o tambem desfallecido,
De quem foge convulso, e trabalhado
Da philaucia o phantasma espavorido!

Piedoso implora meu destino irado;
O sabio do infeliz compadecido
É mais interessante, é mais amado.

334

Reconciliação com Belmiro

Agora, que a seu lobrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,
E o coração, que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro:

Musa d'Elmano, e Musa de Belmiro,
Una-se a gloria sua á gloria minha:
Meu nome aguarentou com voz mesquinha,
Eu justo ao seu não fui, e a sê-lo aspiro:

Nem tu me esquecerás, Gastão cadente,
Lustroso a par de mim, quando de chofre
Igneas canções brotei, co'um Deus na mente:

Abri, Verdade, abri teu aureo cofre;
Isto Elmano extrahiu co'a mão tremente
No serio ponto, que illusões não soffre.

Ao snr. Belchior Manuel Curvo Semmedo

Maga lyra de Amor, que ao thracio vate
La na estancia fatal dos ais, do luto,
Déste ameigar o enorme, horrivel bruto,
Que no ferreo portão braveja, e late!

Lyra piedosa, que apiedando Hecate
Colheste em chão da morte um dôce fructo!
Revives no aureo plectro amêno, arguto,
Do lethal captiveiro alto resgatê:

Sim, divino cântor; na somnolenta
Mansão das Parcas, se a gentil consorte
Visses em flôr cahir, por lei cruenta:

Portas do Orco (arrancando a chave á Sorte)
Desfecháras co'a mão de susto exempta,
E outro milagre soffreria a morte.

336

Aó senhor Thomaz Antonio dos Santos
e Silva

Indigena immortal do Pindo ingente,
Alças na dextra o delphico estandarte;
Une-se Elmano (como ao todo a parte)
A ti, para ostentar c'roadada frente:

Igneos vãos lhe dá teu estro ardente,
Quando, opulento em genio, e rico em arte,
Pintas glorias de Amor, furias de Marte,
E qual foi Corydon, és só demente:

Nectarisas no metro o gosto, a queixa,
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,
Absorto o pensamento as azas fecha:

Quam varias sensações produz teu canto!
N'alma, no coração que effeitos deixa!
Ou jubilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto!

337

Ao mesmo

Vapor dourando, que me afuma os lares,
(Porque a morte os bafeja de centino,
Solto de ti relampago divino,
Milton de Lysia, allumiou meus ares:

O bem de ouvir-te, o bem de me chorares,
Quasi que irmana desigual destino;
Tu de assombros cantor (Phebo, ou Tomino)
Eu ave, eu orgão de pavor, de azares:

Niveo matiz de auríferas arêas,
Cysne qual Jove outr'ora, e que no alado
Extasi aos céos a melodia altêas!

Voz, de que adoro o cantico sagrado,
Voz, que a dôr minha, o fado meu prantêas,
Dá-me teus sons, e cantarei meu fado!

338

Ao senhor Pedro José Constancio

Cysne gentil, que modulava implume
A furto, a medo pela ismenia arêa;
Cysne gentil, que da cerulea vêa
A medo, a furto só roçava o lume:

Plumoso, os magos sons já não resume,
Os vôos da harmonia espraia, altêa,
De orgão canóro inspirações gorgêa,
(Que no gorgείο se lhe sente um nume!)

Gralhas da Inveja! oh vós, que em vão damnosas,
D'intactos nomes extraís veneno,
Tal como a torpe Arachne extráe das rosas:

Deixae niveo cantor brilhar no Ismeno;
Deixae, filhas da Noute, aves nojósas,
Sorrir-se a Natureza ao canto ameno.

339

Ao mesmo

Nos elysios de Amor endeusada
Quadros tua alma esparze encantadores;
Deu-lhe as graças n'um riso, e deu-lhe as côres
De Adonis doce amante, e doce amada:

Sonhando attráe a idéa embellezada
Nectar dos gostos, halito das flores;
Perde-se, esvae-se em extasis d'amores,
E um céo parece á phantasia o nada!

Por gloria almo pintor, ou por piedade,
Novos encantos do pincel risonho
Envia á dôr, que geme em soledade!...

Doure-se, oh Morte, assim teu véo medonho:
Ah! Quero amaciar tua verdade,
Tua ferrea verdade em aureo sonho!

340

Ao senhor José Agostinho de Macedo

*Nomen . . . erit indelebile nostrum.**OVID. Metam. lib. XV.*

Versos de Elmiro os tempos avassallam,
(Versos, que imprime em si a Eternidade!)
São novos estes sons na humanidade;
Cantas, oh genio, como os deuses fallam!

Parece que as pyramides se abalam
A agouros de terrivel magestade;
Que a marmorea estupenda immensidade
Das moles do alto Nilo a terra egualam!

Meus dias, de ouro já como os primevos,
Salvas do cru Saturno, e Morte crua,
D'uma e d'outra existencia algozes sevos:

Rivaes a duração do sol, e a sua,
Calcando a Parca, atropellando os Evos,
Elmano viverá da gloria tua!

341

Ao senhor Francisco de Paula Medina
e Vasconcellos

Em louvor do seu poema heroico intitulado «A Zargueida»

De Zargo o heroico ardor, que luz na fama,
Cantas em metro altisono, e fervente;
Nautica, lusa gloria em seu oriente
Por ti, qual no zenith, esparge a flamma:

Do misero Machim, da triste dama
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra geme... E que fará quem ama!

A que, de Homero a par, no Elysio avulta,
Sombra do gran Camões, alta, e divina,
Crê, que falla em teus sons; attende, exulta:

A face para ti sorrindo inclina,
E ao teu canto vivaz, que o Tempo insulta,
Gran, não longe do seu, já lá destina.

342

Ao snr. fr. Francisco Freire de Carvalho

Pelos excellentes versos que lhe enviou

De Ontanio choras, e de Ontanio cantas
Teu doce, e claro irmão, meu doce amigo,
Aquelle, de quem pousam no jazigo
Tantos ais, tanta dôr, saudades tantas!

Cantando enlevas, e chorando encantas,
E acorda, e vive n'alma o tempo antigo,
Quando a Quintilio no calado abrigo
Carpia o vate, cujo som levantas:

As Artes, as Sciencias, enlutadas
(As delicias de Ontanio, os seus amores)
Depois que o viram mudo estão caladas!

Ah! Com elle eternizem-se os cantores;
Altos gênios vos dêm, cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lagrimas e flores!

343

Ao snr. José Nicolau de Massuelos Pinto

Do choro arguto de phebêos cantores
Josino é doce parte, é socio amado;
Viu, commetteu, vingou com genio alado
Monte, espinhos em baixo, em cima flores;

Néctar lhe ferve (que libaes, Amores)
No metro, pelas Graças torneado;
E põe na eternidade, e põe no fado
Olhos impunes, do porvir senhores:

Do coração nos dons, ou mais, ou tanto,
A copia minha olhou, deu-te homenagem,
Oh deusa, irmã d'Amor, em verso, em pranto:

Não tremò de que os seculos me ultragem;
Lá (mercê do pincel, mercê do canto,)
Meu nome viverá, e a minha imagem.

344

Ao senhor Henrique Pedro da Costa

Phebo no ethereo plaustro omni-fulgente
(Aureas as rodas, o eixo adamantino)
Clamou do campo immenso e cristallino:
«Honrou-me, oh Natureza, ornar um ente!

«No Olympo (é tal meu jus) me foi patente
O d'alta criação cofre divino;
Vi, não perfeito ainda, o ser de Henrino,
Obtive enriquecel-o, e dei-lhe a mente.» —

«Eu dei-lhe o coração, melhor thesouro
(Responde Natureza ao nume ufano)
«E ao teu prefere da virtude o louro:

«Transcende na ternura os graus de humano,
E seu canto não só, tambem seu ouro
Mitiga os males do jacente Elmano.»

*

345

Ao mesmo

Toldado o fóco á luz da phantasia,
Turva do metro a limpida nascente,
Inercia o corpo, soledade a mente,
Em ocio, ou em lethargo a sympathia:

O Elmano outr'ora, o vate d'algum dia,
O que sentiu, pensou, viveu, não sente,
Nem pensa, ou vive: automato, não ente,
É mão, que versos machinaes te envia:

Tu lhe enverdece co'um bafejo a palma,
Faze um prodigio mais, tu mais que humano,
A quem nunca de Cirrha o ventor acalma:

E Lysia julgará com doce engano,
Que em momento phebêo creando-os n'alma,
Eu pensava, eu sentia, eu era Elmano.

346

A memoria do fallecido João Baptista
Gomes Junior

Dirigido ao senhor Bento Henriques Soares

Jonio meu, inda meu (porque o jazigo
Titulos immortaes, não vos devora)
Que encantador, e que encantado outr'ora
Luz eras d'elle, e tua luz o amigo!

D'Elmano é grato á dôr vagar contigo
Plagas fataes, onde o silencio mora;
É doce á minha dôr, que em vão te chora,
Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Ignez! Perderam-te os Amores,
Que em ti gosavam duplicado encanto,
Flores no metro, e no character flores:

Sôpro da morte se gelar meu pranto,
Ais canoros o claro entre os cantores
Sagre aos dous genios, que se amaram tanto.

347

Ao senhor
D. Gastão Fausto da Camara Coutinho

Dôr, que afiada o coração golpêa,
Se não toldára o brilho á Delia flamma,
E o tom do vate, que endeósa o Gama,
Inda a voz me alongasse, ativa, e chêa:

Com alma solta, e do vil globo alhêa
(Onde Inveja o desar ao genio trama)
Nos trilhos esmaltados d'aurea fama
Tentára os orbes, que immortal vaguêa.

Aos hombros d'Aquilão, por mim curvado,
Subira céos e céos; já nume Elmano,
Bebêra sóes, e sóes, extasiado:

E, revocando á mente o gran'Romano,
Pelos climas da luz, contigo ao lado,
Hymnos te déra em metro mantuano.

348

Proximo aos seus ultimos dias

Ave da morte, que piando agouros
Tinges meus ares de funerco luto!
Ave da morte (que em teus ais a escuto)
Meus dias murcharás, mas não meus louros:

Doou-me Phebo aos seculos vindouros,
Deponho a flor da vida, e guardo o fructo,
Pagando em vil materia um vão tributo,
Retenho a posse de immortaes thesouros.

Nome no tempo, e ser na eternidade!
Que fado! Oh ponto escuro, assoma embora,
Dê-me o piedoso adeus commum saudade:

E rindo-me na campa os dons de Flora,
Mais do que elles a adorne esta verdade:
«Lysia cantava Elmano, e Lysia o chora.»

349

Sobre o mesmo assumpto

Nestoreos dias, que sonhava Elmano,
Brilhantes de almos gostos, d'aurea sorte,
Pomposa phantasia, audaz transporte,
As azas cerceae do orgulho insano:

Plano de um numen contradiz meu plano,
E quer que se esvaêça, e quer que aborte;
Eis, eis palpita, percursor da morte,
No tumido aneurisma o desengano:

Adeus, oh genios que Olysséa admira!
Cantor, que honrastes, honrareis cantores,
Versos, pranto lhe dae, que Elmano expira!

Deixae-lhe a cinza em paz, fataes Amores;
E vós do extincto vate a campa, e lyra,
Virtudes, que exaltou, cubri de flores!

350

Lamentando falta de correspondencia em
dous poetas, seus amigos

Melibêo me cantou, cantou-me Oleno,
Nomes, que vae dourando á Fama o giro;
Glória Amphriso me deu, me deu Belmiro,
Olivo me encantou com metro ameno:~

Solto do vil, miserrimo terreno
Aos astros fui nos extasis d'Elmiro;
Por mim de Tempe o florido retiro
Teus sons ouviu, Pierio, os teus, Almeno:

Junto a Phebo, ou a si, me poz Tomino,
E outros... Mas entre o numero inspirado,
Não tive Ismeno (oh dôr!) não tive Alcino!

Jaz mudo aquelle (e não me ignoro, oh Fado!)
Este, absorto em seu prospero destino,
Se esquece de que Elnano é desgraçado!

Retribuição final aos poetas contempora-
neos, que o tinham mimoseado
com seus versos

Caro a Phebo, a Filinto, a Lysia, á Fama,
Na lacia fonte e argiva immerso Alfeno;
Pelas deusas irmãs fadado Ismeno,
Em que é numen Razão, Verdade é flamma;

Canoro Melibêo, por quem derrama
Inveja e Gloria o nectar, e o veneno;
Philosopho cantor, meu doce Oleno,
Doce ao socio infeliz, que em ais te chama!

Elmiro, que de Sophia o gran'thesouro
Revolves, possessor, com mão suprema,
E outros, que o Tejo honraes, o Vouga, e o Douro:

Dae-me que o Lethes sorvedor não tema;
Por vós comprado ao Tempo em versos d'ouro,
Cysne talvez que sôe á hora extrema.

352

A um, que não sabendo nem escrever o seu
nome, dizia que os versos do auctor
eram errados

Cara de réo, com fumos de juiz,
Figura de presepe, ou de entremez,
Mal haja quem te soffre, e quem te fez,
Já que mordeste as decimas que fiz:

Hei de pôr-te na testa um *T* com giz,
Por mais e mais pinotes, que tu dê;
E depois com dous murros, ou com tres,
Acabrunhar-te os queixos, e o nariz:

Quem da cachola vã te inflamma o gaz,
E a abocanhares syllabas te induz,
Oh dos brutos e alarves capataz?

Nem sabes o *A B C*, pobre lapuz;
E pasmo de que, sendo um Satanaz,
Com tinta faças o signal da cruz!

A Antonio José de Paula, comico e director do theatro do Salitre

Resurge vesgo e torto o gran'Fréd'rico,
Mestiço nas feições, crespo em melena;
Tem gesto fanfarrão, alma pequena,
Mas o peito é flammante, o trajo é rico:

Faz caretas ao povo em ar de nico,
C'o retrato de um burro avilta a scena;
Pedé chá, e café, tinteiro, e penna,
Temo que alguma vez peça o penico!

Estupido tropel co'as mãos o approva,
Pé merecendo o vandalo guerreiro,
Que avesso do que foi saíu da cova!

Comico sem-sabor, porém matreiro,
Pedra philosophal de especie nova,
Que torna parvoices em dinheiro!

354

Retrato do guarda-mór da Alfandega do
Tabaco, João da Cruz Sanches Varona

O guarda-mór da calva para baixo
É mais desagradavel que um capucho;
Não tem bofe, nem figado, nem bucho,
Mais chato me parece que um capacho:

As costas são cavernas de um patacho,
Os queixos são as guelas d'um caxuxo,
Tem figura de magico, ou de bruxo,
Na cabeça miolos lhe não acho:

Affecta no exterior sancto de nicho,
Por dentro é mais sinistro do que um mocho,
E aloja mais peçonha do que um bicho:

O que os outros tem cheio, elle tem chocho;
O que é nos mais vassoura, n'elle é lixo;
E anda isto entre nós? Ah bom arrocho!

355

Ao mesmo sujeito

Com habito de fóra, e de capote,
O Varona, tractante sem limite,
Deixando as frescas margens de Amphitrite,
Em practica foi pôr subtil calote:

Á rua Augusta caminhou de trote,
(Passo que a velha edade não permite)
E vendo um-mercador, teve appetite
De encontrar n'elle credulo pechote:

Entra, curvando o tremulo gasnate,
Requer de baetão covados sete,
Que o mercador lhe fia, annoso orate!

Péga do fardo, amigos accommette,
Em rifa o pœe, augmenta-lhe o quilate,
Pilha o dinheiro, e falta ao que promette.

356

Ao mesmo

Com rosto o guarda-mór mésto e medonho,
Vendo á porta um credor, que é seu visinho,
«Neguem-me sempre (disse ao *Cupidinho*)
Senão, sem lhe pagar na rua o ponho.

«Nunca fui de illusões, não me envergonho,
Nem se me faz vermelho este focinho;
Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,
Que eu fico muito lepido, e risonho:

«Com as minhas astucias cá me avenho;
E se é preciso um falso testemunho,
Da calunnia o character desempenho:

«Não me pilham vintem Dezembro e Junho;
È a favor d'estas cans, e cruz que tenho,
Todo, todo em calotes me desunho.»

357

Ao mesmo

Mais que os esbirros o Varona esbirro,
Disse a dous aguasis, pregando um berro:
« Áperta, amigos meus, cordão ao perro,
Com elle quero ser peor que Pyrrho:

« Em leval-o á prisão inda hoje imbirro;
Elle lá vem surgindo, áquelle ferro...
Agora, sim, contra elle mais me emperro;
Mirrem-se vocês lá, que eu cá me mirro.

« Amigos, socios meus, querem esturro?
Aqui tem do melhor, que não é barro;
Se intentar resistir, murro, e mais murro!

« Ah poeta infiel! Hoje te agarro!
Lançou-se a minha Rita como um burro;
Apesar d'esta cruz tambem o amarro.»

358

À senhora D. Rita, filha do sobredito
guarda-mór, a qual (dizem) batêra no pae

Cantemos todos lugubres endechas,
Que a Rita, capataz das femeas chochas,
Ao descarnado pae de gambias frouxas
As sacrilegas mãos poz nas bochechas:

Redobre o echo ltuosas queixas,
Piem té rebentar mochos e mochas,
E ao vêr do amo afrontado as faces rôxas
Cupidinho leal córte as madeixas:

De raiva o guarda-mór rôa bolachas;
As tres criadas mettam-se capuchas,
E as paredes de horror abram mil rachas!

E ta, que pelas cans paternas puchas,
Vae no centro voraz de accezas achas
Ter o tragico fim, que tem as bruxas!

Inventario da casa do guarda-mór

(Dialogo entre Bersane e Bocage)

« Já que grita a barriga, e a cêa tarda,
« Aqui em verso brando, humilde, e humano,
« Vamos ambos fazer, amigo Elmano,
« Leilão dos trastes, que possui o guarda. » —

Casaca velha, rota, suja, parda,
Feia, ruim, de amarellado panno;
Sapatos, que solou ha mais de um anno,
De que inda o remendão o importe aguarda:

Rouxinol, codornix, e dous cochichos;
Seis panellas, tres trempes, e dous tachos,
Dez perrucas, viuvas de rabichos:

Quatro cadellas *femeas*, dous cães *machos*;
Uma filha, mais feia que tres bichos;
Eis aqui seus serviços e despachos!

360

Ao senhor José Ventura Montano

Rogando-lhe soccorro para pagar a renda das casas em que
o auctor habitava

Demanda-me usurario senhorio
Do já findo semestre a somma escassa,
E enjoado d'esperas, sei que traça
Por-me em Janeiro a passear ao frio:

Elle em taes casos para mais tem brio,
Que é homem pé de boi, vilão de raça:
Já creio que o mandado extráe, e o passa
Á mão ganchosa de aguasil bravio:

Tu, que detestas esta corja horrenda,
Que deveu a ganancia inutil sua
Primeiro ao chafariz, depois á tenda:

O avaro alegre, que um semestre amûa:
Acode ao caro amigo, antes que aprenda
De cães vadios a dormir na rua.

*

Ao Padre-Mestre
D. Bernardo da Senhora da Porta,
geral dos conegos Regrantes

Que não permittia ao auctor a entrada no Mosteiro
de S. Vicente de Fórs.

Corre furioso o episcopal repollo,
No habito branco, e nas feições vermelho;
Porém mais corre o portuguez francelho,
Com a preza carnal, que trouxe d'olho:

Deita agora essas barbas de remollo,
Hypocrita falsario, hediondo velho;
Quando queiras tomar o meu conselho
Não sejas para as aves vil trambolho:

Olha que se ellas enchem o bandullo,
Vae-me cheirando a haver muito retalho,
E dás co'a prelazia de mergulho:

Evita com prudencia algum trabalho,
Quando não, meu Bernardo, o teu orgulho
Sobre ti descarrega um bom vergalho.

362

Ao heroismo de um frade

Dispersando com uma tocha os Irmãos Terceiros, que em uma
procissão disputavam preferencias

Qual tropa regular, a fradaria
Investe a sacra, estúpida ordenança:
A Paz, filha do céo, calada e mansa
Dos couces, das patadas se desvia:

Preside alto Furor á lide impia,
De serpes infernaes toucada a trança:
Pansudo frade borra a tudo avança;
O furor marcial nos socios cria:

De um cirio desenvolve heroicos feitos;
D'este rompe o nariz, d'aquelle a capa,
Adeus, hombros; adeus, olhos, e peitos!

Do sacro phrenesi ninguem lhe escapa...
Oh que bem do alcorão cumpre os preceitos
O revoltoso exercito do papa!

Em uma excursão que fez a Setubal,
encontrando ahi em uma casa certos tras-
tes, que tinham sido de seus paes

Trastes sedichos, moveis de outra edade,
De meu primeiro avô mimo e ventura,
Eu vos saúdo, já que a desventura
Tanto respeita a vossa dignidade:

Nem tu me esquecerás, oh raridade,
Leito, que cerca horrivel bordadura!
Tu, que juraste pela Estyge escura
Mijar na cova á mesma eternidade!

Ah! não se atreva braço aventureiro
De incançavel algoz, que o mundo arraza,
Quebrar dos tempos o braço primeiro!

Longe, incendio voraz, que tudo abraza!
Tenham meus descendentes sem dinheiro
A *Historia Natural* sempre de casa.

364

GLOSANDO O MOTTE:

«Das almas grandes a nobreza é esta»

Apertando de Nize a mão nevada
A furto lhe pergunto: «De mim gósta?
Cala-se Nize, e manda-me resposta
Nas azas d'estrondosa bofetada!

«Que é isso?» grita a mãe — «Senhora, é nada»
Lhe responde com voz branda e composta:
Ferve susurro aqui, e á parte opposta
Rebenta insultadora pateada:

«Calae-vos (lhes gritei) homens estultos!
Achei Nize, guardando o lume a Vesta,
Quando julguei que a Amor rendia cultos.

«Sou nobre! sou heróe! vamos á festa!
Amar, e por Amor soffrer insultos,
«Das almas grandes a nobreza é esta.»

365

A um fallador insoffrivel

Famosa geração de falladores
Sôa que foi, Risêo, a origem tua;
Que nem todos os cães ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores:

Um a lingua ensinou dos palradores,
Outro o moto continuo achou na sua;
Outro, além de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma junta a cem doctores:

Teu avô, sanctanario venerando,
Soube mais orações que mil beatas,
Com réza impertinente os céos zangando:

Teu páe foi um trovão de pataratas;
Teu tio, o bacharel, morreu fallando;
Tu fallando, Risêo, não morres, matas.

366

Retrato proprio

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno:

Incapaz de assistir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura;
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethal veneno:

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) n'um só momento,
E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Saíram d'elle mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

367

Segundo retrato

De ceruleo gabão, não bem cuberto,
Passêa em Santarem chuchado moço,
Mantido ás vezes de succinto almoço,
De cêa casual, jantar incerto:

Dos esburgados peitos quasi aberto,
Versos impinge por miudo e grosso;
E do que em phrase vil chamam *caroço*,
Se o quer, é *vox clamantis in deserto*:

Pede ás moças ternura, e dão-lhe motes!
Que tendo um coração como estalage,
Vão n'elle accommodando a mil peixotes:

Sabes, leitor, quem soffre tanto ultraje,
Cercado de um tropel de franchinotes?
É o auctor do soneto;—é o Bocage!

368

Ao padre José Manoel de Abreu e Lima

Que aproveitando-se da prisão do auctor,
lhe tomára o primeiro acto de um drama «A Restauração de
Lisboa»; e completando-o o pôz em scena como seu

Em vão, padre José, padre, ou sacrista,
De magra cachimonia, esteril penna,
Encaixas do Salitre sobre a scena
D'alta Lisboa a celebre conquista:

Bocage d'entre as grades pede vista
Contra um roubo, mais certo que o de Helena;
E a comica Thalia te condemna
Dos plagiarios vis a andar na lista:

De «Affonso» houveste ás mãos acto primeiro,
Fructo do pobre auctor encarcerado,
E déste a consciencia por dinheiro:

Roubaste-o pelo ver encafuado?
Cuidas talvez que é cova o limoeiro?
Ora treme de o ver resuscitado!

Alludindo á tragedia «Zaida» de José
Agostinho de Macedo

Que fôra pateada nas primeiras representações

Na scena, em quadra tragico-hynvernosa
Zaida se impingiu (fradesco drama!)
Appareceu depois, com sede á fama,
Tragedia mais egual, mais lastimosa:

O auctor prantêa em phrase apparatusa
Esfaqueado arraes, pimpão d'Alfama;
É alvar o galan, ratinha a dama;
O macho é Simeão, e a mula é Rosa:

Espicha o rabo (eu tremo ao proferil-o)
Espicha o rabo ali o heróe na rua
Qual Muratão nos areaes do Nilo:

Elmiro na tarefa continua;
Já todos pela escolha, e pelo estilo
Rosnam, que a nova peça é obra sua.

370

Tendo apparecido um soneto satyrico
contra um drama de Thomaz Antonio dos
Santos e Silva

Contra o drama « O Recife restaurado »
Do Milton portuguez, selecto drama,
Rolho versejador seu fel derrama
Com ignorancia, Inveja, e Odio ao lado:

Presidindo a ignorancia ao parto ousado
Lhe imprime a Inveja a raiva, em que se inflamma;
O Odio em tosca parede a *massa acama*
Com que fica o soneto ali colado:

Novo cartaz, que gente não apinha!
Correm todos a lêr o vil criterio
Exposto em phrase insulsa, audaz, mesquinha;

Eis Genio velador d'extenso imperio,
O arranca, para ser em vil casinha
De fetida limpeza ministerio.

371

Feito em um intervallo da sua
final molestia

Se eu podera ir de tralha, ir á surdina
Por ahi! Forte sede, e forte gana
De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,
De ti, que dos pingões és gulosina!

Que tempo em que eu com sucia, ou grosssa, ou fina,
Para a tia Anastacia (a tal cigana)
Ia, e vinha depois co'a trabuzana
A remos, no mar roxo, ou á bolina!

Quando has de consentir, cruel Fortuna,
Ao magro, de olho azul, de tez morena
O bem d'andar a flaino, e d'ir á tuna?...

Mas ai! Maldicto som, que me condemna!
Dize, oh Fado, ao bizouro, que não zuna...
Ahi me chama algum — *Alma pequena!*

372

Análogo ao antecedente

Chalaça minha, que chibavas tanto
Na sucia dos tafues! És uma feia;
Deixas-me andar talvez por lingua alheia,
Ou lá não sei por onde, e eu cá n'um canto!

Vem para casa, vem, que me ataranto
Sem te vêr ao jantar, sem vêr-te á cêa;
Da enferma historia minha urdindo a têa,
Dê-se a folguedo o que se deve ao pranto:

Contem-se o « *Vae melhor* » e o « *Não é nada* »;
Sêccos « *Bons dias* » da hyperborea mana,
E a roda viva da vivaz criada:

Amolleça-se o fel da vida humana,
Até que a Morte, de broquel e espada,
Nos leve á cortezia até Pantana.

373

Ao senhor

D. Gastão Fausto da Camara Coutinho

Pelos mesmos consoantes de outro, em que elogiára o auctor

Ah meu Gastão! o Pindo senhorêa,
Riscos não temas, não periga o nada;
Franquêa a mente á Musa, que avisada
Turbas rasteiras a grasnar recréa:

Narra os altos portentos de que é cheia,
No vulgo, e em botequins dá-lhe morada;
Se é pois d'heróes a critica esfaimada,
Contra asnos, charlatães golpes sopêa:

Alhos porros, em vez de louro, amigo,
Nos mórnos versos, que imprimiste, plantas,
Que eternos cubrirão o teu jazigo:

Ficarás immortal por fórmãs tantas,
Que o porvir minará no tempo antigo,
Com medo do tal cão das tres gargantas.

374

A F. Galina

(Dialogo)

Perg. Quem é este boneco impertigado
De laçarrão ao peito, e farda ruça?

Resp. É um, que em solo-inglez escaramuça,
E arranha na bandurra o seu bocado.

Perg. É nobre? *Resp.* O seu solar, e o seu morgado
Tem no gasto capote, em que se embuça.

Perg. De que vive? Que faz? *Resp.* Geme, e soluça,
E de amantes paixões anda mirrado.

Perg. E ha moça, que o affecte? *Resp.* Oh lé, quarenta;
E uma (de aspecto mau) tanto o cubiça,
Que cedo a mão na egreja lhe apresenta:

E para a brincadeira, em que é noviça,
Dão-lhe lições a tia bolorenta,
A carunchosa avó, e a mãe sediça.

Desaggravo da injuria feita ao auctor
(então quasi moribundo)

Pelo editor da novella «A Hispanhola Ingleza» attribuido-lhe
aquella má traducção

Mercenario pregão de cégo andante
(Quixote de phantastica donzella)
Audaz impinge sem-sabor novella,
Munida de um Bocage alti-sonante.

Nos floreatos tempos, em que fui xibante,
Ai do inglez, e da moça, inda que bella,
Ai de quem ousa com venal balella
Pôr-me em pardo papel, e em vil barbante!

Deploraveis mortaes! Não somos nada!
Meu nome, que exparziste, honraste, oh Fama,
Meu nome em berraria, em assoada!

A gloria me insta, a cólera me inflamma;
Eu, eu brigo... Oh Perpetua, dê-me a espada...!
Mas ai! Hercules só brigou na cama.





